UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

FELIPE SABINO DA SILVA

Fora das quatro linhas:

Literatura esportiva e a produção acadêmica sobre futebol no Rio de Janeiro e São Paulo
(1970-2016)

São Paulo
2019

FELIPE SABINO DA SILVA

Fora das quatro linhas:

Literatura esportiva e a produção acadêmica sobre futebol no Rio de Janeiro e São Paulo
(1970-2016)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Solange Ferraz de Lima

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

SS5861 f Silva, Felipe Sabino da
Fora das quatro linhas: Literatura esportiva e a produção acadêmica no Rio de Janeiro e São Paulo (1970-2016) / Felipe Sabino da Silva ; orientadora Solange Ferraz de Lima. - São Paulo, 2019. 185 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de História. Área de concentração: História Social.

1. Futebol. 2. Historiografia. 3. História do Brasil. 4. História Contemporânea. I. Lima, Solange Ferraz de, orient. II. Título.

SILVA, Felipe Sabino. **Fora das quatro linhas:** Literatura esportiva e a produção acadêmica no Rio de Janeiro e São Paulo (1970-2016). Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Mestre em História.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Solange Ferraz de Lima, minha orientadora, por todos os conselhos, críticas, ensinamentos e direcionamentos construtivos, que foram de inestimável valor para a conclusão da pesquisa. Ao Prof. Dr. Flávio de Campos e ao Prof. Dr. Fábio Franzini, pelas críticas e pelos conselhos durante o Exame de Qualificação. Serei eternamente agradecido por guiar minhas ideias.

À minha família, nas figuras de minha mãe, Maria Aparecida Tasso, eterna inspiração, exemplo de pessoa que decidi seguir, ponte segura para a vida, não seria nada sem você. De meu pai, Genario Sabino, que de outra forma também é um exemplo de vida do qual aprendi muito. De meu irmão, Marco Aurélio Sabino, meu melhor amigo, desde seu nascimento aprendi a ver o mundo de outra maneira. De minha tia, Marta Tasso, minha segunda mãe, que sempre apoiou e deu suporte quando precisei. De minha companheira, Elizabeth Trentini, que está na linha de frente da vida comigo, me apoiando em tudo, provando que com respeito mútuo, uma relação pode ser construída. Esse agradecimento não representa 1% daquilo que gostaria de dizer.

Aos amigos Leandro Tateishi e Eduardo Yasuda, inestimáveis em todos os momentos, presentes na minha vida nos últimos 25 anos e que nunca deixaram de me apoiar quando foi necessário. Aos amigos Raphael Meneses, Marcel Tisi, Marcus Borgonove, Ygor Borgonove, Eric Moia, André Luz, Pedro Henrique, Vitória Otero, Geovane Maia, Anderson Tobita, que não estão perto fisicamente, mas fazem parte da minha vida. Não importa o tempo que fiquemos distantes, o reecontro é como se a última conversa tivesse sido na noite anterior.

Ao Serviço Social do Comércio (SESC), nas figuras da gerente Marta Colabone e das coordenadoras Elizabeth Brasileiro e Ilona Hertel, por viabilizar através de uma bolsa horário, a participação em uma pós-graduação. No Sesc Memórias, devo um agradecimento aos meus colegas e ex-colegas de trabalho, Rodrigo Irponi, Marcio Kawano, Fabricio Ribeiro, Joana Arêas, Carla Lira, Madalice Alves, David Arnaud, Adriano Vannucchi, Michele Celestino, Mariane Santos, Gabriela Leal, Luiz Izidoro, Mariana Aguirre, Isabella Araki, Maria Edilma, Emerson Santos e Marcos Borba (em memória), que participaram do processo de construção do profissional que sou e em muitas oportunidades cederam humildemente ideias para o desenvolvimento desta dissertação.

“O futebol é uma ideia e também uma metodologia”

(Adenor Leonardo Bacchi)

RESUMO

SILVA, Felipe Sabino. **Fora das quatro linhas:** Literatura esportiva e a produção acadêmica no Rio de Janeiro e São Paulo (1970-2016). 2019. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Mestre em História.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a produção acadêmica sobre futebol nas ciências humanas entre os anos 1970 e 2016. O trabalho consistiu em um mapeamento e em uma análise das dissertações de mestrado e das teses de doutorado defendidos nos programas de pós-graduação das universidades públicas dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Buscou-se compreender como se deu a entrada deste objeto no meio acadêmico em um período onde o futebol é tratado como “ópio-do-povo” por alguns intelectuais e estudiosos das humanidades. Este levantamento permite uma análise do campo de conhecimento criado sobre o futebol, apresentando um panorama da produção acadêmica.

Palavras-chave: Futebol. Historiografia, Historia do Brasil, História Contemporânea.

ABSTRACT

SILVA, Felipe Sabino. **Outside the four lines:** Sports literature and academic production in Rio de Janeiro and São Paulo (1970-2016). 2019. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do Título de Mestre em História.

This research aims to analyze academic literature relating to soccer in the human sciences between the years of 1970 and 2016. This project consists of a mapping and analysis of masters' dissertations and doctoral theses defended in postgraduate programs of public universities of the states of São Paulo and Rio de Janeiro. The intention is to understand how the entry of this research in the academic environment occurred in a period where soccer was treated as the "opium-of-the-people" by some intellectuals and scholars of the human sciences. This research allows an analysis of the knowledge field created on football, presenting a panorama of the production of academic works.

Keywords: Football, Historiography, History of Brazil, Contemporary History.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
 1. A construção do campo de conhecimento sobre futebol: uma análise da literatura esportiva pré-acadêmica.....	20
1.1 - Habitus, campo e trajetória: a construção simbólica do futebol.....	21
1.2 - Trajetória da literatura esportiva pré-acadêmica e a construção do campo de pesquisa universitário.....	26
 2. A conformação do campo de estudos sobre futebol: uma análise da literatura esportiva acadêmica.....	101
2.1 - Pioneirismos e a legitimação do futebol enquanto objeto das ciências humanas.....	102
2.2 - Ferramenta de Pesquisa e Preparação dos Dados.....	108
2.3 - Panorama dos indicadores das dissertações e teses sobre futebol no Brasil.....	117
2.4 – Proposta para uma categorização temática.....	144
 3. Considerações Finais: Apontamentos para os estudos acadêmicos sobre futebol no Brasil.....	147
 4. Referências Bibliográficas.....	153

Introdução

O futebol, bem como as demais modalidades esportivas modernas, possui uma forte conexão com o contexto onde é praticado. Portanto, sua atuação pode ser analisada sob os mais variados ângulos. O interesse desta pesquisa se enquadra no campo da história da historiografia, com propósito de investigar a produção acadêmica sobre o futebol nas universidades públicas ou seja, como, nas humanidades, o futebol é tratado como elemento central de dissertações de mestrado, teses de doutorado, pós-doutorado e livre-docência.¹ Tal abordagem parte do pressuposto que a produção histórica e historiográfica existe em um processo cumulativo e a cada momento é reelaborada, nunca dotada de verdades absolutas ou versões finais das temáticas tratadas.²

Compartilho da perspectiva de Ulpiano Bezerra de Meneses que, ao tratar da pesquisa em fontes primárias, nos instiga a percorrer o ciclo completo de análise documental, desde sua produção, passando por sua circulação, pelo consumo e ação. Isto não significa que a pesquisa deva desembocar em uma *summa* enciclopédica, ou no nosso caso, em uma catalogação bruta e simples dos trabalhos acadêmicos, pois a pesquisa histórica deve ser triangulada por problemas³. Ou seja, não é objetivo desta dissertação criar uma lista de trabalhos acadêmicos, ou realizar uma análise aprofundada de todas as obras indicadas, mas apresentar uma visão crítica sobre um tipo de conhecimento existente, porém disperso, parte de um processo onde diferentes grupos e sujeitos constroem sentido e dão forma a esse objeto.⁴

A produção acadêmica é tratada como um objeto descritivo ou analítico para distingui-lo da variante enumerativa, dedicada às listas de obras. Uma forma de transmissão de ideias através de diferentes suportes - impressos ou

¹ Embora uma parcela relevante da produção acadêmica sobre futebol se concentre em artigos, ensaios, *papers* e trabalhos de conclusão de curso, optamos por não incluir esse material no levantamento e concentrar os esforços em dissertações e teses. Tal recorte se faz necessário para tratar de um conjunto muito rico, mas pouco explorado enquanto grupo documental.

² SILVA, R. F. História da historiografia: capítulos para uma história das histórias da historiografia. São Paulo: EDUSC, 2001. p.21-31

³ MENESES, U. T. B. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. Revista Tempo. Rio de Janeiro, n.14, jan/jun, 2002. p.140-151.

⁴ MENESES, U. T. B. A problemática do imaginário urbano: reflexões para um tempo de globalização. Revista da Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v.55, jan/dez. 1997 p.11-20

virtuais –, que resultam na construção do conhecimento sobre um objeto. Um modelo que analisa como as ideias surgem e como se propagam na sociedade, afetando o pensamento e a condutado público interessado em um assunto. Para Robert Darnton, esse caminho é chamado de circuito de comunicação “que vai do autor ao editor, ao impressor, ao distribuidor, ao livreiro e ao leitor. Por influenciar o autor tanto antes quanto depois do ato da escrita, o leitor completa o círculo. Autores também são leitores.”⁵

Agregado a isso, três fatores condicionam esse circuito, sendo “as influências intelectuais e publicidade, a conjuntura econômica e social, além de sanções políticas e legais”.⁶ Ao estudar produções acadêmicas como dissertações e teses, livros, apresentações em eventos e congressos, produção de seminários, formação de grupos de estudo ou centros de pesquisa, organização de acervos documentais e museus, produções multimídias e audiovisuais, dentre outros, o historiador precisa deixar claro que os estudos não apenas relatam a história, mas fazem a história, são parte de um processo ou circuito maior.

No caso, esta dissertação dispõe da produção acadêmica sobre futebol como documentação primária. A opção por trabalhar com tal conjunto se dá pela quantidade e pela especificidade de trabalhos existentes. O levantamento realizado reúne 186 dissertações e teses catalogadas em bases de dados de bibliotecas universitárias apenas no Rio de Janeiro e São Paulo. Até o presente momento, este conjunto se divide em 13 instituições de ensino e pesquisa divididas entre o Rio de Janeiro e São Paulo.⁷ O estudo delimita sua abrangência, baseado em dois critérios, os limites do pesquisador e as limitações de acesso as fontes e seus contextos de produção. Portanto, a dissertação traçou algumas delimitações, através das quais será possível verificar algumas possibilidades, caminhos, análises e interpretações dos dados coletados. No que diz respeito ao acesso e disponibilidade desta documentação, ressalto a importância da mediação tecnológica que dispõe

⁵ DARNTON, R. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo Companhia das Letras, 2010. p.111.

⁶ Ibidem, 2010. p.113.

⁷ Neste levantamento não estão contabilizados trabalhos produzidos por brasileiros no exterior, ou por estrangeiros que tratem do futebol brasileiro como objetivo de pesquisa. Alguns exemplos são os trabalhos de Jenet Lefer e Alex Bellos, dentre tantos outros encontrados.

com relativa facilidade as fontes, os repertórios, os acervos bibliográficos e os recursos para esse tipo de pesquisa. Mesmo com algumas lacunas e problemas com a catalogação dos trabalhos acadêmicos, o levantamento apresenta um panorama sobre as principais linhas de pesquisas, sobre os autores e seus orientadores.

Ainda, concordo com a perspectiva de Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari, quando afirmam que produção acadêmica sobre futebol no Brasil não é tão escassa quanto se pensa, mas carece de uma maior abertura, diálogo e intercâmbio de informações - dos trabalhos produzidos e dos grupos consolidados que se propõem a discutir e a pesquisar sobre o tema. Para os autores, essa mudança gradual eliminaria dificuldades de pesquisa e conferência de dados coletados, como a desatualização de currículos *lattes*, informações em portais, como da Capes, e das bases de dados nas bibliotecas das próprias universidades, além do desencontro na disponibilização das informações, principalmente quanto ao título da pesquisa.⁸

A dinâmica da produção acadêmica sobre futebol nas humanidades atesta sua historicidade e um estudo sobre o uso deste objeto se faz necessário para viabilizar uma análise dos contextos de produção, ao mesmo tempo que permita apresentar problemas de natureza epistemológica associados ao futebol. A pesquisa partiu da observação cautelosa de datas e períodos, sendo esses os pontos de referência a partir dos quais pode-se apontar o andamento dos estudos historiográficos. Trata-se de avaliar o estado do conhecimento com o objetivo realçar determinado período para poder analisar o seu desenvolvimento, as principais temáticas abordadas, as áreas não investigadas e quais caminhos podem ser traçados com base nos estudos existentes.⁹

O recorte cronológico adotado, entre os anos 1970 e 2015, deve-se a um crescimento gradual de trabalhos acadêmicos a cada década, que passa a figurar com maior visibilidade nas ciências humanas a partir dos anos 1970, com as dissertações de mestrado de Maria do Carmo Leite de Oliveira, “Língua em jogo: futebol x imprensa”, defendida em 1973 no Programa de Pós-

⁸ GIGLIO, S. S., SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol: Um panorama (1990-2009). Revista de História, São Paulo, n.163, 2010. p.314.

⁹ Ibidem, 2001. p.27-31.

Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e a de Simone Lahud Guedes, “O futebol brasileiro: instituição zero”, defendida em 1977 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Apesar da importância social, cultural e política do futebol no Brasil desde o começo do século XX e da longevidade dos cursos de graduação e pós-graduação nas universidades públicas no país, datados dos anos 1930 e 1970, ao menos quatro décadas foram necessárias para que acadêmicos das humanidades rompessem a barreira intelectual que permitisse o futebol se tornar um objeto de estudo monográfico em uma dinâmica sistemática e organizada de produção de conhecimento.

A relação entre intelectuais, acadêmicos ou não, com o futebol foi, e de certa maneira, continua sendo, um tema controvertido, como aponta Bernardo Buarque de Hollanda, ao concluir que a relação histórica entre escritores e este esporte sempre foi distanciada, muito por suas características populares e coletivas, pouco apropriadas a indivíduos com interesses voltados a “questões elevadas” e de maior importância. Assim, a prática esportiva, que envolve o adestramento físico e a competência atlética, não se afigurava a princípios compatíveis com pessoas pouco afeitas às coisas do espírito ou de preocupações intelectuais medianas.¹⁰

Além disso, a apropriação política do futebol pelo Estado, especialmente no período ditatorial brasileiro (1964-1985), trouxe desconfiança à comunidade acadêmica que tratava o esporte como uma ferramenta de manipulação social, uma espécie de “ópio-do-povo” que distrairia a população quanto as questões críticas daquele momento. No texto de abertura da coletânea *Universo Futebol: esporte e sociedade brasileira* (1982), intitulado “Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”, Roberto DaMatta, critica o descaso acadêmico sobre o futebol e a visão generalista que atribui ao esporte o status de “ópio-do-povo”, buscando a quebra dessa visão a partir de vieses antropológicos e da importância da relação desse esporte com a sociedade onde está inserido. A coletânea organizada por DaMatta, com a presença de

¹⁰ HOLLANDA, B. B. B. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003. p.11.

artigos de outros pesquisadores como Luiz Felipe Baêta Neves Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel, pode ser considerada a “pedra fundamental” da formação estrutural dos estudos acadêmicos sobre o futebol no país e detalhes de sua importância serão debatidos nos capítulos a seguir.¹¹

Mesmo incipiente, podemos identificar nas décadas de 1970 e 1980 um debate estabelecido, com tons de preocupação, sobre o lugar do futebol nas ciências humanas, agregado aos primeiros movimentos de abertura política do país que motivam outros dois autores a escrever sobre o descaso acadêmico para com esse objeto, assim como levantar problemas na relação da seleção brasileira com o poder vigente. Como aponta Ronaldo Helal, na revista *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 5 - dois artigos que se encaixam nesse debate. Joel Rufino dos Santos em “Na CBD até o papagaio bate continência” inicia sua análise criticando o descaso dos estudos acadêmicos sobre o futebol: “Os estrangeiros se surpreendem que no ‘país do futebol’ não se haja escrito uma única história do futebol”, e segue criticando a “militarização” da seleção brasileira de futebol, da falta de negros na equipe, da “decadência” do nosso futebol, porém, apostando, de maneira otimista, que o suposto declínio deste esporte no país estaria com os dias contados.¹² O segundo artigo, escrito por Jacob Klintowitz e intitulado “A Implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol – 1978”, afirma que “foi adotada na seleção-78 uma linha expressiva não brasileira”.¹³ O autor, tal como Santos, “denuncia” a “militarização” da seleção, critica o excesso de “obediência” tática e técnica, a falta de “dribles” e um excesso de “linguagem tecnocrata” por parte dos jogadores e da comissão técnica. Diferente de Santos, no entanto, o artigo de Klintowitz não aposta em dias melhores e termina com o tom apocalíptico.¹⁴

Na virada para os anos 1980, ainda na UFRJ, Ricardo Benzaquen de Araújo publica “Os Gênios da Pelota – Um estudo do futebol como profissão”,

¹¹ DAMATTA, R. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

¹² SANTOS, J. R. Na CBD até o papagaio bate continência. *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro, n.5, p.119-129, nov. 1978.

¹³ KLINTOWITZ, J. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol – 1978. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n.5, p.113-118, nov. 1978.

¹⁴ HELAL, R. Comunicação e Nação: a trajetória do campo acadêmico. *Revista Comunicação*, São Paulo, Mídia e Consumo, v.8, n.21, p.11-37, mar. 2011.

dissertação de mestrado também defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim como desenvolveu Simoni Guedes, o trabalho de Benzaquen alinha-se a proposta de estudo de DaMatta - apesar de ter sido orientada pelo antropólogo urbano, Gilberto Velho - e evita tratar o futebol como “ópio-do-povo”, ou apenas como uma ferramenta de alienação social. Através de uma série de entrevistas com jogadores, o autor discute a motivação do jogador ao optar pelo esporte como profissão, a hierarquização do time a partir das ideias de “dom” e “talento” e a relação conturbada entre jogadores e dirigentes.

Enquanto Roberto DaMatta se reunia com outros pesquisadores para o debate e a publicação da coletânea *Universo Futebol* (1982) no Rio de Janeiro, João Carlos Sebe Bom Meihy e Sebastião Witter tratavam do mesmo assunto na Universidade de São Paulo (USP). As motivações dos professores se assemelharam àquelas apresentadas pelos demais pesquisadores, como é citado na Nota Explicativa do livro “Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos”, publicado em 1982: “a reunião de artigos sobre o futebol brasileiro, compondo uma antologia, é o primeiro passo para um trabalho cujo término não se pode prever. É o início de uma caminhada e é resultado de uma inquietação de diferentes pesquisadores que tinham uma preocupação em comum, o futebol”.¹⁵ Além de Sebe e Witter, outros pesquisadores como Robert Levine, Matthew G. Shirts e Cláudio Bertolli Filho se envolveram na produção de artigos para o livro. O interesse acadêmico sobre futebol amplia-se na Universidade de São Paulo (USP) a partir da Revista da USP. Nela é publicado um dossiê sobre futebol, divulgando produções acadêmicas de pesquisadores que iniciavam seus estudos no campo do esporte. Além disso, é dado espaço a reflexões de docentes consagrados em outras áreas, como Nicolau Sevcenko.¹⁶

Nas páginas a seguir, apontaremos de maneira aprofundada outros trabalhos que, a partir dos anos 1990, colaboraram para o efetivo lugar do futebol enquanto objeto das ciências humanas, assim como no processo de ampliação do campo e do desenvolvimento de setores auxiliares, disciplinas

¹⁵ MEIHY, J. C. S. B; WITTER, J. S. Futebol e Cultura: Coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982. p.9.

¹⁶ SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. Revista USP, São Paulo, n.22, p.30-37. 1994.

específicas, publicação de revistas, formação de grupos de pesquisa, etc. Neste momento, cabe listar alguns desses autores de maneira a complementar à justificativa para nosso recorte temporal, são eles Murad (1996 e 2007), Toledo (1996, 2000 e 2002), Guedes (1998), Helal (1997), Helal, Soares e Lovisolo (2001), Helal, Lovisolo e Soares (2011), Gordon e Helal (2002), Soares (1994, 1998, 1999 e 2001), Soares e Santoro (2009), Lovisolo (2001 e 2002), Pereira (2000), Proni (2000), Damo (2002 e 2007), Florenzano (1998 e 2009), Guerra (2002), Antunes (2004), Holanda (2004 e 2010), Holanda e Mello (2012), Marques (2000), Marques, Carvalho e Camargo (2005), Mello (2009), Gastaldo (2002), Gastaldo e Guedes (2006), Silva e Santos (2006), entre vários outros.

A escassez de sistematizações sobre essa área de conhecimento nas humanidades é outro fator que justifica um estudo deste porte, visando compreender o “estado da arte” da produção científica que toma esse esporte como seu objeto de análise.

Um dos primeiros trabalhos de balanço e análise da produção acadêmica nas humanidades que se tem notícia é o *Futebol e Teoria Social: Aspectos da Produção Científica Brasileira 1982-2002* (2001) de Luiz Henrique de Toledo. O texto realiza um balanço bibliográfico dos principais trabalhos e pesquisas que tratam, particularmente, do futebol dentro das ciências sociais. Desta maneira, Toledo apresenta as conjunturas institucionais em que puderam ser desenvolvidas tais pesquisas e, num segundo momento, aponta as principais correntes analíticas que interpretaram tal objeto.¹⁷

Em 2009, o Grupo de Estudos sobre Torcidas (GEFUT), de Minas Gerais, produz o *Levantamento da produção acadêmica acerca do futebol nas ciências humanas e sociais (1980-2007)*. O CD-ROM integra uma listagem de artigos, livros, dissertações e teses com seus respectivos resumos, a partir dos quais o grupo pode demonstrar um mapeamento da produção acadêmica sobre futebol no Brasil. A pesquisa é dotada de uma série de gráficos e tabelas onde são destacados os estudos a partir da distribuição nas regiões geográficas,

¹⁷ TOLEDO, L. H. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. São Paulo, n.52, p.133-165. 2001.

diferente do número de teses e dissertações, distribuição em relação ao sexo dos autores, por categorias e por data.¹⁸

O principal texto de referência quando tratamos de balanços historiográficos sobre futebol é *A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama 1990-2009* (2009) de Sérgio Settani Giglio e Enrico Spaggiari. A partir de um mapeamento de artigos em revistas acadêmicas, dissertações e teses, os autores buscam apontar a significância da produção acadêmica sobre o tema e a necessidade de um maior intercâmbio dos grupos e pesquisadores independentes, para enfim consolidar essa área de estudos no Brasil. O artigo tem como base de referência a pesquisa apresentada pelo GEFUT, porém amplia a discussão e faz uma análise qualitativa sobre a produção acadêmica.¹⁹

Do ponto de vista da área de Comunicação, Roberto Helal apresenta uma análise da produção sobre o futebol nas ciências humanas no artigo *Futebol, Comunicação e Nação: a trajetória do campo acadêmico* (2011). O autor dá destaque a textos de intelectuais publicados em revistas acadêmicas dos anos 1970 e 1980, com temática voltada ao futebol e seus atores. Nessa perspectiva, o objetivo é verificar se o campo acadêmico em torno dos estudos sobre futebol já está consolidado e quais argumentos justificam esse movimento.²⁰

Em uma linha semelhante temos o artigo *História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes* (2010) de Luiz Carlos Ribeiro. Apropriando-se dos conceitos de *campo* e *habitus* de Pierre Bourdieu, o autor busca discutir a tradição historiográfica brasileira sobre futebol e como os primeiros textos e artigos encontram-se comprometidos com uma ideia de construção de identidade e nação. De um ponto de vista epistêmico, o artigo mostra que as pesquisas recentes se esforçam para mostrar o desengajamento da ciência em relação à legitimação identitária da

¹⁸ GEFUT. Levantamento da produção acadêmica acerca do futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009.

¹⁹ GIGLIO, S. S.; SPAGGIARI, E. 2009.

²⁰ HELAL, R. Comunicação e Nação: a trajetória do campo acadêmico. Revista Comunicação, São Paulo, Mídia e Consumo, v.8, n.21, p.11-37, mar. 2011.

nação e as possibilidades de estudar o futebol para além da necessidade de explicar o Brasil.²¹

Com um viés ligado aos esportes em geral, Simoni Lahud Guedes trata de analisar a contribuição acadêmica da Antropologia e das Ciências Sociais no texto “Esporte, Lazer e Sociabilidade” (2010). A autora debate as noções teóricas e os autores que constituem esse campo e como se inserem em um território, até então, dominado pelos jornalistas. O caminho para tal análise se dá a partir de um mapeamento da produção teórica e apresentando caminhos para o aprofundamento da temática no campo das humanidades.

Para fins de comparação, nas áreas de Educação Física e do Esporte, as pesquisas que trabalharam com produção do conhecimento surgem a no final da década 1980, com a dissertação de Rossana Silva, que realiza um diagnóstico do número de pesquisas concluídas e em curso, quais as linhas teóricas e conceitos utilizados, além de um levantamento sobre as formas de financiamento dos trabalhos.²² Recentemente, foram apresentados estudos de doutorado e mestrado abordando a produção do conhecimento, como os estudos Julia Paula Souza, que realizou uma análise epistemológica da produção científica das teses de doutorado e dissertações de mestrado do Programa de Pós-graduação da UNICAMP de 1991 a 2008, com atenção especial à articulação lógica entre técnicas, métodos e teorias utilizados nas pesquisas.²³ João Derli Santos estudou a produção do conhecimento em Educação Física nas universidades públicas e identificou as mudanças ocorridas, os avanços e as fragilidades do conhecimento na busca da consolidação da produção científica da área.²⁴ A tese de Michele Sacardo, por sua vez, teve o objetivo de realizar uma análise crítica dos indicadores da produção científica das teses e dissertações dos programas de pós-graduação

²¹ RIBEIRO, L. C. História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes. EFDeportes Revista Digital. Buenos Aires, ano 15, n.149, out. 2010.

²² SILVA, R. Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisando suas pesquisas. 1990. 236 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1990.

²³ SOUZA, J. P. M. Epistemologia da Educação Física: análise da produção científica do programa de pós-graduação da de educação física da UNICAMP (1991-2008). 2011. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

²⁴ SANTOS, J. D. de Souza. A produção do conhecimento em Educação Física: análise epistemológica das dissertações e teses dos 269 programas de pós-graduação nas universidades públicas da região sul do Brasil (2000-2010). 2012. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

em Educação Física da região Centro-Oeste.²⁵ Por fim, Alex Fensterseifer investiga e analisa o estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil sobre o futebol, com base no banco de teses da CAPES.²⁶

O presente trabalho dialoga com a produção recente em diferentes frentes: procura-se o entendimento do futebol enquanto objeto consolidado dos estudos das ciências humanas; localiza a produção mais recente dentro de um debate sobre o “estado-da-arte” desta produção, entendendo que as motivações e os resultados das pesquisas preservam o caráter orgânico deste campo de conhecimento; e trata de delinear a história da historiografia sobre futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, muitas vezes citada pontualmente, porém lacunar, com força e presença na memória dos agentes do processo de construção desta área de conhecimento.

Sobre as imagens apresentadas no decorrer da dissertação, optou-se por fazer uso do acervo do Museu do Futebol de São Paulo, a partir do banco de dados do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CFRB). A riqueza da documentação acumulada por essa instituição atende as necessidades deste trabalho, ao mesmo tempo que fazer uso do acervo valoriza o trabalho desenvolvido pelo Centro desde 2013.

No Capítulo 1, tratamos do pensamento acadêmico e intelectual sobre o futebol dentro das universidades públicas, investigando mais a fundo como se formaram as gerações de pesquisadores e quais os marcos históricos que definiram a quebra de preconceitos sobre este objeto. Dividimos as gerações de acadêmicos em duas, dando ênfase para as primeiras experiências de estudos, os pioneiros nesta área e quais eram suas especialidades até então. Desta forma, iremos apontar quem eram os intelectuais que se tornaram referência para a academia, quem eram os pesquisadores e como direcionaram a pesquisa. No segmento intitulado *Habitus, campo e trajetória: a construção simbólica do futebol*, é apresentado como compreendemos o futebol, enquanto objeto de estudo e elemento complexo de nossa sociedade.

²⁵ SACARDO, M. S. Estudo bibliométrico e epistemológico da produção científica em Educação Física na região Centro-Oeste do Brasil. 2012. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012.

²⁶ FENSTERSEIFER, A. Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil. 2016. 281 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis. 2016.

Na sequência, em *Trajetória da literatura esportiva pré-acadêmica e a construção do campo de pesquisa universitário*, analisaremos a transição do conhecimento intelectual sobre futebol do cotidiano e da imprensa para dentro da universidade.

No Capítulo 2, fazemos a análise quali-quantitativa do levantamento da produção acadêmica citada anteriormente, identificando as principais linhas de pesquisa e o “estado da arte” desta produção. No primeiro segmento intitulado *Pioneirismos e a legitimação do futebol enquanto objeto das ciências humanas*, analisamos o período entre 1990 e 1994, quando da publicação do Dossiê Futebol, dentro da *Revista USP* 22 (1994) e do lançamento da revista *Pesquisa de Campo* (1994-1997), periódico que abre espaço para diversos estudos do Núcleo de Sociologia do Futebol, coordenado por Maurício Murad. Nos segmentos seguintes, iremos aprofundar nossas questões metodológicas, aos descrever o processo de formulação de nossa ferramenta de pesquisa e como se deu a preparação dos dados. O objetivo é analisar a produção de cada universidade pública selecionada, identificando quem são os docentes dedicados a orientação de estudo no campo de futebol, se existem faculdades ou departamentos especializados, dentre outras características. Verificaremos se a existência de futebol profissional em certos estados é um fator que aumenta a produção acadêmica. Utilizaremos a produção acadêmica contemporânea como fonte primária e identificaremos como o campo da história é apropriado pelos pesquisadores nas diversas áreas de conhecimento que pensam o futebol e o tomam como objeto de estudo. Por fim, será apresentada uma proposta para categorização temática dos estudos acadêmicos de pós-graduação, a partir da análise das obras e o tipo de estudo que vem sendo desenvolvido nos últimos anos. O anexo deste trabalho, um CD-ROM que acompanha a dissertação, é resultado das etapas de pesquisa, organização e catalogação das obras acadêmicas que são descritas neste capítulo.

Por fim, o Capítulo 3 apresenta uma conclusão ao trabalho a partir de considerações e apontamentos para o futuro deste e de outros estudos sobre futebol nas ciências humanas. Iremos ponderar sobre nossas contribuições para o debate sobre o futebol e quais as limitações que impediram de avançar sobre outros temas.

Capítulo 1. A construção do campo de conhecimento sobre futebol: uma análise da literatura esportiva pré-acadêmica.

Neste primeiro capítulo convém investigar o percurso do pensamento intelectual e acadêmico que resulta na formação de um campo de estudos sobre o futebol nas humanidades. Para tal, partimos do mapeamento e de uma contextualização da produção pregressa à década de 1970, com intuito de compreender quais fontes servem de inspiração aos pesquisadores e quais são as bases teóricas para formação de linhas de pesquisa na história desse esporte.

A primeira parte do capítulo trata brevemente do futebol enquanto objeto histórico, a partir de um quadro teórico pautado na teoria de Pierre Bourdieu. No segmento, buscamos delimitar o valor simbólico deste esporte e como ele será compreendido no restante da dissertação. Da mesma maneira, verifica-se o campo acadêmico com intuito de compreender a forma que se configura o interesse dos pesquisadores sobre certos objetos históricos. A segunda parte do capítulo aborda a produção intelectual sobre futebol entre as décadas de 1930 e 1970, analisando artigos e livros de intelectuais como Gilberto Freyre, com *Foot-ball mulato* (1938), Mário Miranda Rosa, com *O papel da magia no futebol* (1944), Mario Filho, com *O negro no futebol brasileiro* (1946). Ao se apropriar e analisar o futebol, esses autores constituíram obras de referência para a geração de acadêmicos que dão início ao processo de construção deste campo do saber nas universidades públicas. Por fim, na terceira parte, analisamos a produção acadêmica que surge a partir da década de 1970 dentro das universidades públicas do Rio de Janeiro e São Paulo, com trabalhos de pós-graduação, como de Maria do Carmo Leite de Oliveira, com *Língua em jogo: futebol x imprensa* e de Simone Lahud Guedes, com *O futebol brasileiro: instituição zero*. O capítulo se encerra com a expansão com campo de estudo nos anos de 1980 e 1990, quando pesquisas resultam em edições especiais de periódicos, a formação de disciplinas dedicadas ao futebol, grupos de estudo e uma ampliação considerável de trabalhos de pós-graduação.

1.1. *Habitus, campo e trajetória: a construção simbólica do futebol.*

O futebol – primeiro ponto de interesse deste trabalho – é tratado como um elemento de compreensão universal, uma dimensão importante da construção identitária da sociedade brasileira, desde sua inserção no país durante o século XIX. O referencial de Norbert Elias e Eric Dunning distingue e delimita essa modalidade esportiva:

Jogos como o futebol são praticados por toda a parte de maneira similar e com a mesma dinâmica configuracional de base, esses jogos podem ser estudados como tais e, ao mesmo tempo, podem estudar-se as variações que surgem quando ao modo de jogar de nacionalidades diferentes, de equipes diferentes e de indivíduos diferentes.²⁷

A nomenclatura dada a este esporte delimita a modalidade da qual tratamos, pois praticamente em todos os países ocidentais é referenciado como *football*, ou uma tradução aproximada deste termo da língua inglesa. Assim, temos o *fussball* em alemão, o *voetbal* em holandês, *futebol* em português, *fútbol* em espanhol, *fotball* em sueco, todos relacionados a modalidade desenvolvida a partir do *association football*²⁸. Porém, existem exceções a essa tradução aproximada, sendo uma delas a nomenclatura italiana, que designa o esporte como *gioco del calcio*, ou apenas *calcio*, mas

²⁷ DUNNING, E.; ELIAS, N. Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios. São Paulo: Annablume, 2013. p.190.

²⁸ Em 26 de outubro de 1863, um conjunto de medidas chamados *Regras de Cambridge* (1848) serviram de base para criação daquela que seria a regulamentação do futebol. Em um encontro de alunos e ex-alunos de diversas escolas e faculdades inglesas na *Freemason's Tavern*, nasce a *Football Association (FA)*, um comitê responsável por uniformizar e difundir as regras futebol, responsável pelo documento onde estava definido o *association football*, em distinção a outras modalidades de jogos com bola aos pés. A *Football Association* buscava ampliar sua administração para o âmbito nacional, abraçando grande parte dos times ingleses e do Reino Unido. A hegemonia da organização foi questionada, principalmente no debate sobre as regras estabelecidas em 1863. Os times das diferentes associações jogavam entre si, porém havia uma discussão contínua sobre pontos específicos das regras adotadas por cada um. Com apoio dos clubes e faculdades, é promovida a unificação das regras do futebol em 1877 e a *Football Association* emerge como única autoridade de futebol na Inglaterra. Por sua relevância histórica até os dias de hoje, o processo de formação da *Football Association*, se confunde a história das origens do futebol na Europa.

ainda a tratar da mesma modalidade²⁹. Em países como Austrália, País de Gales, Estados Unidos e Canadá, o termo *football* se refere a outras modalidades esportivas, como é o caso do rúgbi, do futebol americano, do futebol gaélico e do futebol australiano. Nesses locais, a modalidade *football* da qual tratamos é designada por *soccer*, uma corruptela da palavra *association*.³⁰

Sem a pretensão de entrar em uma discussão profunda sobre as motivações que levaram o homem a desenvolver jogos de bola com pés, cabe observar que o futebol se tornou um objeto social complexo e foi apropriado de diversos modos em diferentes contextos e sociedades, “a atração multicultural do futebol estende-se de suas congregações estabelecidas na Europa e na América do Sul até a conversão em massa da Austrália, África, Ásia e até mesmo dos Estados Unidos”.³¹

Essa relação permite que sujeitos ou grupos desenvolvam identidades e que, através do futebol, se revele uma série de tópicos que descrevam aquela sociedade. Podemos pensar o futebol além de uma prática esportiva empírica, para trata-lo como “um fenômeno cultural no qual se articulam especulações, cientificismo, emoção, teorias, doutrinas, e que, investido de determinados saberes e valores, produz de identidades em alguns níveis, uma espécie de operador cultural e social”.³² O caráter universal do futebol, é um dos motivos de sua popularização e do seu crescimento como um produto de consumo e, de um contexto harmônico supracitado, o futebol se tornou também um espaço de disputa, onde agentes e estruturas concorrem por diferentes capitais simbólicos, aos mesmo tempo que buscam legitimidade e reconhecimento.

Para fundamentar tal ponto de vista utilizamos os conceitos de *campo* e *habitus* elaborados por Pierre Bourdieu, para assim aprofundar a reflexão sobre o futebol como um espaço de disputa e de manutenção de posições de

²⁹ Sobre esse assunto, ver os trabalhos: FRANCO JUNIOR, H. *A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade e Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 e MURRAY, B. *Uma história do Futebol*. São Paulo: Hedra, 2000. Ambos os autores tratam das origens “pré-históricas” do futebol e de demais jogos de bola com os pés.

³⁰ Ibidem, 2013. p.185-186.

³¹ GIULIANOTTI, R. *Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo, Nova Alexandria, 2014. p.7

³² TOLEDO, L. H. *Lógicas no futebol*. São Paulo: HUCITEC, 2002. p.27.

dominância.³³ Em sua obra, o sociólogo francês apresenta a teoria dos sistemas simbólicos – capital simbólico, dominação simbólica, poder simbólico – organizadas em torno dos conceitos de *campo* e *habitus*, que funcionam um em relação ao outro. O *habitus* é um sistema de esquemas de produção de práticas, ao mesmo tempo que é um sistema de esquema de percepção e apreciação dessas práticas, exprimindo a posição social onde foi construído. O *campo* representa o espaço simbólico no qual ocorre a disputa entre os indivíduos. Os indivíduos (agentes) e a sociedade (estrutura), se articulam em um processo contínuo de transformação do seu *campo* e “dessa forma, os agentes não são vítimas das estruturas sociais, mas ativos na construção de processos, que na via contrária e recíproca, norteiam as suas próprias práticas”.³⁴

Adaptando o quadro teórico, podemos tratar o futebol como uma modalidade esportiva – entendido como *subcampo* (modalidade esportiva) de um *campo* maior (esporte) - uma estrutura autônoma que demonstra os costumes e práticas de um grupo, expressa as suas lutas em um espaço social localizado e “na condição de um esporte de apelo massivo, distribuído entre as diferentes classes sociais, ocupa um lugar de destaque na hierarquia de oferta e consumo dos bens esportivos e culturais na sociedade moderna, demanda de um tratamento teórico à parte e como campo relativamente”.³⁵ Cabe apontar os agentes e instituições atuantes no *campo* futebolístico, destacando aqueles que constroem uma hierarquia de poder que concorre para manutenção de interesses e norteiam as relações no ambiente profissional, amador, de lazer, etc. A Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), órgão máximo deste esporte, e as demais federações, confederações, órgãos gestores, como subsidiários do modelo FIFA, ajudam a conformar o futebol - principalmente na categoria profissional masculina - como um produto globalizado, fazendo prevalecer os seus interesses frente aos demais agentes. Nessa relação de poder, as disputas pelo “capital futebolístico” estão impressas na própria relação hierárquica, onde os agentes que detêm o capital

³³ Sobre os conceitos de *campo* e *habitus*, ver: BOURDIEU, P. O senso prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2011 e BOURDIEU, P. Razões práticas: Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 2011.

³⁴ SOUZA, J. et al. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, abr-jun. 2014. p.222.

³⁵ Ibidem, 2014. p.225.

econômico e simbólico atuam para manter sua posição e os demais sujeitos trabalham para ascender ou alterar a ordem dessa estrutura.³⁶ Além dessas instituições, outros agentes estão comprometidos com a manutenção desse sistema, como “os profissionais – jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos, etc – os especialistas – os jornalistas e cronistas esportivos – e o conjunto, que o autor chama de genérico, dos torcedores, nomeados assim ou reunidos a partir de coletividades específicas”.³⁷ O futebol, visto como um *subcampo*, sofre influência de diversos outros campos - como a comunicação, a política, economia, etc - em determinados aspectos estruturais de seu funcionamento, há a necessidade de interpretá-lo numa relação de contraste e ênfase perante esses outros campos, visto que o espaço social é composto por todos esses microcosmos que tendem a reproduzir a estrutura do campo do poder em suas lógicas internas.

O Brasil se apresenta atualmente como um dos protagonistas *campo* esportivo, principalmente por sua relevância no universo do futebol. No decorrer da dissertação iremos tratar dessa construção histórica, mas cabe destacar outros três motivos que justificam essa condição. As vitórias da seleção nacional em competições oficiais - para citar, cinco títulos de Copas do Mundo (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), oito Copas América (1919, 1922, 1949, 1989, 1997, 1999, 2004 e 2007) e quatro Copas das Confederações (1997, 2005, 2009 e 2013) -, a proliferação de jogadores nas principais ligas do mundo - como, Ronaldo Nazário, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Kaká, dentre aqueles que recentemente se tornaram figuras de destaque, conquistando prêmios coletivos e individuais - e pela representação política nas instituições que orientam essa modalidade - caso de João Havelange (1916-2016), presidente da FIFA entre 1974 e 1998.

Apesar disso, é tardia a preocupação acadêmica - sistemática e organizada - quando se trata do futebol. Podemos tratar o *campo* acadêmico dentro deste mesmo quadro bourdieusiano. Os pesquisadores (agentes) são responsáveis pela construção dos processos, pela seleção dos objetos de pesquisa e pela constituição do *campo*, ou seja, é um trabalho racional. Os indivíduos são trespassados por um sistema comum de referências e a

³⁶ Ibidem, 2014. p.226-227.

³⁷ Ibidem, 2002. p.15-16.

produção se dá através das relações objetivas entre os agentes. As disputas e interesses acadêmicos, influenciada por outras forças externas, são determinantes para se eleger ou não um objeto de interesse, ou sejam, “as verdades científicas são produtos históricos de um certo trabalho submetido às coerções e aos controles deste mundo social muito particular que é o campo científico, com suas regras e regularidades”.³⁸ O *campo* acadêmico é um local de disputa, onde se conservam as posições hierárquicas e existe uma luta por ascensão e mudança do status atual. O campo permite mudanças, mas as possibilidades de transformação variam de acordo com a posição ocupada pelos agentes, “a estrutura da distribuição do capital científico está na base das transformações do próprio campo e se manifesta, por sua vez, por intermédio das estratégias de conservação ou de subversão da estrutura que ela mesma produz”.³⁹ De acordo com Bourdieu, “nenhuma obra existe por si mesma, isto é, fora das relações de interdependência, que a vincula a outra outras”.⁴⁰ Portanto, o repertório de trabalhos produzidos é mediado por uma rede de relações dinâmicas, sendo necessário o trabalho de contextualização para compreender a relação entre produção acadêmica e a motivação daqueles que os produzem, por isso, o conceito de *trajetória*, também nos será útil, pois difere da ideia de uma biografia comum, “uma *trajetória* é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Essa objetivação resulta em uma trajetória, que diferentemente das biografias as comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário”.⁴¹

³⁸ BOURDIEU, Pierre. Elogio da sociologia: discurso de aceitação da medalha de ouro do CNRS. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 28, n. 83, p. 25-32, out. 2013.

³⁹ COCK, J. C. A. et al. Operando com conceitos de Bourdieu. Educação e Pesquisa, outubro, vol.44, 2018. p.5.

⁴⁰ BOURDIEU, P. “Por uma ciência das obras”. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996, p. 56.

⁴¹ MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. Sociologias, Porto Alegre, ano 9, n.17, jan/jun, 2007. p.254-255.

1.2 Trajetória da literatura esportiva pré-acadêmica e a construção do campo de pesquisa universitário.

Mesmo que não seja possível tratar da existência de um *campo* de pesquisa sobre futebol no Brasil entre o século XIX e a década de 1970 do século XX, artigos e livros foram produzidos e serviram como fonte para muitos dos estudos de cunho acadêmico que vieram a seguir. Há de se notar que as primeiras contribuições das ciências humanas para os estudos do futebol datam do final dos anos 1930 e de meados da década de 1940, a partir de reflexões de intelectuais, que vezes ou outra tratavam do futebol, seus sujeitos e instituições. Essas análises partiam dos mais diversos pontos de vista teóricos e não tinha como objetivo estabelecer uma reflexão sistemática sobre o futebol enquanto objeto teórico, tanto que sua produção é esparsa.

Em suma, esse modo de tratar o futebol se distancia tipologicamente de publicações como *O Guia de Football* (1903-1913), que não visava uma reflexão sobre o futebol, mas servia de manual para atrair torcedores aos campos, instruir os novos jogadores sobre as práticas do esporte e orientar árbitros quanto as normas e regras esportivas inglesas. O folheto nasce junto ao campeonato da Liga Paulista de Foot-ball (LFP), escrito em uma linguagem didática e com a pretensão de propagar o esporte entre as elites.⁴² Com a popularização do esporte o conteúdo sobre o cotidiano do futebol migra para os jornais e para as revistas periódicas, que aos poucos vão se especializando, como é o exemplo, em São Paulo, da *Cigarra Sportiva* (1917), um derivado da revista *A Cigarra* (1914), ou *A Gazeta Esportiva* (1928) e *A Gazeta Esportiva Ilustrada* (1953), originados a partir do jornal *A Gazeta* (1906).⁴³

⁴² O *Guia de Football* consistia em uma publicação anual, baseada nos guias de turfe, mas tratando do futebol enquanto objeto de interesse. A brochura de 10 por 15 centímetros era publicada em São Paulo e distribuída para outros Estados, como o Rio de Janeiro. Ao longo dos anos em que foi publicado, teve sua estrutura e conteúdo alterados, assim como o número de páginas. Como aponta Wilson Gambeta, não se conhece nenhum exemplar da primeira edição do *Guia* que tenha sido conservado até nossos dias e a última edição conhecida foi colocada em circulação em 1913, com aproximadamente dez anos de existência. Ver GAMBETA, W. Primeiros passes – documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Edições Ludens, 2014.

⁴³ MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1992). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

No contexto de publicações periódicas, um artigo de grande importância para formação da identidade nacional através do futebol foi *Foot-ball mulato* (1938) do pernambucano Gilberto Freyre. Nascido em Recife no ano de 1900, o autor estuda ciências políticas e sociais nos Estados Unidos, a partir de onde desenvolve sua tese de integração racial. O livro *Casa-Grande & Senzala* (1933), sua obra mais conhecida, trata das formas de sociabilização entre o português, o índio e o negro em meio a economia latifundiária. Segundo Freyre, da benevolência e organização dos homens brancos, da sexualidade e submissão do negro e da amistosidade e ingenuidade do índio, emerge mestiço, considerado pelo autor como o autêntico brasileiro. Ao mesmo tempo, dessa relação surgiria a característica formadora da identidade nacional, o mulatismo - ou brasilidade -, o jogo de cintura, a malandragem, a impulsividade e o afeto.⁴⁴ Em meados da década de 1930, Freyre era um dos mais consagrado intelectuais brasileiros, com estudos que priorizavam, fundamentalmente, as origens e a formação da identidade do povo brasileiro, em contraposição a teóricos eugenistas como Oliveira Vianna e Silvio Romero.⁴⁵ Seu principal argumento antirracista influenciou a ideologia oficial do Estado Novo (1938-1945) ao compor um caminho para a ideia de democracia racial.

O futebol é abordado por Freyre em diversos momentos de sua carreira, suas análises estão presentes em artigos para jornais, revistas, prefácios de livros e textos esparsos, de maneira ensaísta, sem uma obra dedicada ao tema. Em 12 de dezembro de 1929, sob o pseudônimo de Jorge Rialto, publica um artigo intitulado Fair Play (1929) no jornal *A Província*. O texto trata de uma crítica a falta de esportividade entre jogadores, onde jovens brancos cometiam repetidas agressões sobre os negros em campo em jogo realizado no Rio de Janeiro.⁴⁶ Além deste, na primeira edição de *Sobrados e Mocambos* (1936), Freyre disserta sobre a ascensão do mulato através dos esportes.⁴⁷

Com a vindoura Copa do Mundo de 1938, a seleção brasileira viajava para França com mudanças estruturais. Em meados de 1930, haviam duas

⁴⁴ CAPRARO, A. M. O futebol na obra de um ensaísta: Gilberto Freyre e o Ideal da integração racial. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá. v.22, n.1, p.139. 2011.

⁴⁵ SCHWARCZ, L. O espetáculo das raças. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.240-250.

⁴⁶ SOUZA, D. A. O “futebol mulato” de Gilberto Freyre. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/gilberto-freyre/#_ednref3>. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

⁴⁷ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. Rio de Janeiro: Global, 2003. p.356-362.

entidades responsáveis pelo futebol, de um lado a Federação Brasileira de Futebol (FBF), defensora do futebol profissional e detentora de apoio dos principais clubes do país, e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), reconhecida pela FIFA como órgão oficial deste esporte e que propunha a continuidade do amadorismo no futebol. Ambos os grupos disputavam a hegemonia administrativa do futebol nacional, porém a continuidade do amadorismo sofria pressão por parte dos clubes, que viam no fracasso da Copa do Mundo de 1934 (Figura 1) a necessidade de profissionalizar o futebol. Em 1937, as instituições entram em um acordo, onde a CBD cuidaria da seleção brasileira e do futebol disputado internacionalmente, enquanto a FBF seria responsável pela modalidade em território nacional, com a meta de implantação do regime profissional. Com isso, o técnico Ademar Pimenta tem carta branca para convocar os melhores jogadores brasileiros, independente se amadores ou profissionais.

Por intermédio de Oswaldo Aranha, então ministro de Getúlio Vargas, a CBD recebe apoio financeiro para viagem da delegação. Seu irmão, Luiz Aranha, havia assumido o comando da instituição dois anos antes da viagem e essa relação aproximava mais o governo do futebol. A Copa de 1938 marcaria a aproximação de Vargas com o futebol. O governo apoiou financeiramente à delegação e solicitou que empresas particulares fizessem igualmente o mesmo. A CBD lançou a venda de selos para ajudar também com as despesas, convocando os a também contribuir financeiramente para o time, visando proporcionar melhores condições para os atletas que disputariam o Mundial. A filha de Getúlio, Alzira Vargas, foi escolhida como 'madrinha da seleção'. Antes de viajar para a França, o selecionado nacional foi recebido pelo presidente da República, que fez questão de cumprimentar os jogadores e deixar clara a importância do título para o futuro da nação.⁴⁸

O estado de euforia tinha respaldo do público, que seguia a seleção através dos jornais, do rádio e, quando da partida para o mundial, presencialmente.

⁴⁸ DRUMOND, M. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-45). In: SANTOS, R. P. (org). *Mamória Social dos Esportes. Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p.110-112.

Uma multidão compareceu ao embarque da delegação brasileira no Rio de Janeiro, mesmo sob forte chuva, a 30 de abril. A seleção embarcou no navio britânico Arlanza e chegou a Paris 20 dias antes de estreiar na competição contra a Polônia, o que deu aos atletas tempo para descansar, se adaptar e entrar em forma. A equipe contaria com a força máxima para a competição, a primeira vez que isso aconteceria numa Copa, destacando-se atletas como Walter, Domingos da Guia, Perácio, Zezé, Procópio, Tim e Leônidas da Silva – era uma equipe veloz e de excepcional toque de bola. Na formação, incluíam-se jogadores brancos e negros, o que retratava o mito da ‘democracia racial’ brasileira, servindo perfeitamente para exemplificar os ideais nacionalistas e de harmonia social e étnica propagandeados pela ditadura getulista do Estado Novo.⁴⁹

Pela primeira vez na história das Copas do Mundo, a imprensa se uniu para cobertura do evento. Os cinco jogos da seleção foram transmitidos pelo rádio, o locutor oficial foi Gagliano Neto, que seguiu para França no mesmo navio da seleção brasileira. As narrações foram feitas pelas emissoras do conglomerado Byington, formado pela Rádio Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, no Rio de Janeiro, e pela Cosmo e Cruzeiro do Sul, em São Paulo Junto ao radialista estavam Thomaz Mazzoni, de *A Gazeta*, Afrânio Vieira, do *A Noite* e Everaldo Lopes, do *Jornal dos Sports*, responsáveis pela cobertura escrita e pela correspondência internacional.. Do Rio de Janeiro, Mario Filho fazia contato por telefone com a comissão e os jogadores para tratar dos preparativos e das expectativas um dia antes de cada partida.⁵⁰

⁴⁹ FARIAS, A. Uma história das Copas do Mundo: Futebol e Sociedade. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. p.151.

⁵⁰ RIBEIRO, A. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007 p.99-100.

Figura 1 - Cartaz da Copa do Mundo 1934.

Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/528801>>. Acervo: FIFA

Figura 2 - Cartaz da Copa do Mundo 1938.

Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/529383>>. Acervo: FIFA

O Brasil fez sua estreia no torneio contra a Polônia, em 5 de junho, na cidade de Estrasburgo em uma partida de 120 minutos (Figura 3). A seleção brasileira começa bem a partida fazendo três gols, contra um dos poloneses, ainda no primeiro tempo. No intervalo, a região é atingida por uma tempestade e essa situação favorece os adversários que conseguem o empate, resultando em prorrogação. Leônidas da Silva é decisivo no tempo extra, marcando dois gols, quatro gols no total, e conquistando a primeira vitória por 6 a 5. O jogo seguinte contra a Tchecoslováquia, em 12 de junho, na cidade de Bordeaux, acaba em 1 a 1, forçando uma segunda partida dois dias depois, onde o Brasil vence pelo placar de 2 a 1. A partida contra os tchecos foi muito violenta, com um total de nove jogadores machucados, dentre eles Leônidas que seria poupado na partida seguinte. Em sua melhor campanha em Copas do Mundo até esse momento, o Brasil enfrentou a Itália, atual campeã mundial, nas semifinais, no dia 16 de junho, na cidade de Marselha. Sem o seu melhor jogador, a seleção brasileira perde por 2 a 1, indo para disputa de terceiro lugar contra a Suécia, no dia 19 de junho, em Bordeaux, onde vence por 4 a 2. Leônidas termina a competição como artilheiro geral, com 8 gols, sendo escolhido como o melhor jogador da Copa, já o Brasil dá o primeiro passo para se tornar um membro da Elite do futebol mundial.⁵¹

Figura 3 - Seleção brasileira, com seu técnico, Ademar Pimenta, antes da vitória sobre a Polônia, c.1938. Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/511558/>>. Acervo: AFP Photo Direitos

⁵¹ BAGGIO, L. F. Enciclopédia das Copas do Mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p.18-25.

Foot-ball mulato

Gilberto FREYRE

(Para os "Diários Associados")

Um reporter me perguntou ante-hontem o que eu achava das "admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux."

Respondi ao reporter — que depois inventou ter conversado comigo em plena praça publica, entre solavancos da multidão patriótica na própria tarde da vitória dos brasileiros contra os tchecoslovacos — que uma das condições dos nossos triunfos, este anno, me parecia a coragem, que afinal tivemos completa, de mandar á Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande numero, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo criterio do Baão de Rio Branco quando se-nhor-todo-poderoso do Itamaraty: nada de pretos nem de mulatos chapados; só brancos ou então mulatos tão claros que parecessem brancos ou, quando muito cabóelos, deviam ser enviados ao estrangeiro. Mulatos do tipo do illustre Domício da Gama a quem o Eça de Queiroz costumava chamar, na intimidade, de "mulato côr-de-rosa".

Morto Rio Branco, desaparecia o criterio anti-brasileiro do Brasil se fingir de Republica de arianos perante os estrangeiros distantes que só nos conhecessem através de ministros ruivos ou de secretarios de legação de olhos azues. E de tal modo desapareceria o falso e injusto criterio da selecção de louros que o proprio Barão seria substituído no Itamaraty por mulatos illustres — um delles o grande brasileiro que foi Nilo Peçanha.

Nilo Peçanha... Assistindo, também ante-hontem, á fita que reproduz o jogo dos brasileiros contra os polonezes, foi de quem me lembrei — de Nilo Peçanha. Porque o nosso estylo de foot-ball lembra o seu estylo político.

O nosso estylo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astucia, de ligeireza e ao mesmo tempo

de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor affirmacão na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estylo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos inglezes e por elles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantissimo para os psychologos e os sociologos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é affirmacão verdadeira do Brasil.

Acaba de se definir de maneira inconfundivel um estylo brasileiro de foot-ball; e esse estylo é mais uma expressão do nosso mulatismo agil em assimilar, dominar, amollicer em dança, em curvas ou em musicas technicas europeas ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto; sejam ellas de jogo ou de architectura. Porque é um mulatismo, o nosso — psychologicamente, ser brasileiro é ser mulato — inimigo do formalismo apolinneo — para usarmos com alguma pedanteria a classificacão de Spengler — e dyonisiaco a seu jeito — o grande geitão mulato. Inimigo do

formalismo apolinneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas molheronas, mineiras á que se succedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga. Uma arte que não se abandona nunca á disciplina do methodo scientifico mas procura reunir ao sufficiente de combinacão de esforços e de effeitos em massa a liberdade para a variacão, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentacão ou para a exhibição de talento individual num jogo de que os europeus tem procurado eliminar quasi todo o floreio artistico, quasi toda a variacão individual, quasi toda a espontaneidade pessoal para accentuar a belleza dos effeitos geometricos e a pureza de technica scientifica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro com o organismo europeu. E

claro que mulatismo e arianismo considerados não como expressões ethnicas mas como expressões psychosociales condicionadas por influencias de tempo e de espaço sociaes.

O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artisticos, cuja eficiencia — me-nos na defesa que no ataque — ficou demonstrada brillantemente nos encontros deste anno com os polonezes e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formação social democratica como nenhuma.

Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformisacão de geometrisacão, de standardizacão; a totalitarismos que façam desaparecer a variacão individual ou espontaneidade pessoal.

No foot-ball como na politica, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dyonisiaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lyrica.

Emquanto o foot-ball europeu é uma expressão apolinnea — no sentido spengleriano — de methodo scientifico e de sport socialista em que a pessoa humana resulta mechanizada e subordinada ao todo — o brasileiro é uma forma da dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha.

O mulato brasileiro des europeizou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o chronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de "ballarinos da bola." Nós dançamos com a bola.

Havelock Ellis — que o meu amigo Agrippino Grieco não sei porque supõe um simples Mantegazza inglez, quando Ellis é, na verdade, um dos pensadores mais lucidos e um dos humanistas mais completos do nosso tempo — si visse o team brasileiro jogar foot-ball accrescentaria talvez um capitulo ao seu ensaio magnifico sobre a dança e a vida.

O estylo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dyonisiaca.

Figura 4 - Foot-ball Mulato, Diário de Pernambuco, 17 de junho, 1938, s/p.

Fonte: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf>. Acervo: Diários Associados.

Em meio ao clima de euforia, Gilberto Freyre analisa a trajetória da seleção durante a Copa do Mundo, mas diferente de seus pares jornalistas, vai além de reportar os resultados das partidas ou os bastidores da comissão técnica que estava na França. Publicado em 17 de junho de 1938 no Diário de Pernambuco, o artigo *Foot-ball mulato* (Figura 4) destaca um ponto relevante para desenvolvimento do futebol nacional: a mistura de “raças” na seleção brasileira que vai à Copa da França em 1938. Freyre classifica o time como um verdadeiro escrete “afrobrasileiro”, distinto e destinado a vencer alguma das próximas edições da competição mundial de futebol.

“Um repórter me perguntou anteontem o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux”. Respondi ao repórter que [...] uma das condições dos nossos triumphos, este anno, me parecia a coragem que afinal tivermos completa, de mandar á Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande numero pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.”⁵²

No início do século XX, tal contraste foi percebido quando o popular e a elite se encontraram no mesmo campo e teriam de se desenvolver sob as mesmas regras. Essa mistura “incomodava” os setores dominantes de uma sociedade marcada pela hierarquia, pela troca de favores, pelo favorecimento pessoal e, sobretudo, por um forte ranço racista, uma vez que a escravidão havia sido abolida apenas algumas décadas atrás. Os negros eram vistos como o “problema” que atrasava a prosperidade do Brasil e como tais, deveriam ser eliminados para garantir um maior embranquecimento da população. Não agradava às classes dominante a popularização do esporte, pois este seria contaminado por um mal que se buscava extirpar.⁵³

⁵² FREYRE, G. *Foot-ball Mulato*. Diário de Pernambuco, Pernambuco, 17 de julho.1938. s/p.

⁵³ FRANZINI, F. *As Raízes do País do Futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. 2000, p.16-18.

A chegada de negros e mestiços ao futebol, em sua maioria das classes sociais menos abastadas, é um marco na história deste esporte, mesmo sem superar a barreira do racismo e o “incomodo” gerado por sua presença em campo. Nos jogos, os brancos da elite agiam de forma violenta com os “novos” colegas e os cronistas apontavam para uma perseguição por parte dos torcedores e da arbitragem. Quando um jogador negro “metia” o pé em num branco era grande a chance de haver confusão, com a assistência pressionando para o “preto” sair de campo – os negros que se portassem direitinho, jogassem direitinho, se não apanhavam.⁵⁴

É importante notar que a seleção brasileira, formada em 21 de julho de 1914, conquista seu primeiro título de relevância cinco anos depois, no Campeonato Sul-Americano de Futebol de 1919, torneio que passa a ser conhecido como Copa América a partir de 1975. No ano de 1916, é fundada a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e com ela nasce o Campeonato Sul-Americano, de realização anual, mudando o país-sede a cada edição. Em 1916, Brasil, Argentina, Chile e Uruguai participam do torneio realizado na Argentina, uma homenagem ao centenário da independência daquele país. O Uruguai se sagra campeão nesta edição e em 1917, na sua própria casa. O torneio de 1918 deveria acontecer no Rio de Janeiro, mas acaba sendo adiado por conta de um surto de gripe espanhola, adiando a primeira grande competição realizada no Brasil para 1919. O Estádio das Laranjeiras, propriedade do Fluminense Football Club, é escolhido como sede do evento e passa por reformas para receber os jogos. O escrete brasileiro inicia a competição no dia 11 de maio, com uma vitória de 6 a 0 sobre o Chile. Uma semana depois, no dia 18 de maio, a seleção bate os argentinos por 3 a 1 (Figura 3) e, com duas vitórias, iria disputar o título com os uruguaios, equipe favorita pelo retrospecto no torneio. O primeiro jogo, em 25 de maio, acaba com um empate de 2 a 2 e na segunda partida, em 29 de maio, o Brasil vence por 1 a 0, sagrando-se campeão para felicidade de sua torcida, pois “uma comemoração igual àquela nunca fora vista.”⁵⁵

⁵⁴ RODRIGUES FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004. p.88-89.

⁵⁵ SANDER, R. Sul-Americano de 1919: Quando o Brasil descobriu o futebol. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009.

Figura 5 - Partida entre Brasil e Argentina durante o Campeonato Sul-Americano de 1919.
Revista Fon-Fon, ano XIII, nº 21, 24 de maio de 1919.

Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/682063/>>. Acervo:
Acervo Fundação / Biblioteca Nacional

A seleção brasileira contava com a presença de, entre outros jogadores, Arthur Friedenreich (Figura 6), atacante do Club Atlético Paulistano, responsável pelo gol do título no início da terceira prorrogação da final⁵⁶. Sobre Friedenreich sintetiza-se a ambiguidade do futebol e da sociedade brasileira desta época. O jogador foi destaque do Sport Club Germânia e do Club Atlético Paulistano entre as décadas de 1910 e 1930 e sua aceitação “se dava mais pela aparência que pelo seu inquestionável talento. Filho de pai alemão e mãe brasileira, seu olhos verdes e cabelo cuidadosamente alisados o embranquecia, o que permitia defender não apenas a seleção, como também o seletíssimo Club Atlético Paulistano”.⁵⁷ O jogador procurava esconder sua origem negra, ao mesmo tempo que sua origem alemã o credenciava a se tornar aluno do Mackenzie e ingressar em clubes privativos para jogar futebol. Essa contradição fez com que “El Tigre”, alcunha pela qual ficou conhecido, estivesse à parte dentro de um ambiente racista, mesmo que condicionado a mudar sua aparência em prol de uma aceitação dos clubes, da imprensa e da torcida.

Não compartilhava das mesmas impressões o uruguaio Isabelino Gradin (Figura 7), do Club Atlético Peñarol, único negro de todas as seleções que disputaram o torneio. “O jornal O Imparcial publicava, logo após seu desembarque, uma foto do jogador onde só se via de leve o vulto de uma pessoa. No dia seguinte, uma nota explicava ter sido um erro do impressor, que ‘tendo ouvido dizer que Gradin não era “blanco”, carregou na tinta e daí o tom negro da gravura.”⁵⁸ O jogador foi alvo de ironias e preconceitos por parte da imprensa brasileira, mesmo sendo representante da maior e mais vitoriosa seleção a disputar, até então, todas as edições do Campeonato Sul-Americano de Futebol.

⁵⁶ Como à época não existiam disputa por pênaltis, as partidas eram decididas em prorrogações divididas em dois tempos de 15 minutos, repetindo-se o resultado, uma segunda prorrogação era disputada, resultando na partida mais longa da história da Copa Sul-Americana e da Copa América, com 150 minutos.

⁵⁷ FRANZINI, F. As Raízes do País do Futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 2000, p.24.

⁵⁸ PEREIRA, L. A. M. Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. p.173 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. 1998. p.173.

Figura 6 - Arthur Friedenreich recebe homenagem da Seleção Carioca de Futebol, 1930.
Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/564914>>.
Acervo: Arquivo Jcom/D.A. Press.

Figura 7 - Isabelino Gradin, atacante uruguaio, 1916. Fonte: <<http://conmebol.com/pt-br/isabelino-gradin-que-foi-futebolista-atleta-tamborileiro-gloria-do-penarol-ganhando-uma-competicao>>. Acervo: Conmebol.

A postura da imprensa indicava que, mesmo em um momento de exaltação nacionalista, a presença de negros no esporte indicava um problema, independentemente de suas capacidades e de seu sucesso. Para Freyre, a morte do Barão de Rio Branco marcava a quebra de um racismo institucionalizado que partia do Itamaraty e afetava a convocação de um escrete brasileiro formado, até então, apenas por jogadores brancos, ou mulatos claros que parecessem brancos.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo critério do Barão de Rio Branco quando senhor-todo-poderoso do Itamaraty; nada de pretos nem de mulatos chapados; só brancos ou então mulatos tão claros que parecessem brancos ou, quando muito cabôclo deviam ser enviados ao estrangeiro. Mulatos do typo do Illustre Domicio da Gama aquém Eça de Queiroz costumava chamar na intimidade de “mulato côr-de-rosa”.⁵⁹

Freyre valoriza características como a “manha” e a “ligeireza”, ao mesmo tempo em que destaca a “espontaneidade pessoal” do jogador brasileiro. Essa seria uma síntese das características da “escola de futebol brasileira” em contraste a um “estilo europeu”.

Emquanto o foot-ball europeu é uma expressão apollinea – no sentido spengleriano – de methodo scientifico e de sport socialista em que a pessoa humana resulta mechanizada e subordinada ao todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha. O Mulato brasileiro deseupisou o foot-ball dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o chronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de “bailarinos da bola” Nós dansamos com a bola.⁶⁰

⁵⁹ Ibidem, 1938. s/p.

⁶⁰ Ibidem, 1938. s/p.

A Copa do Mundo de 1938 é o ponto de partida para a construção da ideia de identidade nacional através do futebol. Deste momento em diante, começa-se a difundir a ideia de “pátria de chuteiras”, uma ideia construída de nação, unida em prol de um objetivo único. A unidade nacional era trabalhada no imaginário popular, de maneira que, mesmo aqueles que não possuíam interesse pelo futebol, pudessem se manter à parte.⁶¹ Para construir o sentido único de nação, foi necessário dar densidade a ideia de um “jeito” brasileiro de jogar bola, pautado na leveza, na habilidade, na capacidade de improvisação e no talento especial dos jogadores. O jogador brasileiro passa a ser visto como detentor de um futebol único, que mais tarde será chamado de “futebol-arte”, focado no drible, no toque rápido de bola e na criatividade. Da seleção de 1938, liderada por Leônidas da Silva, Domingos da Guia e companhia, até os times campeões nas décadas de 1950, 1960 e 1970, os jogadores foram imbuídos de representar a nação, serem os embaixadores do Brasil na Europa, mostrando os valores do cidadão como a coragem, a disciplina e o patriotismo acima de tudo.⁶²

Para André Capraro, a história do futebol contatada por Gilberto Freyre é análoga ao modelo explicativo dado pelo autor a história colonial do Brasil, pois o futebol, jogado no modelo inglês, é entendido como uma analogia ao patriarcado, que assimilado pelas demais raças, o negro e o indígena, ganha características próprias (a ginga e a malandragem), para, finalmente, tornar-se, a partir deste hibridismo, mais um símbolo que representava o sucesso nacional, “tal desfecho, por sinal, se torna perpétuo, pois, concluído o ciclo de integração e ascensão do mestiço no futebol brasileiro. E negado pela teoria de Freyre qualquer tipo de tensão, crise ou questionamento a respeito dos jogadores brasileiros e seu estilo próprio – dionisíaco – de jogar futebol”.⁶³

Em outra definição, Tulio Velho Barreto e Jorge Ventura de Moraes afirmam que “Foot-ball mulato” foi o primeiro texto de um intelectual brasileiro em que se identificava o jeito próprio da maioria dos brasileiros jogar o futebol e procurava explicá-lo a partir de traços culturais de parcela de nossa

⁶¹ NEGREIROS, P. L. A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1998.p.270.

⁶² Ibidem, 2000. p.71.

⁶³ CAPRARO, A. O futebol na obra de um ensaísta: Gilberto Freyre e o ideal da integração racial. Revista da Educação Física/UEM. Maringá, v.22, n.1, p.147. 2001.

população, isto é, os negros. E ia mais além: expressava e definia tal estilo como “o” estilo tipicamente brasileiro de praticar o esporte bretão vis à vis o estilo europeu, sobretudo o de seus inventores”.⁶⁴

O “foot-ball mulato” seria o texto que inaugura a tradição de estudos culturalistas sobre futebol nas ciências sociais, abrangendo estudos que consistem em aprofundar a relação entre futebol e sociedade brasileira a fim de compreendê-la relacionalmente a partir de questões que envolvem identidade e nacionalismo. A influência de Gilberto Freyre passa por toda geração de cronistas esportivos como Mario Filho, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego e mais tarde os é referenciada por acadêmicos como Roberto DaMatta, Simoni Guedes, Fátima Antunes, Arlei Damo, dentre tantos outros.⁶⁵

No decorrer de sua carreira, Gilberto Freyre retorna ao futebol em algumas oportunidades, tratando principalmente do estilo brasileiro e da forma de jogar. Hora ressaltava essas características, como pode ser visto nos artigos *A propósito do futebol brasileiro (1955a)* e *Ainda a propósito de futebol brasileiro (1955b)*, publicados consecutivamente em 18 e 25 de junho de 1955, na revista *O Cruzeiro*.⁶⁶ Ou, tratando de criticar, como em *Futebol desbrasileirado (1974a)* e *A propósito da derrota do time brasileiro na Alemanha (1974b)*, ambos publicados no *Diário de Pernambuco* em 30 de junho e 7 de julho de 1974.⁶⁷

Porém, como veremos mais à frente, o prefácio da primeira edição de *O Negro no futebol brasileiro (1947)*, é de extrema importância para sua trajetória. O autor constata que o futebol no Brasil havia se tornado uma instituição, aceita por setores como o Estado, a Igreja, a Imprensa e a opinião pública e responsável pelo autocontrole social.

⁶⁴ BARRETO, T. V. Gilberto Freyre: o futebol-arte. Revista USP, São Paulo, n.62, jun/ago. 2004. p.235.

⁶⁵ SOUZA, J; ALMEIDA, B. S.; JÚNIOR MARCHI, W, 2014.

⁶⁶ Após a derrota na final da Copa do Mundo de 1950, ocorrida no Brasil, e a queda nas quartas de final em 1954, a Seleção brasileira passa a acumular uma série de resultados negativos. Nos artigos, Freyre eleva o estilo brasileiro e trata de apontar como nossa “tradição de jogar” é mais importante que a fase ruim do escrete nacional.

⁶⁷ Na oportunidade, Freyre critica o estilo de jogo da seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1974. No primeiro artigo o autor faz um apelo ao técnico Mário Jorge Lobo Zagallo, que, durante a primeira fase do mundial, optou por organizar a seleção em um estilo ordenado, longe do ideal brasileiro e similar ao europeu. O segundo artigo trata de elogiar o retorno do time ao “modo brasileiro” de jogar, após a vitória sobre a seleção da Alemanha Oriental, durante a segunda fase do torneio.

Como dito, entre os anos 1920 e 1940, o futebol passa a ter mais espaço na imprensa e os jogos passaram a ser veiculados para atrair mais leitores/ouvintes. Os jornais e as transmissões de rádio foram responsáveis por uma mudança na forma de torcer no futebol. A mídia impressa aproximava os torcedores do dia a dia dos jogadores, clubes e seleção, enquanto as transmissões de rádio permitiam mais pessoas acompanhar as partidas e comentários sobre futebol, até então, uma experiência reservada apenas para aqueles que estivessem nos estádios. Além disso, a radiodifusão se tornou um dos principais veículos de comunicação da Era Vargas (1930-45), utilizado para exaltar o governo e difundir ideais nacionalistas. Em meio as consequências da Crise de 1929, com o avanço do nazifascismo e a Segunda Guerra Mundial, o futebol foi utilizado por Getúlio Vargas como um meio de endossar a colaboração de classes e mostrar o Brasil como uma nação em que existia uma “unidade de raças”, coesas e colaborando para o progresso do País.⁶⁸

A próxima Copa do Mundo só seria disputada em 1950, a FIFA decide suspender os mundiais de 1942, devido aos conflitos na Europa, e 1946, por conta do esgotamento de diversos países envolvidos no conflito. Nesse período a seleção brasileira se volta para competições sul-americanas, ampliando a rivalidade com seus vizinhos, principalmente contra a Argentina. Durante o Campeonato Sul-Americano de 1946, as federações dos dois países chegam a romper relações por conta de um conflito entre jogadores na final do torneio. O hiato dura dez anos, interrompendo a realização da Copa Roca e afastando os argentinos da Copa do Mundo de 1950, que viria a ocorrer no Brasil. Internamente, o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais (1922-1987) se destaca como o principal evento esportivo, transmitido pela Rádio Nacional para todo país. As seleções de São Paulo e Rio de Janeiro dominam o cenário futebolístico, apresentando melhor nível técnico, contratando os melhores jogadores dos demais estados e monopolizando títulos do torneio citado, ao todo são 16 troféus para os cariocas, 13 para os paulistas, 1 para Minas Gerais e 1 para Bahia. Tal hegemonia seria responsável pela popularidade de times do sudeste em estados vizinhos.

⁶⁸ Ibidem, 2014. p.120.

Na década de 1940, a produção intelectual procura compreender e interpretar o Brasil, partindo de um entendimento da consciência nacional e de uma afirmação das nossas raízes, esse seria o caminho para o país adentrar a Modernidade. As cidades como Rio de Janeiro e São Paulo concentravam grande parte da intelectualidade nacional que, segundo Franzini, sentia a necessidade de estabelecer uma perspectiva crítica e uma reflexão sobre nós, rompendo com os laços europeus firmados desde a colonização.⁶⁹ Os livros, textos, artigos e ensaios produzidos nesse período possuem uma capacidade de delinear o contexto onde surge, muito por parte da influência que recebem em um momento de mudança no contexto social, cultural e político.

Nesse contexto, cabe analisar duas obras que tomam o futebol como objeto de análise. De um ponto de vista acadêmico temos o artigo *O papel da magia no futebol* (1944), de Mário Miranda Rosa, que aborda as crenças e superstições dos jogadores de futebol, apoiado em uma linha de pensamento sociológica, verificando como esses elementos influenciam no desenvolvimento do cotidiano de um time de futebol. Por outro lado, temos o livro *O negro no futebol brasileiro* (1947), de Mario Rodrigues Filho, que trata da inserção e da participação dos negros no futebol, além propor um projeto de construção de identidade nacional baseada na noção de harmonia e integração das raças. A partir de um estilo próprio, desenvolvido durante anos de trabalho em diversos veículos de imprensa carioca, o jornalista narra eventos do futebol e deixa um legado para a geração de pesquisadores acadêmicos, que debate sobre a validade histórica em torno de sua obra.

⁶⁹ FRANZINI, F. Á sombra das palmeiras. A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). São Paulo. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 77-81.

Figura 8 – Capa da revista Sociologia, vol. 6, n. 4, 1944.
https://www.fespsp.org.br/biblioteca/repositorio/revista/Sociologia_1944_V6/v6_n4/v6_n4_sumario.pdf.> Acervo: FESP.

Citado brevemente por Sérgio Settani Gliglio e Enrico Spaggiari⁷⁰, o artigo *O papel da magia no futebol* (1944) de Mario Miranda Rosa, se enquadra como uma das primeiras contribuições dentro das ciências humanas para os estudos do futebol. Mario Miranda foi um dos fundadores da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (EEFE-USP), posteriormente se tornando docente da mesma instituição, com especialização na área de Metodologia do Treinamento do Futebol. Enquanto professor, escreve o livro *Curso de Técnica de futebol* em 1946, obra relevante para o tema, e dez anos mais tarde é convidado pela Federação Paulista de Futebol (FPF) para aplicar um curso sobre o mesmo assunto para técnicos de futebol. Publicado na revista *Sociologia* (1939-1966), primeiro periódico de ciências sociais no Brasil, editado pela Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP), *O papel da magia no futebol* (1946) é resultado de um trabalho apresentado pelo autor para a disciplina “Organização e Desorganização Social”, ministrada por Emilio Willems, então professor de antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP) e diretor da revista. O artigo trata das crenças e superstições ligadas ao futebol, tratadas pelo autor como “elementos mágicos”:

Entre os diversos fatores que figuram no futebol profissional, com um papel definido na sua vida, encontramos a magia ocupando uma posição destaca e funcionando como elemento propiciatório nas incertezas decorrentes da própria natureza do esporte. Este, como jogo, depende em parte de uma parcela do que comumente chamamos de “sorte”. “Sorte” e “azar” são fatores que estão além das possibilidades de controle racional, do previsível, a despeito de todos os recursos que os modernos conhecimentos técnicos esportivos colocam à nossa disposição. Frequentemente, o homem apaga-se à magia, na esperança de controlar ou de compensar os efeitos de forças que estão acima do seu entendimento. É o meio que lança mão para desvendar um futuro desconhecido, quase sempre temido.⁷¹

⁷⁰ GIGLIO, S. S., SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol: Um panorama (1990-2009). Revista de História, São Paulo, n.163, 2010. p.294-295.

⁷¹ ROSA, M. M. O papel da magia no futebol. Sociologia, São Paulo, vol. 6, n. 4, 1944. p.295.

A temática em questão segue uma linha metodológica que busca a explicação sociológica das manifestações mágicas na sociedade moderna e a redefinição desse objeto como método sociológico, linha de estudo proposta por Florestan Fernandes, que trata dos estudos sociológicos de fenômenos mágicos como um objeto das humanidades.⁷²

O estudo sociológico de fenômenos mágicos tem sido feito sobretudo nos agrupamentos naturais ou primitivos, analisando os autores, os aspectos envolvidos pela organização social das confrarias mágicas, os ritos e os mitos mágicos, as relações entre a magia e a religião, a técnica e a ciência, etc. O assunto, sob seu aspecto atual – já que não podemos provar a continuidade ou o aproveitamento das experiências dos primitivos – foi deixado à margem, sendo muito menor a contribuição científica ao estudo do fenômeno mágico nas sociedades contemporâneas.⁷³

Apoiado nessa linha de pensamento, Mario Miranda Rosa se volta para o futebol e descreve os hábitos dos jogadores.

Explica-se assim, o grande número de “superstições”, feitiços e crenças no esporte. Objetos, pessoas, locais, peças do vestuário (uniformes e cores esportivas) assumem valores simbólicos “favoráveis” ou “desfavoráveis”. No futebol são comuns. Para “compensar” a influência negativa dos “azares” do jogo, o jogador usa vários recursos. As práticas mágicas e os objetos utilizados devem produzir uma força que permita alcançar um fim. Quando este não é atingido põe-se em dúvida a perfeição do ritual mágico ou próprio objeto utilizado que, neste caso, é substituído por outro do qual se espera que seja adequado ao fim em vista.⁷⁴

⁷² GARCIA, S. G. Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. *Tempo Social, Sociologia USP*. São Paulo, n.13, nov, 2001. p.143-167.

⁷³ FERNANDES, F. Aspectos mágicos do folclore paulistano. *Sociologia*, São Paulo, v.6, n. 2 p.79. 1944

⁷⁴ *Ibidem*, 1944. p.296.

Nas práticas mais comuns, Mario identifica a “macumba” como a crença mais forte entre os jogadores. Para verificar a presença deste e de outros elementos “mágicos” no cotidiano do futebol, Mario isola um conjunto de jogadores e utiliza do método científico para avaliar como se configura a relação entre os céticos e aqueles que acreditavam nas “práticas mágicas”.

Os mais fanáticos pela macumba eram os negros nortistas, que formavam um “sub-grupo” que poderíamos chamar de “amizade” dentro do grupo total dos 30 jogadores. Impunham sua orientação à turma em todas as emergências, inclusive nas ocasiões de jogo, de acordo aliás com as “previsões proféticas” recebidas do macumbeiro e se colocavam em posição fracamente hostil em relação aos que ridicularizavam tal atitude. A hostilidade variava em razão direta da importância e, por conseguinte, da dificuldade dos jogos a serem disputados. Os jogadores que ridicularizavam a macumba eram apontados como “azares” da equipe em tais circunstâncias e contra cuja influência era preciso “muito trabalho”, muita reza do macumbeiro. Os frequentadores da macumba julgavam-se dependentes dela para a sua ação esportiva e, assim, a vitória do quadro para eles, era uma consequência da força com que o macumbeiro, com suas sessões, pudesse neutralizar o agouro representado pelos jogadores descrentes.⁷⁵

Dentre os 30 jogadores, apenas 8 deles frequentavam a macumba, enquanto outros 16 aceitavam a prática e 2 refutavam. Segundo o autor, a aceitação da crença por parte do clube e seus dirigentes se dava pela necessidade de vencer. As vontades dos jogadores que acreditavam na “magia” eram satisfeitas e os céticos aceitavam participar dos ritos. O descontentamento pessoal significava um decréscimo na eficiência esportiva, algo inaceitável nesse meio.

⁷⁵ Ibidem, 1944. p.302.

O estudo de Mario Miranda Rosa remete ao cotidiano do futebol em um momento que deixou de ser objeto da elite brasileira e passa a integrar a vida das classes sociais mais baixas. A “crença” e a “superstição”, teoricamente colocadas em uma linha sociológica, não alteram diretamente o resultado de um jogo, mas sua existência no imaginário dos sujeitos ligados ao futebol poderia influenciar na performance de um jogador, ou de um grupo.

Mesmo apresentando um dos primeiros estudos sobre a crença no futebol, o artigo não é tomado como referência pela geração de acadêmicos da década de 1970 e tão pouco é citado nos balanços bibliográficos contemporâneos. Apesar dos esforços, não conseguimos identificar um motivo específico para esse esquecimento. Nota-se que a revista *Sociologia* foi responsável por divulgar trabalhos de jovens pesquisadores como os primeiros escritos de Florestan Fernandes sobre folclore infantil, *Folclore e grupos infantis* (1942) e *Educação e cultura infantil* (1943) e Gioconda Mussolini, *O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião* (1945) e *O cerco flutuante: uma rede de pesca japonesa que teve a Ilha de São Sebastião como centro de difusão no Brasil* (1946). O desinteresse acadêmico pelo futebol durante a década de 1940 pode ser um dos fatores pelo qual Mario Miranda não volta a escrever para o periódico, o interesse pelo esporte o direciona para a EEFÉ-USP, onde constrói carreira e se torna professor emérito em 1978. Tão pouco o futebol volta a aparecer como tema de artigos, com exceção a resenha de Luiz Aguiar Costa Pinto ao livro *O negro no futebol brasileiro*, publicada em 1947.

Desde a publicação de *foot-ball mulato* (1938), até a expansão do campo de pesquisa acadêmico sobre futebol, em meados dos anos 1990, as notícias e as matérias de jornalistas esportivos foram elementos constitutivos da literatura esportiva existente e responsáveis por formatar o futebol na maneira que conhecemos. Embora incontáveis jornalistas esportivos sejam responsáveis pela história da imprensa esportiva no Brasil, o nome de Mario Rodrigues Filho é o que mais se destaca quando relacionamos a escrita periódica com o campo de pesquisa acadêmico.

Conhecer a *trajetória* de Mario Filho ajuda a compreender como seu trabalho se tornou notório e como suas ideias circularam através de duas gerações de intelectuais. Mario Rodrigues Filho nasceu em 1908, terceiro em meio a uma família de treze filhos. Seu pai, Mario Rodrigues, foi advogado e jornalista em Recife, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro em 1916, com intuito de dar continuidade a carreira após divergências políticas na capital de Pernambuco.⁷⁶ Inicialmente, trabalha como repórter parlamentar e editorialista do *Correio da Manhã*. Em outubro de 1925, Mario Rodrigues funda o seu próprio jornal, chamado *A Manhã* e um ano depois, Mario Filho, agora com 18 anos, passa a trabalhar no negócio da família, atuando inicialmente em cargos administrativos e posteriormente como jornalista. Mario Rodrigues tinha pretensão que o filho seguisse seus passos e assumisse o editorial político do jornal, cobrindo as atividades da Câmara dos Deputados. Porém, o jovem decide gerir as páginas de arte e cultura, focado em literatura, seguindo em 1928 para a seção de esportes, tida como a menos prestigiada do periódico.⁷⁷

Poucos meses depois, Mario Rodrigues entra em discordância com um sócio e deixa a direção para fundar um novo periódico, chamado *Crítica* (1928-1930). O novo jornal assumiria uma postura mais agressiva e sensacionalista, alcançando sucesso em um curto espaço de tempo. Mario Filho continuou a escrever sobre esporte e desenvolver as inovações iniciadas no *A Manhã*. A busca do público pelo conteúdo de futebol sobrepuja o interesse sobre outros esportes.⁷⁸

Mario Filho é responsável por uma mudança na maneira de abordar o futebol, quebrando com o modelo estabelecido que tratava a escrita esportiva de maneira rebuscada, distante e elitista. Os jornalistas limitavam-se a informar o resultado dos jogos ou indicar eventos que iriam ocorrer. O tom coloquial e o cotidiano das arquibancadas passam a figurar entre textos, que destacavam o resultado de uma partida ou troca de time por parte de um jogador. Suas crônicas populares aproximavam o público do jornal, como se as partes estivessem dialogando:

⁷⁶ CASTRO, R. O anjo pornográfico. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.11-20.

⁷⁷ ANTUNES, F. Com brasileiro não há quem possa!. São Paulo: Editora Unesp, 2004, p.123-124

⁷⁸ Idem., 2004. p.126

A transformação teria começado com uma entrevista que Mario Filho fizera com Marcos Mendonça, goleiro do Fluminense, em que este anunciava sua volta ao futebol. Mais do que a notícia em si, provocou impacto o tratamento jornalístico dado a ela e o novo idioma em que fora escrita, sepultando todo e qualquer formalismo de expressão. A entrevista ocupava meia página; apresentava-se numa linguagem nova, simples e vibrante, lembrando a língua até então somente falada nas ruas e nas arquibancadas dos estádios de futebol, e que estreava no jornal, dando indícios de que a época dos acadêmicos estava chegando ao fim. Em inúmeras crônicas, Mario Filho relatou como expressões e palavras peculiares foram surgindo nos jogos de futebol e, pouco a pouco, integraram o gosto e a cultura popular.⁷⁹

Como aponta Ruy Castro, o estilo adotado por Mario Filho tinha referência nos modernistas e essa seria a base da crônica esportiva:

Os vapores da Semana de 1922 já tinham se espalhado pelo Brasil e os truques mais modernos do Modernismo - as frases curtas, os "flashes" visuais, um certo jeitinho malcriado de escrever - eram uma doença entre os jovens escritores. Os modernistas eram fáceis de imitar, tanto que se imitavam uns aos outros, como Oswald de Andrade e Ronald de Carvalho, que eram os que Mario Filho, por sua vez, imitava.⁸⁰

Com a morte do pai Mario Rodrigues em 1930, o filho assume a direção do jornal ao lado do irmão Milton Rodrigues, com a incumbência de cobrir a Copa do Mundo daquele mesmo ano. O evento marca o retorno da seleção brasileira às competições internacionais, após um rendimento muito abaixo do esperado no Campeonato Sul-Americano de 1923, seguido da desistência de participação no ano de 1924 e de um afastamento do torneio entre 1925 e 1932, por conta de um evento de racismo em uma partida contra a Argentina, onde

⁷⁹ Ibidem, 2004. p. 124.

⁸⁰ Ibidem, 1992. p.112.

jogadores foram agredidos física e verbalmente.⁸¹ A cobertura esportiva proposta por Mario Filho tratou de seguir o padrão editorial do jornal *Crítica* conferindo emoção e polêmica aos noticiários. Tal estilo fez frente a periódicos tradicionais, que optavam por uma cobertura comedida, pedagógica e elitista.⁸²

Em meados de 1931, devido à repercussão de seu trabalho nos jornais *A Manhã* e *A Crítica*, Mario Filho é convidado por Roberto Marinho para assumir o caderno de esporte do jornal *O Globo*. Juntamente com parte da equipe de seu antigo jornal, Mario Filho encontra no novo periódico o espaço e a oportunidade para desenvolver as estratégias e o estilo empregados nas crônicas, nas pesquisas, nos textos e nos livros publicados. O trabalho com Marinho rendeu-lhe muitos contatos e relacionamentos com outras pessoas do meio esportivo, jornalístico e intelectual. Mario Filho passa a frequentar locais de encontro de torcedores, jornalistas e jogadores de cada time carioca como o Café Rio Branco, o Lamas e o Largo do Machado, que concentravam os flamenguistas. O bar Capela, da Lapa e a cervejaria Vitória, da Praça Onze, era o espaço onde se encontravam os vascaínos e no Mourisco, onde iam os americanos. Mas, os cafés e bares não eram os únicos redutos de Mario Filho, o jornalista era também frequentador da Confeitaria Colombo e da renomada Livraria José Olympio, o que o colocava em contato com diversos escritores e literatos extremamente relevantes do período.⁸³ A rede de sociabilidade de Mario Filho foi construída nesses ambientes e isso se reflete em sua obra, construída com a colaboração de figuras das mais diversas áreas, como Noel Rosa, na música, José Lins do Rego, na literatura e no jornalismo, etc.

Em 1932, uma verba disponibilizada pelo jornal permitiu iniciar a coluna chamada “cafezinho com entrevistados”, uma série de entrevistas feitas por Mario Filho no Café Nice. Os principais temas do futebol nesse momento ressoavam através da coluna, como a questão da profissionalização dos jogadores, assunto que o jornalista se envolveu, saindo em defesa daqueles que acreditava que os jogadores deveriam ser pagos.

⁸¹ COSTA, L. M. As pegadas douradas do sensacionalismo no esporte: Mário Filho e a cobertura da Copa de 1930 por *Crítica*. *FuLiA/UFMG*, v.2, n.3, set-dez, 2017. p.76.

⁸² *Ibidem*, 2017. p. 63-76.

⁸³ *Ibidem*, 2004. p.126-127.

Sua atuação no *O Globo* contribui para o desenvolvimento do futebol enquanto espetáculo de massas, promovendo o jogo através de concursos entre torcidas, nomeando os confrontos entre times, lembrando histórias do passado para animar os jogos clássicos e, na ausência de partidas de futebol, tratava de outras modalidades como o remo, o boxe, a natação e o automobilismo. Mais tarde, em meados de 1948, apoia a construção do estádio do Maracanã e, em 1950, participa da criação do torneio Rio-São Paulo, reunindo as maiores equipes dos dois estados do sudeste. Em 1936, com o apoio de Roberto Marinho, o jornalista torna-se proprietário do já existente *Jornal dos Sports*, periódico do qual exerce, em paralelo ao trabalho no *O Globo*, a função de jornalista e editor-chefe até 1966, ano de sua morte.⁸⁴

Cabe ressaltar que já no início dos anos 1940, Mario Filho era um dos jornalistas mais populares na cidade do Rio de Janeiro, sendo tão assediado nos estádios quanto os próprios jogadores.⁸⁵ Essa fama não se estendia aos demais centros do país, porém, sua importância é reconhecida no campo do jornalismo e da história do futebol. Por seu trabalho e dedicação, ganha o título “inventor” do jornalismo esportivo moderno. André Capraro contextualiza tal afirmação, tratando não só do trabalho produzido por Mario Filho, mas pelo reforço e pela divulgação de sua obra por parte de seus contemporâneos:

⁸⁴ COUTO, A. A. G. A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. *O Jornal dos Sports* foi um periódico fundado em 1931 por Argemiro Bulcão, com objetivo de noticiar sobre as diversas práticas esportivas da cidade do Rio de Janeiro. Nele, eram publicadas informações sobre jogos, tabelas de campeonatos, excursões das equipes, entrevistas com jogadores, dirigentes. Para cobrir o futebol, algumas estratégias editoriais foram consagradas pela direção de Argemiro Bulcão. Podemos citar uma campanha visceral do jornal para acabar com a violência nos jogos, tanto entre jogadores, como entre as torcidas. Para o JS, a prática do futebol era mais do que um esporte, era uma atividade física que representava o homem moderno e civilizado. Portanto, a falta de cordialidade, a tentativa de agredir, reclamar ou ludibriar o árbitro de uma partida, seria não resultado da tensão inata de um jogo, do dinamismo de um esporte que requer contato físico, mas sim, de uma falta de preparo dos jogadores e de seus clubes para praticar uma modalidade que exigisse um comportamento adequado do “verdadeiro” sportsman.

⁸⁵ Ibidem, 1992. p.222

Concordam tais vertentes que Mario Filho foi um dos primeiros literatos a ganhar espaço escrevendo sobre futebol nas capas dos grandes jornais brasileiros; que também foi o primeiro a prosperar editando um diário exclusivamente direcionado aos esportes; além de escrever vários livros respeitáveis versando sobre o futebol. Mas a alcunha de "inventor" realmente se deu devido ao esforço e constante reforço por parte do seu círculo de convívio - composto, por sinal, por reconhecidos jornalistas, intelectuais e artistas; como, por exemplo, José Lins do Rego, Armando Nogueira, Gilberto Freyre e Roberto Marinho. No seio deste grupo de notáveis, o mais engajado em enaltecer as virtudes profissionais de Mario Filho foi seu próprio irmão, Nelson Rodrigues - na época, um consagrado teatrólogo e escritor.⁸⁶

Mario Filho estreita sua relação com a história do futebol ao longo dos anos e em 1942 desenvolve essa aptidão na coluna “Da primeira fila”, recém-criada no *O Globo*. O conteúdo de seus textos apresentava o resultado de pesquisas sobre o futebol, tema utilizado anteriormente, mas com a finalidade de promover partidas e concursos entre torcidas. Em 1947, parte desses escritos foram reunidos, editados e publicados em forma de livro, sob o título de *O negro no futebol brasileiro* (1947), onde o autor apresenta a ideia de ascensão social do negro e do mulato através do futebol, fortemente inspirado pela noção de brasilidade e de miscigenação propagada pela obra de Gilberto Freyre. Para além do jornalismo e da produção de crônicas esportivas, é importante tratar brevemente da literatura esportiva de Mario Filho. Sendo essas as obras que mais o aproximam de reflexões sobre o futebol, a parte que nos interessa enquanto referência para a geração acadêmica. Em 1943, Mario publica seu primeiro romance tendo o futebol como tema principal, *Copa Rio Branco* 32 (1943) relata as histórias da seleção brasileira no torneio que dá nome ao livro, durante a edição de 1932, com direito a prefácio de José Lins do Rego.⁸⁷ Por intermédio do esporte, Mario demonstra o potencial construir

⁸⁶ CAPRARO, André M. Mario Filho e a “Invenção” do Jornalismo Esportivo Profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v.17, n.02, p.213-224, abr/jun de 2011.

⁸⁷ A Copa Rio Branco foi um torneio criado em 1916 com objetivo de ser disputado entre as seleções do Brasil e do Uruguai, mas sua primeira edição é realizada pela primeira vez em 1931, com vitória dos

uma grande narrativa mesclando fatos e imaginação, ou na interpretação de Armando Fontes:

Felizmente para mim, que hoje sou confessadamente um apaixonado desse esporte, Mario Filho em boa hora decidiu escrever a história daqueles dias gloriosos para as nossas cores. Posso dizer que vi tudo quanto se relacionou com a disputa dos três famosos jogos do estádio Centenário, e melhor por certo, do que se houvesse acompanhado os fatos pelos jornais e rádios da época. Porque, em sua reconstituição, Mario Filho não se deixou perder nenhum detalhe, nada do que pusesse em relevo a surpresa e também a nitidez de nossas vitórias. E como a arte tem o dom de recriar a realidade com uma força e um poder de convicção bem maiores do que a impressão deixada pelos fatos que presenciamos, a história daquela jornada, conhecida através da pena sutil do cronista, teve para mim um mais refinado sabor. Em verdade, Mario Filho não se limitou a nos descrever os antecedentes dos jogos, seus lances principais, tudo quanto, enfim, apareceu nas reportagens da ocasião. Com as suas bem marcadas qualidades de romancista, pôs muito de seu na reconstituição dos acontecimentos, acentuou qualidades e defeitos das personagens, fez ressaltar os pormenores essenciais, destinados a interessar o leitor, a revelar-lhe um aspecto até então desconhecido de um fato que, entretanto, havia se desenrolado diante de seus olhos. E com seu estilo ágil e elegante, a sua verve, transformou sucessos banais de uma contenda esportiva num episódio cheio de humour, de movimento e emoção.⁸⁸

Essa maneira de retratar o futebol é vista em todas as publicações seguintes. No ano de 1945 é lançado *Histórias do Flamengo* (1945), que apresenta contos e causos do time pelo qual Mario Filho torceu durante toda

brasileiros. Na edição de 1932, ocorrida no Estádio Centenário em Montevideu, Leônidas da Silva é responsável por marcar dois gols, contra um dos uruguaios. Com diversos hiatos, a competição volta a acontecer nos anos de 1940, 1946, 1947, 1948, 1950, 1967, 1968 e 1976, com um total de seis troféus para os brasileiros, três para os uruguaios e um dividido entre ambas as equipes.

⁸⁸ FONTES, A. Copa Rio Branco 1932. In: RODRIGUES FILHO, M. *Histórias do Flamengo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2014. p.20.

sua vida. A obra é dividida cinco partes sendo iniciada pelo capítulo “O Berço”, segmento que trata do nascimento do clube e da rivalidade com o Fluminense, seguindo nos outros capítulos para uma visão do cotidiano do clube, em “A Garagem”, “O Café”, “O Campo” e “Tipos do Flamengo”, onde narra história de locais e pessoas relacionados ao clube, como Ary Barroso, Nestor de Barros, Domingos da Guia e Leônidas da Silva. O texto busca firmar a identidade do clube, que por suas supostas tradições democráticas e pluralistas, abrisse as suas portas a todos que quisesse amá-lo.

Em *O romance do football*, de 1949, o jornalista apresenta uma coletânea de seis textos independentes sobre histórias e personagens do futebol, esse. No primeiro deles, intitulado “O romancista”, Mario conta a história do escritor Octavio de Faria e como ele se torna torcedor do Fluminense. A seguir, em “O clube”, conta-se a trajetória do Curupaiti, time fundado em 1910, responsável por revelar diversos jogadores famosos. Os tipos pitorescos de aficionados por futebol são mostrados em “o torcedor” e a história do goleiro Jaguaré é contada em “o jogador”. Por fim, “A taça” trata do acidente ocorrido com o time do Fluminense em 1922 e “O jogo” descreve a final do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de 1943. O livro *Copa de 62* (1962) relata a conquista do bicampeonato mundial pela seleção brasileira, com pretensão documental, o autor narra eventos e reproduz supostos diálogos dos jogadores e da comissão técnica que viajou ao Chile naquele ano. Um ano depois, em 1963, publicou *Viagem em torno de Pelé*, uma das primeiras biografias conhecidas sobre o jogador, que acabará de completar 23 anos.

Porém, é correto afirmar que dentre todos seus livros, *O negro no futebol brasileiro*, é sua maior realização e a obra mais importante de toda sua bibliografia sobre a história do futebol brasileiro. Em um misto de pesquisa profunda e prosa coloquial, o livro foi fundamental na construção do imaginário futebolístico brasileiro.

Figura 9 - Capa da primeira edição de Histórias do Flamengo.
 Fonte: < <http://livroanacao.blogspot.com/2012/09/livros-sobre-historia-do-flamengo.html>>

Figura 10 - Capa da primeira edição de O Negro no Foo-ball Brasileiro, com destaque ao prefácio de Gilberto Freyre e a gravura de um negro frente a uma trave de futebol.
 Fonte: < <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?id=478770>>

O negro no futebol brasileiro foi publicado pela primeira vez em 1947 e recebe dois novos capítulos em 1964, quando do lançamento de sua segunda edição. O livro tem como tese principal que o futebol seria o meio pelo qual o negro e o mulato conseguiriam ascender socialmente, ao mesmo tempo que tem a intenção de construir uma identidade brasileira a partir do futebol. A forma de pensar a brasilidade a partir do valor positivo da miscigenação e localizar o negro numa sociedade harmônica com possibilidade de ascensão foi um projeto de Mario Filho no campo esportivo.⁸⁹

O autor apresenta uma linha histórica que parte do início do esporte, elitista e branco para alcançar, ao final do livro, a democratização racial, articulando suas memórias pessoais com material recolhido de suas colunas no jornal, entrevistas com jogadores e referências a eventos esportivos. A trajetória de negro e o mulato, personagens principais de sua narrativa, é destacada através da luta pela superação das barreiras raciais, que os impediam de adentrar as principais ligas e clubes de futebol em todo país. Os elementos africanos presentes na formação da sociedade brasileira seriam em parte responsáveis pelo estilo de jogar futebol, outro ponto que permitiu a ascensão social desses atletas. Não é por acaso que as ideias de miscigenação e harmonia social aparecem como conceitos chave na obra de Mario Filho, a amizade do jornalista com José Lins do Rego foi a ponte para aproximá-lo de Gilberto Freyre. Em um jantar, no ano de 1946, Mario apresenta uma coletânea de escritos para Freyre, que os devolve com comentários e apontamentos. Esse conjunto era composto pelos textos publicados na coluna “Da Primeira Fila”, que dariam origem ao livro de 1947.⁹⁰

Freyre é convidado para escrever o prefácio de *O negro no futebol brasileiro*, como uma forma de dar lastro ao trabalho e conformar recepção e seu consumo, assim como havia feito José Lins do Rego em *Copa Rio Branco* 32. Além disso, o sociólogo via na tese de Mario Filho aplicação de suas ideias no meio do futebol, um olhar sobre o futebol, sobretudo pela influência do negro que teria transformado aquele espaço social e sua maneira de jogar.

⁸⁹ HAAG, F. R. Mario Filho e *O negro no futebol brasileiro*: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 9, n.23, março, 2014. p.05-06.

⁹⁰ *Ibidem*, 2014. p.06-07.

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte, formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parassociológico. Era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol – na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teria, provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio.⁹¹

E mais uma vez, reafirma seu discurso sobre a miscigenação como elemento transformador do futebol brasileiro, apontando para esse tema dentro da obra de Mario Filho.

O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos [da Guia], admirável em seu modo de jogar mas que quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mario Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis para a nossa literatura, isto é, na situação de uma espécie de inglês desgarrado entre tropicais.⁹²

⁹¹ FREYRE, G. Prefácio à 1ª Edição. In: O negro no futebol brasileiro. In: RODRIGUES FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 24.

⁹² Idem., 2003. p. 25.

No primeiro capítulo, intitulado “Raízes do saudosismo”, Mario se debruça sobre os momentos iniciais da história do futebol no Brasil, quando era praticado apenas pela elite branca e por europeus que viviam no país, chegando até a década de 1910, quando começa a se tornar popular. Para exemplificar as características dessa elitização do esporte, Mário narra eventos como o nascimento do Fluminense e do Botafogo, criado por membros da alta sociedade carioca. O cotidiano do futebol é mostrado através dos bailes promovidos por esses clubes, sobre o cavalheirismo dentro e fora de campo e pela relação dos jogadores com as famílias tradicionais. A popularização do esporte é mostrada através do surgimento de times suburbanos e da entrada de jogadores negros nos clubes de elite, mas ainda com sua cor de pele escondida por muitas camadas de pó-de-arroz. O capítulo se encerra tratando do Campeonato Sul-Americano de 1919 e da importância do mulato Friedenreich para a democratização do futebol brasileiro.

Em “O campo e a pelada”, o recorte de Mario segue para a década de 1920, acompanhando o processo de popularização do futebol e a trajetória dos jogadores negro e mulatos presentes nos operário e suburbanos. Os eventos passam a ser narrados destacando a história de figuras como Manteiga, o jogador que largou o clube América para viver na Bahia, e do falecido Monteiro, que morreu de tuberculose por excesso de dedicação ao seu clube. O capítulo se encerra com uma crítica ao futebol carioca, onde apenas “times de brancos venciam o campeonato” e faz um elogio ao Vasco da Gama, que por sua origem europeia e patriarcal, foi o primeiro clube a promover uma mistura de raças e buscou negros para compor seu elenco, sendo campeão carioca no ano de 1923.

Em “A revolta do preto”, o penúltimo capítulo da primeira edição, o autor inicia relatando a repercussão torno da vitória do Vasco da Gama e uma crítica dos clubes cariocas ao profissionalismo no futebol. Alegava-se que havia um profissionalismo velado e a contratação dos negros promovia a decadência do ambiente esportivo refinado. O cerne deste capítulo é apresentar a luta dos negros e mulatos pela aceitação e pelo reconhecimento no meio do futebol. A crítica de Mario contra o amadorismo se pautava nas injustiças vividas pelos negros, em um ambiente sem regras que os protegessem e da cooptação de jogadores por clubes estrangeiros, de países onde o futebol já era profissional.

O capítulo que encerrava a primeira edição tinha como objetivo confirmar a tese de Mario Filho e levou o nome de “A ascensão social do negro”. Na primeira parte, o autor segue dissertando sobre os problemas do amadorismo e da ida de jogadores para fora do Brasil no início da década de 1930. Na sequência, destaca o surgimento de Leônidas da Silva e Domingos da Guia, jogadores que se tornariam “símbolos do futebol” após a Copa Rio Branco de 1932 e a Copa do Mundo de 1938. A profissionalização do futebol, oficializada em 1933, é ponderada pelo autor, que por um lado valoriza o atendimento das demandas dos jogadores negros, ao mesmo tempo que os transforma em empregados do clube e não mais em sócios com voz ativa nas decisões gerais.

Em 1964, quando dá publicação da segunda edição do livro, Mário Filho inclui dois outros capítulos, atualizando a situação do negro no futebol brasileiro entre as décadas de lançamento dos livros. Dois temas são explorados no quinto capítulo, chamado “A provação do preto”, o primeiro deles trata das consequências da Segunda Guerra Mundial nos times de origem italiana, principalmente o Palmeiras, e o segundo relata a Copa do Mundo de 1950, em um momento onde o Brasil, favorito da imprensa local ao título, é derrotado pelo Uruguai no Maracanã. Mario aborda o segundo tema neste, e no próximo capítulo, intitulado “A vez do preto”, para mostrar como era frágil a relação dos negros com sociedade, que mesmo amados em seus clubes, poderiam ser vítimas de racismo por qualquer falha. O autor defende a tese de “recrudescimento do racismo”, ou o surgimento de um racismo mais intenso, após a derrota em 1950. Desse evento emergem como culpados o goleiro Moacyr Barbosa, o meia João Ferreira, conhecido como Bigode e o zagueiro Juvenal Amarijo, iguais por uma mesma característica, eram negros. Por fim, o autor trata das consequências da Copa do Mundo de 1950 para a seleção como um todo, descreve o Pan-Americano de 1952 como o momento de vingança contra os uruguaios, a derrota na Copa do Mundo de 1954 uma tragédia e as Copas de 1958 e 1962, como momento de glória com retorno dos negros e mestiços ao protagonismo, destacando a importância de Garrincha, Pelé e Didi.

Segundo Fernanda Haag, a primeira tiragem do livro contou com 120 exemplares, 100 deles foram colocados à venda e outros 20 enviados a amigos e intelectuais. Um dos exemplares foi dado a Pedro Calmon, professor da

Universidade do Brasil e do Colégio Dom Pedro II e outro para a ELSP, que publicava na revista *Sociologia* apenas resenhas de obras que lhes eram enviados. Outros exemplares chegaram as mãos de intelectuais como Rachel de Queiroz, Jorge de Lima, Olívio Montenegro, Nelson Werneck Sodré, todos convidados a escrever suas opiniões sobre o livro para o *Jornal dos Sports*. Com isso, é possível perceber que Mario Filho buscava algum reconhecimento de intelectuais dos círculos de letrados e do meio acadêmico. Assim como o prefácio de Gilberto Freyre, os convites a colegas para resenhar o livro era uma forma de adquirir lastro e reconhecimento frente ao grande público.⁹³

O negro no futebol brasileiro tornou-se uma obra de referência para os estudos acadêmicos sobre futebol, principalmente na geração acadêmica da década de 1970. A trajetória do futebol brasileiro pelo viés de Mario Filho foi utilizada durante muito tempo como fonte histórica verossímil ou documento para comprovação de hipóteses e isso se deve muito a falta de outras obras de grande circulação que tratassem das origens do futebol e seu desenvolvimento por quase um século de existência no Brasil. Esse é o caso de ensaios como “Futebol, ópio do povo ou drama de justiça social”, de Roberto DaMatta⁹⁴ e “O futebol no Brasil” de Anatol Rosenfeld,⁹⁵ que se remetem aos escritos de Mario Filho sem a preocupação de questionar seu método ou sua validade como fonte histórica. O tipo de utilização feito sobre esta obra no meio acadêmico teria criado algumas distorções e a perpetuação de algumas ideias “construídas” pela narrativa de Mario Filho. Cabe destacar alguns pontos sobre as opções metodológicas de Mario Filho que levaram a esse tipo de leitura e apresentar alguns estudiosos, como é o caso de Antônio Jorge Soares, que se dedicaram a reavaliar o lugar desta obra.⁹⁶

Na “Nota ao leitor 1ª edição”, Mario Filho busca legitimar seu trabalho como uma pesquisa histórica explica sobre a coluna “Da Primeira Fila” e como esta serviu de base para suas pesquisas e estudos sobre diversas épocas do futebol brasileiro.

⁹³ Ibidem, 2014. p.8.

⁹⁴ DAMATTA, R. Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social. Novos Estudos CEBRAP. São Paulo, v,1, n.4, p.54-60, 1982.

⁹⁵ ROSENFELD, A. O futebol no Brasil. In: Negro, macumba e futebol. São Paulo, Perspectiva, 1993. p.73-104.

⁹⁶ SOARES, A, J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R. et. al. A invenção do país do futebol: Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13-49.

Pude estudar, separadamente, várias épocas do futebol brasileiro, ou, melhor, do futebol carioca, cuja história não há de deferir em essência, de nenhuma outra dos grandes centros esportivos do Brasil. Eis que me valeu o conhecimento de fontes que, de outra forma, permaneceriam ignoradas. [...] Eu fui, aos poucos, levantando o véu, ouvindo daqui, dali, reconstituindo a tradição oral, muito mais rica, muito mais viva do que a escrita dos documentos oficiais, graves, circunspectos, dos jornais que não dizem tudo.⁹⁷

São taxativas as afirmações de Mario Filho quanto a isenção de sua obra, tratando da ausência de contestações de seus textos por parte dos sujeitos que são relatados.

Uma vaidade eu tenho: a de apresentar uma obra que desafia contestação. Se eu tivesse exagerado, para não dizer deturpado os fatos, não faltariam desmentidos. Antes de sair em livro, *O Negro no Futebol Brasileiro* teve a mais ampla divulgação jornalística que se poderia desejar, pois foi publicado diariamente, durante cinco meses, no *O Globo*, o jornal de maior circulação da imprensa brasileira. E não apareceu uma refutação de quem quer que fosse, embora quase todos os personagens da história do futebol brasileiro estejam vivos, tenham lido as páginas reunidas neste volume. O que prova que o que está aqui é a verdade pura e simples.⁹⁸

⁹⁷ Ibidem, 2003. p. 20-21.

⁹⁸ Ibidem, 2003. p.23.

Esses argumentos demarcam que o objetivo do livro é compor uma obra histórica, afastando a imagem de romancista adquirida no passar de sua carreira como jornalista e escritos literário. Filho afirma que realizou um extenso levantamento e isso o legitima como pesquisador.

Reuni, assim, um material de tal ordem que surpreendeu alguém cuja opinião prezo muito. O material era tanto, e com tamanho requinte de detalhe, que ficava a dúvida. A dúvida de como eu conseguiria reuni-lo, cataloga-lo, usá-lo, numa narrativa corrente, sem um claro, uma interrupção. Eu não me teria valido da imaginação de romancista que ainda não publicou um romance? Não, eu não usei a imaginação. Nenhum historiador teria tido mais cuidado do que eu em selecionar os dados, em comprovar-lhe a veracidade por averiguação exaustiva. Às vezes uma simples dúvida me fazia inutilizar um capítulo, obrigando-me a novos trabalhos e pesquisas.⁹⁹

Porém, Soares desconstrói a pretensão histórica, apontando elementos de escrita, onde é possível perceber uma estrutura narrativa do campo do romance, no sentido de construir uma história de identidade.

Se olharmos o Negro no futebol brasileiro e a ordenação dos seus capítulos, veremos que a estrutura assemelha-se à do conto: a) ao herói impõe-se uma carência ou dano, uma proibição e o afastamento de sua comunidade; b) a proibição é transgredida, e o herói nessa etapa é enganado ou humilhado por seus antagonistas; c) o herói é submetido a provação, mas algo mágico lhe é doado auxiliando-o a superar as adversidades; d) o herói consegue o triunfo sobre as adversidades; a carência ou dano inicial são reparados, e assim ele retorna à sua comunidade reconhecido pelo seu feito; e) a continuidade do conto sempre levará ao herói uma nova imposição de dano que será mais uma vez reparada ao serem cumpridas todas as etapas subsequentes.¹⁰⁰

⁹⁹ Ibidem., 2003. p.23.

¹⁰⁰ Ibidem, 2001. p.17.

E, considerando que a obra pouco tem de caráter histórico ou sociológico, volta sua crítica aos demais pesquisadores que utilizaram a obra como fonte no meio acadêmico.

Mas, poder-se-ia perguntar, que problemas haveria em usar Mário Filho como fonte de fatos e interpretações da história do futebol brasileiro? De fato, não haveria problema algum se a obra fosse tomada como mais uma fonte de informações e contrastada ou cruzada com outras. O problema é que a obra em questão tem sido utilizada, no interior das ciências sociais, como prova para as interpretações estabelecidas a priori sobre as relações raciais no futebol e sobre o singular estilo de futebol nacional. A carência de historiografia sobre o futebol converteu o Negro no futebol brasileiro em clássico, na verdade em laboratório de provas, sem passar pelo rigor da crítica.¹⁰¹

Ampliando o debate, Ronaldo Helal responde, ponderando a importância histórica de *O negro no futebol brasileiro*. Em um artigo recente, o autor questiona a “dureza” no tratamento de dado valor de “testemunho histórico da obra de Mario Filho. Em sua leitura, as dramatizações dos fatos históricos, do ponto de vista acadêmico, revelam mais dos que os “fatos em si”.

De forma geral, consideramos que O negro no futebol brasileiro pode ser usado como fonte histórica, com o cuidado de analisar as fontes jornalísticas da época. O negro no futebol brasileiro faz parte da história, ao contribuir para a “construção” simbólica do nosso futebol. Notícia ou romance, “fato” ou “mito”, as “construções” de Mário Filho tiveram êxito e seguem reverberando na história do futebol brasileiro, principalmente no meio jornalístico, que continua reproduzindo muitas das histórias contadas no livro. Isto, por si só, já seria motivo para utilizarmos a obra como objeto de estudo, para entender a fundação simbólica do futebol no Brasil.¹⁰²

¹⁰¹ SOARES, A. J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R. et al. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p.14.

¹⁰² HELAL, R.; TEIXEIRA, J. P. V. Mário Filho, jornalismo e romance: estudo de caso. In: CAMPOS, F.; ALFONSI, D. Futebol: Objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014. p.241.

Os questionamentos, levantados em um momento que em que a produção de conhecimento sobre futebol já está estabelecida, mostram que o desenvolvimento de uma obra é um processo que se faz de maneira coletiva, por isso a importância de mapear os lugares de inserção de Mario Filho, as posições por ele ocupadas nos campos literário, esportivo, jornalístico e até político e mais ainda a circularidade dele por entre esses campo. O questionamento de Soares é válido pois, por algum tempo, as ideias e argumentos presentes na obra de Mario Filho foram tomadas como verdades absolutas, testemunhos históricos de uma época, sem questionar a validade de suas fontes. Porém, invalidar o que está dito, é incorrer do erro metodológico de não considerar aquilo que revela, quais os temas estão expressos nas páginas do livro e como podem ser estudados pelas gerações seguintes. Ou, nas palavras do próprio Helal:

Resumidamente, podemos dizer que o debate tratava, em última instância, das formas de se entender os mecanismos utilizados por agentes sociais (da imprensa, do meio acadêmico, da política) para integrar o país utilizando-se da força aglutinadora do futebol, principalmente da seleção brasileira e, ainda mais especificamente, das atuações da seleção em períodos de Copas do Mundo. Neste processo evidencia-se a necessidade de se entender como os recursos acionados por agentes sociais foram eficazes na “construção” de uma identidade nacional por meio do futebol.¹⁰³

Desse ponto de vista, é inegável a contribuição de Mário Filho para a história do futebol que, à parte da história factual, registrou em narrativas históricas com os temas de sua época, os debates que envolviam o futebol e questões chave, como o racismo no esporte, tratado em diversas oportunidades pela literatura esportiva. Em um dos capítulos incluídos na segunda edição de *O negro no futebol brasileiro*, Filho trata da Copa do Mundo de 1950 e, ao observar esse evento, é possível perceber a importância de seus apontamentos e reflexões.

¹⁰³ HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. Comunicação, Mídia e Consumo. São Paulo, ano 8, vol.8, n.21, p.26.

Figura 11 – Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1950.

Fonte: <http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/511576>. Acervo: Acervo Jean Manzon

Figura 12 - Cartaz da Copa de 1950.

Fonte: <http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/528810/>. Acervo: FIFA

Com o fim da Segunda Guerra, o Brasil é selecionado para sediar a próxima Copa do Mundo, ocorrida em 1950. A construção da identidade brasileira através do futebol estaria próxima de atingir seu ápice e sua rápida derrocada, uma vez que o estado de animosidade pública se defrontaria com uma derrota para o Uruguai na final do torneio.

A seleção brasileira do treinador Flávio Costa acumulava bons resultados, tendo vencido o Campeonato Sul-Americano de 1949 e outros dois torneios amistosos contra o Uruguai e o Paraguai. O Brasil estreava na Copa de 1950 em 24 de junho, no recém-inaugurado Estádio do Maracanã. A seleção mexicana, primeiro adversário na campanha, foi batida pelo resultado de 4 a 0. Quatro dias depois, no estádio do Pacaembu, os brasileiros empatavam em 2 a 2 contra a Suíça, considerado um placar aceitável para a ocasião. O otimismo aumentava a cada vitória e na sequência, viriam os melhores resultados em um quadrangular final. No dia 1 de julho, vencia a Iugoslávia por 2 a 0, afastando qualquer argumento negativo, no dia 09, foram 7 a 1 sobre a Suécia e, por fim, no dia 13, garantiram um placar de 6 a 1 sobre a Espanha. Restava apenas o jogo contra o Uruguai, que vinha de uma virada por 3 a 2 contra os suecos. O clima na véspera do jogo era de uma vitória fácil e o primeiro título garantido, ainda mais contra um adversário conhecido. O jogo do dia 16 de julho, no Estádio do Maracanã, recebeu algo entre 173 e 199 mil torcedores. Aos dois minutos do segundo tempo, o brasileiro Friança abre o placar, sobre protestos dos uruguaios que reclamavam de impedimento, mas não foram atendidos pelo juiz. Aos 22 minutos, Ghiggia vence Bigode na corrida e cruza para Schiaffino empatar e assim começavam a se definir os “vilões” da partida. Doze minutos depois, Ghiggia passaria mais uma vez pela marcação de Bigode repete o movimento do gol anterior, mas não cruza, enganando o goleiro Barbosa que tentava se antecipar a jogada. Em um chute direto, o Uruguai virava o placar, que termina em 2 a 1, retirando o “título garantido” das mãos dos brasileiros. O Maracanaço, como ficou conhecida a derrota, entra para a história do futebol brasileiro como a maior tragédia já ocorrida. A concepção criada sobre estilo brasileiro pautado na miscigenação foi amplamente questionada, uma vez que os “vilões” eram negros.¹⁰⁴

¹⁰⁴ Ibidem, 2013. p.26-37.

A derrota na Copa do Mundo de 1950 dava um fim a euforia nacionalista criada 20 anos antes, trazendo à tona um tipo de pessimismo nacional e complexo de inferioridade que afetava a imprensa, a sociedade e o governo. Para esses setores, o Brasil estava fadado a derrota, era um país que não iria dar certo, incapaz de grandes conquistas e que jamais alcançaria o nível das grandes nações do mundo. Ao mesmo tempo, o racismo apaziguado, mas nunca superado, volta a florescer, como forma de justificar aquela traumática derrota e todos os problemas na nação.

A presença dos jogadores negros na seleção, aquilo que outrora era um trunfo, passou a ser visto como seu maior defeito. O lateral Bigode, o zagueiro Juvenal e o goleiro Barbosa, todos negros, foram vistos como culpados da derrota no jogo mais importante na história do futebol brasileiro.

Era o que dava, segundo os racistas que apareciam aos montes, botar mais pretos e mulatos do que brancos num escrete brasileiro.¹⁰⁵

Até o dia de sua morte, em 7 de abril de 2000, aos 79 anos, Barbosa carregou o fardo da derrota, o goleiro não teve tempo de receber um perdão digno, carregando esse fardo pelo restante de sua carreira e de sua vida. Ou, como afirma Roberto Muiyler, “os acontecimentos se transformaram num novelo de ideias um tanto embaraçadas, contraditórias, embaçadas, que há muito Barbosa desistiu de deslindar”.¹⁰⁶ Mesmo que negado o possível racismo, a seleção brasileira só teve um outro goleiro o negro assumindo a posição de titular em 2006, quando Dida foi convocado pelo técnico Carlos Alberto Parreira. Zizinho, outro negro, seria poupado de críticas por ser um “craque inquestionável, porém não seria convocado para a Copa de 1954, sinal que confirma como o pensamento racista não desapareceria tão cedo.”¹⁰⁷

¹⁰⁵ Ibidem, 2003. p.290.

¹⁰⁶ MUYLAERTE, R. Barbosa - Um gol silencia o Brasil. São Paulo: Editora Bússola, 2010. p.113.

¹⁰⁷ GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p.96.

Nesse sentido, a obra de Mário Filho nos ajuda a compreender como uma derrota no campo esportivo foi ampliada a ponto de representar uma quebra do projeto de identidade nacional, tendo o futebol como símbolo e a miscigenação como representação.

O Campeonato do Mundo de 1950, em vez de glorificar um novo ídolo do futebol brasileiro, que, segundo todas as probabilidades, seria outro mulato ou preto à imagem e semelhança de Arthur Friedenreich e Leônidas da Silva, o que fez foi reavivar um racismo ainda não de todo extinto.¹⁰⁸

Até a vitória em 1958, a seleção brasileira fica atua rodeada por desconfiança, descrença e pressão, acumulando resultados abaixo do esperado. Durante o Sul-Americano de 1953, a insegurança da CBD sobre as opções do técnico Aymoré Moreira fez com que a confederação enviasse Zezé Moreira e Flávio Costa para Lima, no Peru, na intenção dos três dividirem o comando técnico da seleção. A relação conturbada, fez com que Zizinho retornasse ao Brasil antes do final da competição, sendo essa a última vez que foi convocado a participar de qualquer torneio com a seleção. Durante a Copa do Mundo de 1954, a derrota por 4 a 2 para a Hungria de Ferenc Puskas, considerado o melhor jogador do mundo da época, é marcada por uma atitude violenta por parte dos jogadores brasileiros.

O péssimo momento do futebol brasileiro encontra seu alento com o surgimento de dois jogadores, Manuel Francisco dos Santos, conhecido como Mané Garrincha, e Edson Arantes do Nascimento, o Pelé. Garrincha surge no Botafogo em 1953, menos de um ano depois aparece na lista dos 40 convocados para a Copa de 1954, mas não fica entre os 22 selecionados, estreando pela seleção apenas em 1955. Pelé, um garoto de 15 anos, estreava pelo Santos em 1956 e devido a lesão de Vasconcelos, meia santista, é convocado como substituto e abre caminho para ser um dos selecionados à Copa do Mundo de 1958.

¹⁰⁸ Ibidem, 2003. p.280.

Figura 13 - Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1958.
Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/499456>>
Acervo: Bettmann | Corbis Latinstock

Figura 14 – Cartaz da Copa do Mundo de 1958.
Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/529379>>. Acervo: FIFA.

No entanto, as lembranças do Maracanazo e o desempenho abaixo do esperado na Copa de 1954 e nos torneios sul-americanos era mais forte que a esperança dada as novas estrelas do futebol nacional. Apesar de mudanças estruturais no futebol feitas por João Havelange, então presidente da CDB, tendo assumido pouco meses antes da Copa do Mundo de 1958, e Paulo Machado de Carvalho, então vice-presidente daquela gestão, o sorteio das chaves colocava adversários difíceis, como Inglaterra, União Soviética e, em menor escala, a Áustria, no caminho da seleção brasileira. Pregava-se que o Brasil possuía bons jogadores, mas não um time formado. A ideia de que o melhor conjunto definiria o próximo vencedor da Copa do Mundo se baseava em um modismo, que via no futebol científico e na disciplina dos times europeus o ideal de futebol moderno.¹⁰⁹ O Brasil vivia, em uma expressão criada por Nelson Rodrigues, um verdadeiro “complexo de vira-latas”.¹¹⁰

Então, era necessário vencer os austríacos no primeiro jogo da Copa. Em 8 de junho, na cidade de Uddvalla, o técnico Vicente Feola coloca um time em campo ainda sem Pelé, que chega na Suécia contundido, e sem Garrincha, que ficou na reserva. Mazzola abre o placar aos 37 minutos do primeiro tempo, aliviando a equipe que sofria dificuldades até então. No segundo tempo, o lateral Nilton Santos se aproveita da capacidade de cobertura do meia Zagallo e se lança ao ataque, ampliando o placar. O terceiro e último gol é feito pelo mesmo Mazzola, fechando a partida em 3 a 0. A segunda partida, contra a Inglaterra, ocorre no dia 11 de junho, em Gotemburgo. Apesar de um jogo disputado, nenhum tento é marcado e o jogo se encerra no 0 a 0, resultado que parecia bom para planejamento da comissão. Garrincha e Pelé fazem sua estreia em Copas do mundo contra os soviéticos em 15 de junho. A ideia de Feola era criar uma pressão inicial sobre a defesa adversária, quebrando qualquer possibilidade de domínio tático por parte dos europeus. E a ideia de jogo foi um sucesso, pois Vavá abriu o placar com apenas três minutos de jogo e esse resultado classificava o Brasil para as Quartas de Final, com os olhos do mundo voltados para Garrincha e seus dribles desconcertantes.

¹⁰⁹ Ibidem, 2010. p.119.

¹¹⁰ RODRIGUES, N. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.42.

Na primeira partida da fase eliminatória, ocorrida em 19 de junho, contra a seleção do País de Gales, o Brasil continuou a usufruir de seus jogadores rápidos e habilidosos e de um estilo de jogo baseado na pressão sobre a defesa adversária. Aos 21 minutos do segundo tempo, após uma série de boas chances de gol, o jovem Pelé recebe a bola na área, se livra de dois marcadores e chuta de bico em direção ao gol, garantindo o placar de 1 a 0 que classificava a seleção para a semifinal contra a França, que vinha de boa campanha, com o ataque mais efetivo da competição. No dia 24, em Estocolmo, Vavá abre o placar aos 2 minutos, mas os franceses logo empatam, aos 6 minutos e aos 39, em uma falta, Didi traz a vantagem de volta. O segundo tempo é todo de Pelé, que marca por três vezes, contra um dos franceses, fechando o placar em 5 a 2 e levando o Brasil novamente a uma final de Copa do Mundo. Para evitar erros cometidos anteriormente, Paulo Machado de Carvalho e Vicente Feola isolam os jogadores da imprensa e dos torcedores e não permitem entrar qualquer informação além do necessário. No jogo final, realizado em 29 de junho, a seleção é obrigada a trocar de uniforme, já que os suecos também usavam amarelo, jogando com a camisa azul. Os donos da casa abrem o placar aos 4 minutos, deixando os brasileiros em uma posição de desvantagem pela primeira vez no torneio. Porém, aos 9 minutos Vavá empata, após um cruzamento de Garrincha e aos 32, a mesma jogada sela a virada. Como no jogo contra a França, a volta no segundo tempo determina um domínio por parte dos brasileiros, que ampliam a vantagem com gol de Pelé aos 10 minutos, outro de Zagallo aos 23 e um último de Pelé, aos 45. A Suécia ainda esboçou uma reação, com um gol aos 35, mas não foi suficiente, encerrando a partida em 5 a 2, resultado que deu o primeiro título mundial ao Brasil.¹¹¹

O presidente Juscelino Kubitschek pode explorar o potencial de uma vitória em Copa do Mundo, alimentando o otimismo sobre seu plano de governo, pautado pelo mote “50 anos em 5”. Assim como João Goulart, presidente durante a campanha do bicampeonato em 1962, associou sua imagem a dos jogadores, na intenção de ganhar apoio popular e votos nas eleições de 1962 e no plebiscito de 1963.

¹¹¹ Ibidem, 2013. p.48-58.

Figura 15 - Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1962.

Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/513062>>. Acervo: Hulton Archive

Figura 16 - Cartaz da Copa do Mundo de 1962.

Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/528822/>>. Acervo: FIFA

Na primeira metade dos anos 1960, houve uma radicalização dos movimentos sociais conservadores, provocada pela quebra do crescimento proposta pelo governo Juscelino, pela instabilidade política durante o governo de João Goulart e pela propaganda anticomunista feitas pelos Estados Unidos, que temia o avanço do socialismo na América Latina, assim como aconteceu em Cuba. Por uma postura populista e aproximação com movimentos sindicais e de esquerda, Jango era alvo de muitas críticas por parte dos setores conservadores civis e militares, que já em 1961 tentaram evitar sua posse como presidente. Quanto mais perto estava a Copa do Mundo de 1962, mais o presidente se envolvia em assuntos ligados ao futebol, contando histórias de sua juventude, quando tentou ser zagueiro no Rio Grande do Sul, além de manifestar opiniões contra a venda de jogadores para o exterior.¹¹² O governo via no evento um momento importante e a conquista do título seria um meio de ganhar apoio das camadas populares.

Pela primeira vez na história do futebol brasileiro, a seleção que foi ao Chile para a disputa da Copa do Mundo de 1962 era franca favorita ao título, dos 32 jogos disputados após a conquista de 1958, foram 28 vitórias, 2 empates e 2 derrotas. Além disso, o Brasil contava com as estrelas Garrincha e Pelé, dois dos principais jogadores do mundo, além de Paulo Machado de Carvalho, que continuava responsável pela organização estrutural da seleção como chefe da delegação.

O Brasil não encontra novidades na primeira fase da competição, seus adversários, México, Tchecoslováquia e Espanha, já eram conhecidos de outras Copas do Mundo. No jogo de abertura, contra os mexicanos, Pelé e Zagallo marcam e o placar de 2 a 0 sacramenta a vitória. Na sequência, os Tchechos seguram o empate por 0 a 0 em um jogo aberto e com várias oportunidades de gol. Porém, o pior acontece aos 27 minutos do primeiro tempo, quando Pelé sofre um estiramento muscular na coxa direita, lesão que o tirava do restante do torneio. O substituto do “rei” foi Amarildo, jogador de 22 anos do Botafogo, mas grande destaque da Copa dali para frente seria Garrincha. Para se classificar, o Brasil só dependia de um empate contra a Espanha. Em um jogo controverso, com gols anulados e pênaltis não marcados,

¹¹² Ibidem, 2014. p.276.

os europeus abrem o placar aos 35 minutos do primeiro tempo e apenas aos 27 minutos do segundo, o Brasil empata com cruzamento de Zagallo para Amarildo. Garrincha se encontra na partida e daí para frente se destaca, cruzando novamente para outro gol de Amarildo aos 41 minutos, decretando a vitória por 2 a 1.

Nas quartas de final, contra a seleção inglesa, Garrincha brilha novamente, flutuando em todas as posições do ataque, gerando muitos problemas a defesa adversária. Ele mesmo abre o placar com um gol de cabeça aos 32 minutos do primeiro tempo, os ingleses empatam aos 36 elevam a equivalência para o intervalo. Na volta, ainda com uma postura agressiva, o Brasil retoma a liderança da partida aos 8 minutos, com gol de Vavá, e Garrincha, com um chute de fora dá área, fecha o placar por 3 a 1 aos 33 minutos. Na semifinal, o Chile levava consigo a torcida e uma proposta de jogo baseada na marcação individual sobre Garrincha. O lateral Rojas foi responsável por anular o ponta-direita com pontapés, empurrões e faltas, enquanto o atacante respondia com dribles, passes e gols. Aos 9 e aos 32 minutos, Garrincha marca os dois primeiros gols da partida e os chilenos descontam aos 42. No retorno do intervalo, logo aos 2 minutos, Vavá marcava mais um e de pênalti, os chilenos descontavam mais uma vez. Vavá foi responsável por fechar o placar em 4 a 2, com o último gol aos 32 minutos, garantindo a vaga do Brasil na final e a chance de se sagrar bicampeão. O jogo final contra a Tchecoslováquia é de total domínio por parte dos brasileiros, apesar de sair atrás no placar. Aos 17 do primeiro tempo, Amarildo empata, Zito e Vavá fecham o placar de 3 a 1, com um gol aos 25 e aos 33 minutos do segundo tempo.

Com as duas taças no Brasil, não mais se apontava o negro como um problema, apesar do problema de o racismo nunca ter sido superado. As ruas foram tomadas por populares que comemorava o feito, gritando o nome de negros e mulatos, tipos que uma vez hostilizados por suas falhas em jogo.¹¹³

¹¹³ Ibidem, 2014. p. 289 e Ibidem, 2010. p.145-146.

Jango busca capitalizar em cima da vitória e, assim como Juscelino Kubistchek, recebe a delegação em Brasília. Para o presidente recém-eleito, a conquista veio em um momento certo. No final de 1962, ocorreram eleições parlamentares e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), do qual o presidente fazia parte, elegeu a segunda maior bancada do Congresso Nacional. Além disso, havia uma campanha aberta para antecipar o plebiscito no qual se decidiria se a população aceitaria uma reforma constitucional e a mudança do sistema presidencialista, apoiado por Jango, para o parlamentarista. Na consulta popular, antecipada de 1965 para 1963, manteve-se o sistema e o presidente ganha espaço para tentar implementar seu plano de governo. O plano de Jango incluía a reforma agrária, redução de subsídios à importação de determinados produtos, corte de gastos estatais, reforma administrativa, aumento de impostos sobre os portadores de maiores bens, reforma educacional, defesa do voto para analfabetos, etc. As propostas do presidente sofriam com antagonismos, que partiam tanto da esquerda quanto da direita nacional, ao passo que Jango buscava meios de implementá-las sem a aprovação do congresso.

Em 19 de março de 1964, acontece a Marcha da Família com Deus pela Liberdade em São Paulo, um movimento organizado pela classe média, manifestando apoio a intervenção militar, baseados em argumentos infundados de combate a corrupção e ao comunismo. O “perigo comunista” era uma ideia propagada durante a Guerra Fria e foi um elemento agregador da parcela conservadora da sociedade, que via nos militares um caminho para se livrar deste “inimigo” invisível. Em 31 de março, o general Olímpio Mourão Filho mobiliza suas tropas em Minas Gerais e se desloca para o Rio de Janeiro. No dia 01 de abril, Jango vai a Porto Alegre e Auro de Moura Andrade, presidente do senado, declara que o cargo de presidente estava vago e no dia 11 de abril é eleito pelo Congresso o general Humberto de Alencar Castello Branco. Em 1964, dois anos após a conquista do bicampeonato mundial, os militares, apoiados por setores civis, formados em parte pela imprensa, igreja, classe média, entre outros, depuseram João Goulart através de um golpe e deram início a Ditadura Militar, período que se estende até 1985.

Figura 17 - Cartaz da Copa do Mundo de 1970.

Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/480634>>. Acervo: FIFA

Figura 18 - Seleção Brasileira tricampeã da Copa do Mundo de 1970.

Fonte: <<http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/511234>>. Acervo: AP | Imageplus

Pouco menos de um ano antes da Copa do Mundo de 1970, através de eleições indiretas, entra para governar Emílio Garrastazu Médici, um representante da linha dura do exército. Diferente de seus dois antecessores, os marechais Castello Branco (1964-1967) e Costa e Silva (1967-1969), o presidente em exercício era um aficionado por futebol, tendo sido atacante do Grêmio de Bagé na juventude.¹¹⁴ Com o governo ditatorial no auge de sua repressão e com a apropriação do futebol por parte do Estado, o mundial de 70 se tornaria um evento paradoxal para intelectualidade brasileira, principalmente nos setores de esquerda, que considerava torcer pela seleção como uma forma de compactuar com o regime.

A esquerdam acuada pela repressão e fragmentada em inúmeras tendências, encontrava-se dividida entre dar vazão ao sentimento nacionalista ou torcer contra o time brasileiro. Não foram poucas as discussões nos aparelhos guerrilheiros sobre qual seria a postura de um verdadeiro revolucionário diante da situação. Não foram poucos aqueles que escutaram e assistiram de forma duplamente clandestina à performance do selecionado canarinho. Não foram poucos os que vibraram com o primeiro gol da Tchecoslováquia, marcado por Petras aos onze minutos do primeiro tempo, ainda que incomodados com a comemoração do jogador comunista ajoelhando-se no gramado e fazendo o sinal-da-cruz. Muitas daquelas pessoas ficaram inconformadas com o resultado da espetacular tentativa de Pelé de marcar do meio-de-campo, quando o goleiro Viktor estava adiantado, quase na linha da grande área. E por fim muitas ficaram surpresas ao serem tomadas pelo sentimento de alegria quando o Brasil empatou o jogo com Rivelino e virou com um gol de Pelé e dois de Jairzinho. O nacionalismo de chuteira abriu fissuras irreparáveis nas mais aguerridas convicções ideológicas.¹¹⁵

¹¹⁴ Ibidem, 2010. p.161-162.

¹¹⁵ FRANCO JUNIOR, H. A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p.144.

A seleção brasileira viaja para o México rodeada por muita desconfiança por parte dos torcedores, da imprensa e do governo militar. A entrada do técnico Zagallo no lugar de João Saldanha alterará demais o esquema tático, que resultou em dois empates por 0 a 0 – contra Paraguai e Bulgária - e uma vitória magra por 1 a 0 – contra Áustria - nos amistosos pré-Copa. A comissão e os jogadores chegam a cidade de Guadalajara com 30 dias de antecedência, planejando se adaptar a altitude do e ao clima do país. Um dos maiores questionamentos até aquele momento era a estruturação da equipe, que não dava espaço para Pelé e Tostão jogarem juntos. Desta maneira, o técnico aproveitou o tempo de preparação para treinar um esquema onde Rivellino, Pelé, Tostão e Jairzinho formavam o ataque e Gérson, ao lado de Clodoaldo, organizavam o meio-campo. Essa formação variava de um 4-2-4 para um 4-3-3, onde Rivellino recuava para o meio e Tostão assumia a ponta esquerda. Completavam o esquadrão Carlos Alberto Torres e Everaldo nas laterais, Piazza e Brito na zaga e Félix no gol.

O Brasil estreia no dia 03 de junho contra a Tchecoslováquia na cidade de Guadalajara. Na partida, os tchecos abrem o placar logo aos 12 minutos e sofrem o empate aos 24, com um gol de falta de Rivellino. A virada vem aos 15 minutos do segundo tempo, com Pelé e Jairzinho marca mais dois, aos 19 e aos 38 minutos, encerrando a partida com o placar elástico de 4 a 1 para os brasileiros. Deste jogo, dois momentos ficaram eternizados na história do futebol, o primeiro é a falta batida por Rivellino, que lhe garantiu o apelido de “patada atômica” e o segundo é o “quase gol”, ou o “gol que Pelé não fez”, no qual o atacante percebe o goleiro tcheco adiantado e chuta a bola do círculo de meio campo diretamente ao gol, porém ela passa raspando a trave e não entra.

O segundo jogo dos brasileiros, ocorrido no dia 07 de junho, foi contra os atuais campeões do mundo, a Inglaterra. Sem Gérson, substituído no primeiro jogo para entrada de Paulo César, a seleção tem um jogo equilibrado e consegue a vitória com um gol de Jairzinho aos 15 minutos do segundo tempo. Esse jogo marca a mudança da opinião da imprensa sobre a seleção de Zagallo e, mais uma vez, passava a enfatizar as características inerentes aos jogadores brasileiros, em contraposição ao futebol burocrático e truculento dos europeus. O “futebol-arte”, como foi chamado, é a definição de uma identidade

atribuída, uma forma do brasileiro jogar bola. No último jogo da primeira fase, no dia 10 de junho, o Brasil enfrentava a Romênia, vencendo a partida por 3 a 2, com dois de Pelé e um de Jairzinho. O resultado garantiu a primeira posição no grupo e colocava a seleção peruana como adversária das quartas-de-final. A partida contra o Peru, realizada em 14 de junho, é a melhor do atacante Tostão em toda a Copa. A fraca defesa peruana cede em quatro oportunidade contra duas dos brasileiros e Rivellino, Jairzinho e Tostão – por duas vezes – marcam gols, garantindo a vitória por 4 a 2.

Na semifinal, realizada em 17 de junho, o duelo foi contra o alfoz de 1950, a seleção do Uruguai. O clima ufanista trazia à tona o clima de “vingança”, utilizado em diversas oportunidades pela imprensa nacional e pelo governo. Na partida, os uruguaios abriram o placar com 18 minutos da etapa inicial, gerando um clima de tensão pelo possível “retorno do maracanaço”. Foi Clodoaldo, aos 45 minutos, que traz o empate e dá tranquilidade para o retorno no segundo tempo, onde Jairzinho e Rivellino garantem mais dois tentos, fechando o placar em 3 a 1, afastando os fantasmas do passado para longe mais uma vez. Na final, o Brasil joga sua única partida fora do Estádio Jalisco, em Guadalajara. A boa campanha havia garantido a seleção canarinho manter seus jogos no mesmo local, que aos poucos se torna sua “casa” no México, inclusive com apoio da torcida local. Dentro do Estádio Azteca, na Cidade do México, a final contra os italianos, realizada no dia 21 de junho, foi um jogo de ataque contra defesa, prevalecendo a qualidade de Pelé, Gerson, Jairzinho e Carlos Alberto, responsáveis pelos quatro gols brasileiros, contra um da Itália.¹¹⁶

¹¹⁶ Ibidem, 2013. p. 83-101.

Figura 19. Primeira página do jornal O Globo. 22 de junho de 1970.

Fonte: <http://dados.museudofutebol.org.br/site/siteanexos/imagem/50933>. Acervo: Agência O Globo.

A Ditadura Militar se aproveita da conquista do tricampeonato para elevar ao máximo o sentimento nacionalista e promover seu projeto de governo. A vitória no futebol era apresentada como uma vitória da Ditadura, baseada nas ideias de disciplina e talento, onde a seleção representava metaforicamente a estrutura organizacional militarizada. Segundo uma visão reducionista por parte da ala mais ufanista do governo e da sociedade, o Brasil estava nos trilhos do progresso, vivendo um "milagre" econômico e colhendo frutos daquele governo. Acontecia de fato a formalização da ideia de integração nacional através do futebol, um projeto desejado por Getúlio na década de 1930, parcialmente aplicado por Juscelino e Jango entre 1950 e 1960 e sacramentado por Médici ao final da Copa do mundo de 1970.

A conquista da Copa vitaminou o regime para a eleição direta de 1970, que renovaria o Congresso e serviria, nos cálculos de Médici, para demonstrar o apoio popular à ditadura e para dizer aos críticos – sobretudo os do exterior, que o país vivia em clima de liberdade. Sem querer correr nenhum tipo de risco, no entanto, o governo intimidou a oposição, mudou regras eleitorais, multiplicou a prisão de supostos dissidentes e a perseguição a quem pudesse criticar o regime, como a Igreja Católica. A Arena venceu o pleito contra o MDB por larga margem, mas houve muitos votos em branco e uma acentuada abstenção, o que de certa maneira serviu como “voto de protesto” contra a ditadura. Nada disso pareceu abalar Médici, calçado por uma palpável popularidade e pela destruição espetacular da luta armada – entre 1969 e 1972, os principais líderes e movimentos de guerrilha foram anulados, com exceção do episódio do confronto do Araguaia, que durou até 1974.¹¹⁷

Mesmo incipiente, podemos identificar entre as décadas de 1970 e 1980 o início de um debate, com tons de preocupação, sobre o lugar do futebol no Brasil e, conseqüentemente, sobre o tipo de apropriação feita pelas ciências humanas. Os primeiros movimentos de abertura política, permitem a criação de espaços onde a intelectualidade poderia expor um viés crítico ao governo e destacar a importância do processo democrático. Neste contexto, encontramos artigos sobre futebol publicados na revista *Encontros com a Civilização Brasileira* (1978-1982). O periódico é um sucessor da *Revista Civilização Brasileira*, publicada entre 1965 e 1968, e se torna um instrumento de divulgação das ideias da velha e da nova esquerda.¹¹⁸

¹¹⁷ Ibidem, 2010. p.184.

¹¹⁸ COUTO, C. P. P. Encontros com a Civilização Brasileira (1978-1982): resistência cultural e prenúncio de uma nostalgia. Revista Dimensões, Rio Grande do Sul, vol.29, 2012, p.351-373.

Figura 20 - Capa da revista encontros com a civilização brasileira, número 5. 1978. Acervo Pessoal.

No quinto volume da revista, publicado em 1978, dois artigos se encaixam no debate sobre o lugar do futebol na sociedade brasileira. No primeiro deles, intitulado *A Implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a seleção brasileira de futebol – 1978*, Jacob Klintowitz, jornalista e crítico de arte, afirma que “foi adotada na seleção-78 uma linha expressiva não brasileira”.¹¹⁹ O texto era uma síntese de ideias apresentadas no Simpósio da 1ª Bienal Latino Americana de São Paulo. O autor aponta cinco conceitos que orientam a organização a formação desse esquema na seleção brasileiro.

1. A cultura europeia é superior à cultura sul-americana em geral e, em especial, à cultura; 2. O homem é feito para obedecer. A obediência sempre será melhor que a improvisação e possível criatividade; 3. Os corpos de saber não têm forma própria. Dessa maneira, o futebol não tem a sua própria linguagem, o seu fazer, a sua expressão. Ele aceita imposições e ordens. Ou seja, dirigismo cultural; 4. O grupo vale mais do que o indivíduo. O indivíduo não deve julgar, falar, propor, salvo dentro. E, pelo grupo, fala um valor maior misterioso que tem recebido o nome de razão de estado. 5. Finalmente, o conceito coroador de todos os postulados anteriores: o fato não tem importância em si mesmo, o que vale é interpretação verbal. Ou sejam a linguagem tecnocrata. Ou o discurso de convencimento.¹²⁰

Analisando as características do futebol durante a ditadura, tendo como exemplo o fracasso da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1978, Klintowitz aponta para um futuro sem esperança, no qual o esporte já está tomado por uma estrutura de domínio ideológico e das práticas. Segundo Denaldo Alchorne, o pessimismo de Klintowitz se baseava em um processo de

¹¹⁹ KLINTOWITZ, J. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol – 1978. Encontros com a Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, p. 113-118, nov. 1978.

¹²⁰ Ibidem, 1978. p.116.

apropriação governamental do futebol a partir da vitória no mundial de 1970, que conta com festividades junto aos jogadores brasileiros.

Jacob Klintowitz procurava mostrar que, na linguagem utilizada por membros da delegação brasileira, havia mensagens ideológicas consonantes com o regime autoritário tecnocrático da época. A linguagem do técnico se colocava como porta voz de uma cultura europeia superior e de um conhecimento tecnocrático em contraposição a uma cultura brasileira atrasada. Defendia que a obediência era melhor que o improvisado; que o futebol brasileiro precisava de um dirigismo estatal, aceitando imposições e ordens; e que o grupo valia mais que o indivíduo. Por trás desse discurso havia a necessidade “de fazer crer a um povo habituado ao futebol, que o seu conhecimento era obsoleto” e que não podia participar das decisões devido a sua inferioridade e a sua incapacidade diante do “civilizado”¹²¹

O segundo artigo, intitulado *Na CBD até o papagaio bate continência*, o historiador Joel Rufino dos Santos critica a “militarização da seleção brasileira”, a falta de negros na equipe e a “decadência” do nosso futebol.¹²² Formado em história pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, foi convidado por Nelson Werneck Sodré para compor uma equipe de pesquisa no Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Desde 1964, o autor se posiciona como um ferrenho opositor do regime militar. Perseguido, precisou sair do Brasil, exilando-se na Bolívia, onde teve de suspender sua carreira acadêmica. Retorna ao país de maneira clandestina e é preso por três vezes, cumprindo a última pena entre 1972 e 1974.¹²³

¹²¹ SOUZA, D. A. As origens de “O futebol é o ópio do povo”, 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-origens-de-o-futebol-e-o-opio-do-povo/#_ednref2>. Acesso em: 02 de janeiro de 2019.

¹²² SANTOS, J. R. Na CBD até o papagaio bate continência. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, n. 5, 1978, p. 119-129.

¹²³ Joel Rufino dos Santos – Biografia. Disponível em: <<http://joelrufinodossantos.com.br/paginas/biografia.asp>>. Acessado em: 02 de janeiro de 2019.

No artigo, Rufino apresenta a tese de que o futebol brasileiro chegou ao apogeu entre 1950 e 1962, não fazendo menção a vitória de 1970, conquistada no momento mais repressivo e violento da ditadura militar.

Um melancólico terceiro lugar na Copa da Argentina parece ter sido o clímax, mas a constatação vem, pelo nos, de 1970: o futebol brasileiro está decadente. Naquele ano, levantávamos, com uma equipe gasta, o tricampeonato no México; mas pouco se iludiram – foi o nosso canto de cisne. Cronistas, técnicos, torcedores, pelo país afora, parece, hoje, tomados de pessimismo e amargura. “Nunca mais teremos uma seleção como a de 58”. “Depois de Pelé, acabou”. “Os estrangeiros é que evoluíram”. “Já não temos craques como antigamente”. “Futebol perdeu a graça”. Expressões como estas correm de boca em boca há pelo menos 10 anos.¹²⁴

Um dos motivos apresentados pelo autor para justificar a decadência do futebol nacional é a falta de interesse das ciências humanas sobre o objeto, deixando para livre apropriação e interpretação por parte da Ditadura Militar.

Por que estamos decadentes? Só uma disciplina que correlacione fenômenos de ordem variada – da economia, da política, da cultura -, mergulhando-os no “tanque do tempo”, como a História, nos conduzirá a uma resposta sólida. Seria o futebol, contudo, digno de uma análise histórica? Se supõe que as ciências sociais devam responder, primeiro, às indagações da cabeça dos intelectuais, claro que não. (Nelson Rodrigues escreveu com razão que não há um só personagem da nossa literatura que saiba bater um mísero *corner*. Os estrangeiros se surpreendem de que no “país do futebol” não se haja escrito uma única história do futebol. E os nossos melhores editores já se convenceram de que “futebol não vende”.) A verdadeira ciência social, entretanto, é a que responde às indagações coletivas; para ela não há temas nobres ou cafonas. E o futebol, como as telenovelas, são o pão-nosso-de-cada-dia.¹²⁵

¹²⁴ Ibidem, 1978. p.119.

¹²⁵ Ibidem, 1978. p.120.

Apesar de todas as críticas, Joel Rufino via um futuro positivo para o futebol brasileiro. Era necessário voltar a democracia, para que o verdadeiro futebol brasileiro voltasse a florescer. Somente assim, os pobres, os negros e os excluídos políticos poderiam voltar a seleção nacional, em condições de liberdade para desenvolver todo seu potencial. Apesar de certo determinismo maniqueísta, as ideias presentes no artigo de Rufino representavam o clima da intelectualidade brasileiro no período de reabertura política, o “futebol arte” era o símbolo da democracia que retornava e o “futebol força” representava a ditadura esfacelada. Ou, na definição de Alchorne:

O melhor futebol brasileiro “era filho da pobreza – milhões de garotos famintos acariciando uma bola, à espera do seu dia de Pelé; e de vingança – ‘os gringos roubam nossas riquezas mas não têm a nossa cintura’”. Era produto de uma especial aliança entre o povo e a burguesia: “a burguesia explora livremente, o povo joga livremente”. Era “uma ponte ligando os oprimidos aos opressores. O golpe de 64 cortou a ponte, desfez a aliança: a burguesia agora explora e o povo não joga”. O discurso da modernização pela tecnologia defendida pela ditadura militar decretou “a condenação do ‘futebol arte’, com que deslumbramos o mundo, desde a excursão do Paulistano à Europa em 1925”.¹²⁶

Ainda na década de 1970, dois estudos sobre futebol são apresentados em programas de pós-graduação de universidades do Rio de Janeiro. São elas, as dissertações de mestrado de Maria do Carmo Leite de Oliveira, *Língua em jogo: futebol x imprensa*, defendida em 1973 no Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ)¹²⁷, e a de Simone Lahud Guedes, *O futebol brasileiro: instituição zero*, defendida em 1977 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

¹²⁶ Ibidem, 2018. s/p.

¹²⁷ A dissertação foi convertida em livro intitulado *Futebol – fenômeno linguístico: análise lingüística da imprensa esportiva*, publicado pela Editora Documentário em parceria com a PUC-RJ, em 1973.

Sob orientação de Monica Paula Rector, *Língua em jogo: futebol x imprensa* apresenta uma investigação sistemática sobre as constantes léxicas da linguagem futebolística presente nos jornais e revistas especializadas do Rio de Janeiro e São Paulo. O objetivo da autora é encontrar as características típicas de um esporte com grande adesão popular, dividindo o estudo em duas etapas. Na primeira, chamada de *A mensagem: O futebol*, trata do lexema futebol e da diversidade de significados atribuídos a essa palavra, observando as múltiplas determinações condicionada pelos limites de uma problemática ideológica. Na segunda parte, chamada de *A Codificação da mensagem: Imprensa*, identifica as normas de codificação da escrita na imprensa em uma análise das associações conotativas da prática do futebol, sendo elas a catarse, a afirmação, o sobrenatural e a guerra.¹²⁸ A autora apresenta duas teses na dissertação, a primeira explora o caráter “sobrenatural” do futebol onde, a realização de um feito é atribuída a superstição ou a fé.

Os poderes sobrenaturais são invocados numa igreja católica, num centro espírita ou num terreiro de macumba. Todas as forças do além são lembradas. Os jogadores, sobretudo, procuram valer-se de todas as magias: o craque holandês Cruyff entra em campo com uma camisa de reserva, o 14, pois é o seu número da sorte. Carlos Alberto, do Santos, faz promessa a Deus para seu time ser campeão.¹²⁹

A segunda tese trata de como a língua demonstra que o futebol é um jogo percebido através de um caráter bélico e brutal. Esse fator estaria relacionado a presença de elementos propriamente do universo masculino, onde a ação e a violência são duas constantes.

Da mesma forma que na guerra, os jogadores do quadro vencedor ou perdedor são considerados heróis, principalmente quando se trata do escrete nacional (...) jogar no escrete então era com ir para a guerra. Uma derrota podia marcar o jogador para o resto da vida.¹³⁰

¹²⁸ FERNANDES, M. C. L. O. Futebol – fenômeno linguístico, Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974. p.9-15

¹²⁹ Idem., 1974. p.54.

¹³⁰ Idem., 1974. p.63.

A segunda dissertação, defendida em 1977 foi *O futebol brasileiro: instituição zero*, de Simone Lahud Guedes. Com grande influência do antropólogo Roberto DaMatta, a dissertação é desenvolvida no programa de pós-graduação do Museu Nacional, ligado a UFRJ. Diferente do que se pode imaginar, o futebol não era um objeto que a pesquisadora trazia de sua carreira acadêmica para o mestrado.

O sistema de seleção do Museu Nacional, na época, era muito interessante. Você ia lá, você pegava uma série de temas de pesquisa. E você tinha uma semana para escolher um. Você escolhia um daqueles temas e tinha que produzir alguma coisa sobre aquilo, um material de campo, mínimo que fosse, e juntar uma bibliografia, e na semana seguinte você ia para lá. Você podia levar notas, anotações, mas não podia levar pronto; e você redigia lá a sua prova, com base naquela experiência. Eu me lembro que tinha vários temas (...) o Roberto DaMatta estava na banca, provavelmente foi ele que inventou esse tema: “descreva um jogo de futebol como se você fosse uma pessoa de outra sociedade”. Então foi essa minha prova de entrada no Museu (...) Num dos cursos, que a gente estava discutindo “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, começamos a brincar, e aplicar aquelas ideias de sagrado e profano em outras coisas, e uma das coisas que a gente fez, assim, coletivamente, lá na turma, foi pensar um campo de futebol em termos das categorias sagrado e profano, a sacralidade do gol, a inversão mão/pé, o fato do goleiro ser intocável na pequena área (...) Então, eu fiz essa análise, fiz umas entrevistas, e descrevi o jogo de futebol, ficou bem legal o trabalho, e fui aprovada. Não sei quanto foi a nota, eles não divulgavam nota, mas foi a primeira vez que eu percebi mais proximamente que esse era um objeto possível. Um objeto, de certa maneira. (...) foi muito interessante, porque meu orientador na época já era o professor, Luiz de Castro Faria, não era o Matta. Eu fiz cursos com ele e tudo, mas ele já tinha ido fazer a primeira estadia dele nos Estados Unidos.¹³¹

¹³¹ GUEDES, S. L. Entrevista, 2013. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/simoni-lahud-guedes/>>. Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

Sob a orientação do antropólogo Luiz de Castro Faria, o trabalho trata de uma etnografia dos operários da fábrica têxtil Bangu verificando os espaços de negociação nascidos da relação da classe trabalhadora com o futebol. Para Simoni, o futebol demonstrava ser uma atividade fundamental para a compreensão do modo como os operários se posicionavam em relação às camadas dominantes.

De fato, era um momento politicamente muito pesado em que, veja, a Copa de 70 foi claramente apropriada pela ditadura, todo mundo sabe disso, enfim, como “Brasil grande”, “ame-o ou deixe-o”, e eu realmente queria saber o impacto disso num segmento da população que não tivesse totalmente identificado com o poder. Então, na época existia, vamos dizer, um operariado clássico que hoje não existe mais, a fábrica Bangu não existe mais no Rio de Janeiro, que era da tecelagem. A fábrica Bangu tinha uma longa tradição (...) além do fato de que a história da fábrica estava toda imbricada na história do clube. Ou melhor: a história do clube estava toda imbricada na história da fábrica. Então era um atrativo enorme. Além disso, tinha uma socióloga, Vera Maria Pereira, de quem nunca mais ouvi falar, que estava fazendo um trabalho com os operários da Bangu. Eu entrei em contato com ela, não me lembro mais onde é que ela trabalhava, mas alguém me indicou. Eu entrei em contato com ela, e ela foi uma pessoa sensacional. Ela me levou ao sindicato; e eu comecei o contato com eles não em Bangu, mas numa sede do sindicato dos tecelões que eles tinham no centro do Rio. Eles me enrolaram, aquela coisa de sempre, que acontece na pesquisa de campo, a gente conhece; marca um dia, manda você voltar na festa tal, aí você volta na festa tal, aí diz que semana que vem é para você vir, aí você chega lá e não tem ninguém; aquela coisa conhecida. Levou um tempo, até que me levaram para Bangu.¹³²

A dissertação de Simoni Guedes abre as portas da pesquisa acadêmica para as análises sobre identidade nacional através do futebol. Tema que será

¹³² Ibidem., 2013. s/p.

amplamente explorado deste momento para a frente. Vale ressaltar o caráter precursor das pesquisas sobre futebol de Maria do Carmo e Simoni Guedes. Tratando de um tema tido como predominantemente masculino, as autoras quebram essa barreira de gênero, mas sem ter de vencer alguns desafios.

O que foi mais desafiador em termos de gênero, com o futebol, não foi o trabalho de campo. São as palestras. Vou só te dar um exemplo. Uma vez eu fui convidada pra dar uma palestra, num negócio, não me lembro mais direito o que era, mas sei que era em Curitiba. Aí eu estou na porta e tinha uma programação pendurada, eu parei para olhar, para ver para onde eu teria que ir. Aí chegou um casalzinho jovem, um rapaz e uma moça, e disse “Ah, uma palestra de futebol com uma mulher?! O que será que ela entende disso?”. Isso foi muito engraçado, porque eles não sabiam que era eu. “Como é que uma mulher vai dar uma palestra sobre futebol, gente?” Entendeu? (...) Tem certos homens que começam a ficar incomodados, aí começam a fazer umas perguntas e colocar umas coisas completamente descabidas. Uma coisa, às vezes, um pouco agressiva. Mas isso já aconteceu algumas vezes. Mas eu, como já sei que isso acontece, às vezes eu já chego e já abro o verbo do início, entendeu? Digo, “Olha, a mesa redonda é outra hora e outro local. Aqui é uma discussão acadêmica, o que eu tenho para dizer é do ponto de vista da antropologia”.¹³³

Na virada para os anos 1980, ainda na UFRJ, Ricardo Benzaquen de Araújo publica *Os Gênios da Pelota – Um estudo do futebol como profissão*, dissertação de mestrado também defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assim como Simoni Guedes, o trabalho de Benzaquen alinha-se as propostas de estudo de Roberto DaMatta - apesar de ter sido orientada pelo antropólogo urbano, Gilberto Velho. Através de uma série de entrevistas com jogadores, o autor discute a motivação do jogador ao optar pelo esporte como profissão, a hierarquização do time a partir das ideias de “dom” e “talento” e a relação

¹³³ Ibidem, 2013. s/p.

conturbada entre jogadores e dirigentes.¹³⁴ Uma das características do trabalho é seu caráter interdisciplinar. Formado em história na PUC-RJ, Ricardo Benzanquen desenvolve os trabalhos de mestrado e doutorado na área de Antropologia Social. O contato com o professor Luiz Costa Lima, crítico literário e professor do departamento de Ciências Sociais da PUC-RJ foi determinante para voltar seu interesse a outras áreas de conhecimento. Mais tarde, Benzaquen se envolve em um projeto na área de Teoria da História, orientado pelo professor Francisco Falcon, então docente nas cadeiras de História Moderna e Contemporânea. A relação intelectual entre os três motivou Benzaquen a desenvolver na História uma perspectiva interdisciplinar. Em 1974, presta o concurso de pós-graduação no Museu Nacional e no ano seguinte, inicia o projeto de mestrado, como relata em entrevista:

Eu tinha enorme interesse em Antropologia, mas também em História Social e, por predileção, lia sobretudo trabalhos nas áreas de História Antiga e Medieval, que eram as áreas mais próximas da tradição da antropologia. Quando cheguei no Museu Nacional, ali se iniciava, ao lado dos debates clássicos da Antropologia, uma preocupação com o que veio a ser chamado de Antropologia das Sociedades Complexas Acrescentou-se, assim, outra dimensão aos meus interesses. (...) surgiu, enfim, a possibilidade de se utilizar o instrumental clássico da Antropologia, e mesmo da História, para pensar o cotidiano, o que me deixou fascinado. Por sua vez, Roberto DaMatta, que na época vinha de uma carreira muito bem-sucedida como especialista em sociedades indígenas, interessava-se cada vez mais em trabalhar com Sociedades Complexas, no caminho que o levou, mais adiante, a publicar *Carnavais, Malandros e Heróis* (...) minha dissertação foi orientada pelo Gilberto, e terminei me decidindo por estudar o futebol como uma profissão, do ponto de vista de uma antropologia das sociedades complexas.¹³⁵

¹³⁴ Assim como a dissertação de Simoni Guedes, o *Gênios da Pelota* (1980) nunca foi publicado em formato livro. Apenas trechos estão disponíveis online, transcritos ou copiados por pesquisadores interessados.

¹³⁵ BENZAQUEN, R. Entrevista. In: LOUREIRO, M. R. et. al. *Conversas com sociólogos brasileiros: Retórica e Teoria na história do pensamento sociológico do Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2006. p.344.

A dissertação de Benzaquen trata do tema da vocação dos jogadores de futebol e busca compreender o que leva o sujeito a se envolver profissionalmente com este esporte. A pergunta que guia a dissertação é: O que seria necessário para ser um bom jogador de futebol?

É apresentada a seguinte repartição: de um lado, é fundamental que o jogador desenvolvesse um certo tipo de personalidade, algo que pode ser adquirido e, de outro, que houvesse talento, definido como uma característica inata e individual. Isto implicava que o jogador deveria cultivar, ao mesmo tempo, qualidades opostas: ele deveria ser muito apaixonado, ter muita raça, mas, ao mesmo tempo, ser muito calmo. Qualidades opostas cultivadas simultaneamente e no seu extremo. Isto ocorria precisamente porque era fundamental combater o tempo todo, não se entregar nunca, mas, ao mesmo tempo não ter tanta raça que levasse à violência, e nem tanto sangue frio que envolvesse alheamento em relação ao jogo. A pesquisa parte de entrevistas com jogadores em diferentes momentos de suas vidas profissionais, buscando analisar o perfil de carreira e sua situação trabalhista, bem como questões políticas e institucionais. O autor discute o próprio jogo e algumas de suas características fundamentais. O autor cita que, na época, entrava-se em contato com as discussões sobre o individualismo, entendido como uma categoria básica da sociedade ocidental e cultivado em certas áreas específicas, como por exemplo o futebol.¹³⁶

Tanto Guedes quanto Benzaquen citam o nome de Roberto DaMatta para se referir ao idealizador das primeiras ideias que resultaram em pesquisas acadêmicas sobre futebol. E de fato o é. Não por escrever pela primeira vez sobre futebol sendo um agente de dentro do campo universitário, mas por tratar o esporte como um objeto digno de estudos acadêmicos. Apesar de sua formação em História pela Universidade Federal Fluminense, no ano de 1962, o autor se especializa em Antropologia Social no curso do Museu Nacional, ainda em 1960, e segue nesta área no mestrado e doutorado, defendidos na Universidade de Harvard em 1969 e 1971, respectivamente.

¹³⁶ Ibidem, 2006, p.345.

A literatura esportiva escrita e organizada por DaMatta é, de fato, a pedra fundamental deste campo de conhecimento. Seu ponto de partida foi compreender o futebol como parte da vida social brasileira. A apropriação política do futebol, pelo Estado no período ditatorial brasileiro (1964-1985), trouxe desconfiança a comunidade acadêmica que tratava o esporte como uma ferramenta de manipulação social, uma espécie de “ópio-do-povo” que distrairá a população quanto as questões críticas daquele momento. Sem citar o nome de seus interlocutores, DaMatta se insere no debate, tentando propor um caminho de interpretação do futebol, como um fenômeno complexo e múltiplo.

Farto que estava de ler e estudar tantas interpretações do Brasil apenas como Estado ou “nação” (como uma comunidade política vivendo um drama no qual atores individuais e classes sociais estavam em conflito), e jamais como sociedade e cultura: como um estilo rotineiro de vida. De fato, do meu ponto de vista, muitos dos problemas nacionais brasileiros tinham sem dúvida a ver com a economia e com a política, mas o Brasil poderia ser interpretado também como um sistema de valores ou um fato social total, sob pena de ficarmos reduzidos somente ao plano de um conflito político voluntarístico, como – aliás – ainda ocorre até hoje.¹³⁷

¹³⁷ DAMATTA, R. Recordações de como me deparei e tentei compreender o espaço por meio de uma sociologia. São Paulo. Tempo Social, v.25, n2, 2013. p.41.

Figura 21 - Capa do Livro Universo do Futebol (1982). Acervo Pessoal.

Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira (1982), organizado por Roberto DaMatta foi publicado em 1982 e é considerado como o “pontapé inicial” para a organização do campo de conhecimento acadêmico sobre futebol. O livro é composto por quatro artigos, sendo um do próprio DaMatta, chamado *Esporte na Sociedade: um Ensaio Sobre o Futebol Brasileiro*, e outros de Luiz Felipe Baêta Neves Flores, com *Na Zona do Agrião: Sobre Mensagens Ideológicas do Futebol*, Simoni Lahud Guedes, com *Subúrbio: Celeiro de Craques*, e Arno Vogel, com *O momento Feliz: Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional*.

Esporte na Sociedade: um Ensaio sobre o futebol brasileiro é o texto de abertura do livro. O objetivo de DaMatta é apresentar uma contraposição aos autores que o desqualificavam enquanto objeto das ciências humanas e o consideravam apenas como uma espécie de “ópio-do-povo”. DaMatta deixa claro seu ponto de vista no início do artigo, onde descarta uma análise simplista do futebol, que trate tal objeto como um fim em si mesmo, para estudá-lo como um meio para se entender o Brasil.

É parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira.¹³⁸

A partir dessa linha argumentativa, o autor defende a hipótese do futebol como um “drama social”, que situa e expressa uma série de problemas significativos sobre a sociedade brasileira. DaMatta, também aponta para a necessidade da criação de uma verdadeira sociologia do esporte nos espaços de pesquisa e conhecimento e a elaboração de temas que interpretem o futebol no Brasil.

O segundo artigo da coletânea, de Luiz Felipe Baêta Neves Flores, se encaixaria no campo de estudos denominado de “representações sociais”. O autor analisa a mobilidade social por meio do esporte e a identificação dos fãs com os seus ídolos esportivos.

um universo em aberto, onde as linhas gerais de uma ideologia crítica da sociedade, de uma possível transformação parecem estar ancoradas na torcida em sua ampla variedade de representações¹³⁹

Olhando para a arquibancada, o autor aponta para elementos que se tornam surgem a partir da torcida e se tornam parte da cultura do futebol, como o nacionalismo e o populismo, os símbolos criados pelas torcidas, o elemento lúdico do “drible” e as vaías, entre outros temas.

¹³⁸ DAMATTA, R. *Esporte na Sociedade: um Ensaio sobre o futebol brasileiro*. In: DAMATTA, R. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p.21.

¹³⁹ BAÊTA, L. F. Na zona do agrião. Algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, R. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p.57.

No terceiro artigo, Simoni Lahud Guedes, apresenta uma reflexão similar a sua dissertação de mestrado. A autora abre a argumentação criticando o “descaso” das ciências sociais em relação ao futebol e segue com os resultados de sua pesquisa com operários de fábrica têxtil do Bangu, mostrando como o sonho de ser jogador de futebol de sucesso é alimentado pelos meios de comunicação de massa, que difundem a história de vida dos maiores astros do esporte.

Por fim, Arno Vogel, em *O momento Feliz: Reflexões Sobre o Futebol e o Ethos Nacional*, segue por uma linha de estudo que busca compreender a relação do futebol com a identidade nacional. Seu artigo trata de analisar dois momentos considerados emblemáticos na história do futebol brasileiro: a derrota na final da Copa de 1950 e o tricampeonato em 1970 e após uma análise detalhada da derrota em 1950 e da vitória em 1970, conclui que a tragédia do Maracanã foi tão importante para a construção da nossa identidade quanto a glória no México.

Como aponta Helal, os quatro artigos do Universo do Futebol contribuíram significativamente para o início da construção estrutural do campo acadêmico sobre o futebol no país, em um momento em que o Brasil iniciava sua jornada rumo ao regime democrático. O tom ensaístico, sem pesquisa empírica – exceto o trabalho de Guedes –, se justifica pela quase ausência de estudos no campo à época. A ideia de se estudar o futebol como “drama” da vida social “vingou”, e marca o início dos estudos acadêmicos sobre o tema, em contraste com a perspectiva “apocalíptica” de antes.¹⁴⁰

¹⁴⁰ HELAL, R. Comunicação e Nação: a trajetória do campo acadêmico. Revista Comunicação, São Paulo, Mídia e Consumo, v.8, p.11-37, 2011.

Figura 22 - Capa do Livro Futebol e Cultura. Acervo Pessoal.

Ainda em 1982, os professores João Carlos Sebe Bom Meihy e Sebastião Witter tratavam do mesmo assunto na Universidade de São Paulo (USP), mas da perspectiva de acadêmicos do campo da história. A coletânea *Futebol e Cultura: Coletânea de Estudos* (1982) nasce a partir de um seminário sobre a futebol realizado na cidade de Taubaté, no interior de São Paulo. O livro é composto pelos artigos *Esporte e sociedade: o caso do futebol brasileiro*, de Robert Levine, *Literatura futebolística: uma periodização* e *Futebol no Brasil*, de Matthew Shirts, *Futebol...futebol* e *A várzea não morreu*, de Sebastião Witter, e por fim, *Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana do começo do século*, de Cláudio Betolli Filho e José Carlos Sebe.

As motivações para compor a coletânea se assemelharam aqueles apresentados por DaMatta, como é citado no capítulo de introdução do livro.

A reunião de artigos sobre o futebol brasileiro, compondo uma antologia, é o primeiro passo para um trabalho cujo término não se pode prever. É o início de uma caminhada e é resultado de uma inquietação de diferentes pesquisadores que tinham uma preocupação em comum, o futebol”. Além de Sebe e Witter, outros pesquisadores como Robert Levine, Matthew G. Shirts e Cláudio Bertolli Filho se envolveram na produção de artigos para o livro.¹⁴¹

O autor destaca a importância do futebol como um fenômeno histórico complexo e aponta para a necessidade de um cuidado metodológico para além dos limites da crônica ou das seguidas reelaborações dos pressupostos ideológicos de autores como Mario Filho e Gilberto Freyre. No momento de abertura política, onde o futebol é tratado como uma ferramenta de manipulação social, a pesquisa de Sebe e Witter busca caminhos para dar explicações dignas ao esporte.

Quando começou a abertura política em havia dois movimentos interessantes na academia, aqui na [Faculdade de] Filosofia. A professora Maria Isaura Pereira de Queiroz fermentou uma discussão sobre carnaval. E a Olga Von Simson, de Campinas, capitaneou um pouco essa discussão e ela começou com um debate muito interessante sobre o carnaval em São Paulo, o samba paulista. E aqui na Faculdade, o Witter e eu começamos a pensar um pouco em como é que a gente podia, enfim, dar uma certa dignificação pro debate sobre futebol. E entrava evidentemente com o aval da cultura popular, dessas coisas, assim, porque não podia entrar com o carnaval somente primeira... nem com o futebol tampouco. E nós começamos então, fizemos uma é conferência, sei lá, acho que se chamava bate-papo sobre futebol. Nós fizemos o primeiro aqui no departamento e encheu. Foi uma surpresa, assim. E aí eu já estava começando com as preocupações de história de vida de

¹⁴¹ MEIHY, J. C. B; WITTER, J. S. Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982. p.11.

peessoas; naquele tempo a gente dizia ‘peessoas que não tinham história’, peessoas que não tinham documentos; história de pobres, história de analfabetos, história de índios, essas coisas todas [...] Witter, eu e Olga, nós resolvemos iniciar fora da Universidade, porque não tinha ambiente pra gente fazer um projeto de história do futebol.¹⁴²

Sebe relata a dificuldade de tratar deste objeto dentro da Universidade de São Paulo e o caminho para a realização do seminário no interior de São Paulo.

o Witter nessa ocasião era o Diretor do Arquivo do Estado de São Paulo. E pelo Arquivo também nós não conseguimos fazer muita coisa. Então, veja, estamos falando de acadêmicos, peessoas da universidade que não conseguiam na universidade, não conseguíamos lá no Arquivo, e conseguíamos fora. Então a gente tinha um grupinho que discutia futebol e nós resolvemos fazer um Seminário, e a minha área de atuação era Taubaté, na Universidade de Taubaté. Nós não conseguíamos fazer na USP, mas conseguíamos fazer fora. Então, acho que o Witter e eu fomos comendo pelas beiradas, assim, até chegar num momento que isso mudou completamente. Hoje, assim, tem tanto prestígio estudar futebol quanto estudar Alta Idade Média e qualquer coisa nessa linha. Aí nós fizemos esse Seminário em Taubaté.¹⁴³

No artigo de abertura, intitulado *Esporte e Sociedade: O caso do futebol brasileiro*, Robert Levine debate a questão do futebol como ópio-do-povo e como as classes dominantes se apropriam do futebol para manipular as massas e como as classes mais baixas veem o esporte como uma escada para a mobilidade social.

No artigo seguinte, intitulado *Literatura Futebolística: uma periodização*, Matthew Shirts analisa a produção intelectual existente até aquele momento, tratando dos poucos textos publicados em revistas especializadas. De um outro

¹⁴² MEIHY, J. C. S. B. Entrevista, 2012. Disponível em: < <https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/jose-carlos-sebe-bom-meihy/> >. Acesso em 13 de janeiro.

¹⁴³ Ibidem, 2012.

ponto de vista, o autor apresenta os livros mais narrativos, escrito por cronistas esportivos, técnicos e ex-jogadores, tipo de material oferecido amplamente para o público interessado. Em *Futebol... Futebol*, José Sebastião Witter busca compreender como o futebol se insere no cotidiano do brasileiro, fazendo a relação povo, esporte e história, para verificar como um mesmo fenômeno funciona na vida de cada grupo social ou de cada indivíduo. Matthew Shirts retorna com *Futebol no Brasil ou Football in Brazil?* artigo que questiona a “história oficial” sobre a origem do futebol no Brasil ligada a figura de Charles Miller. Shirts defende que anterior ao retorno de Miller da Europa, com bolas e equipamentos de futebol na mala, algumas tribos indígenas praticavam jogos de bola com os pés. No penúltimo artigo, intitulado *A várzea não morreu*, Witter faz um pequeno manifesto em prol do futebol de várzea, valorizando os times e jogadores da modalidade não profissional. O autor conta histórias e relata fatos conhecidos de sua juventude e conclui que o futebol de várzea nunca morrerá, pois é, acima de tudo, um estado de espírito. Por fim, José Carlos Sebe e Claudio Bertolli escrevem *Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana do começo do século* tratando da perspectiva do escritor quando trata do futebol em um artigo de jornal. Segundo os autores, Monteiro Lobato observa o futebol no momento de sua implantação, citando os valores raciais, elitistas e morais que caracterizam os estereótipos das qualidades do esporte. O futebol deveria servir como elemento exemplar para a sociedade paulista, um fator de reação contra a estagnação social e um modelo de prática de educação cívica da paulistanidade. Ao lado do Universo do Futebol, a coletânea de Sebe e Witter apresentam uma série de argumentos e reflexões em prol da construção do campo de conhecimento acadêmico sobre o futebol. Em um momento de debate político intenso, os autores se organizam para exigir uma melhor abordagem e um tratamento digno ao objeto. Algo que, pouco mais de uma década depois, caracteriza essa área de conhecimento.

As primeiras contribuições acadêmicas abrem caminho para o “boom” de estudos sobre futebol a partir dos anos 1990. A legitimação do campo de conhecimento pode ser percebida durante a publicação do Dossiê Futebol, na edição 22 da Revista USP, como veremos a seguir, no capítulo dedicado a análise da produção acadêmica sobre futebol.

Capítulo 2. A conformação do campo de estudos sobre futebol: uma análise da literatura esportiva acadêmica.

No segundo capítulo cabe investigar a conformação do campo de estudos acadêmicos sobre futebol nas humanidades. Para esse fim e com objetivo de compreender como ele se configurou até o ano de 2016, partimos do levantamento de dissertações e teses publicados nas universidades públicas de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A primeira parte do capítulo aborda o início dos anos 1990, quando são comemorados o Centenário do Futebol no Brasil e a quarta vitória em Copas do Mundo. Nesse contexto, é lançado periódico *Pesquisa de Campo* (1994) e o *Dossiê Futebol* (1994), na Revista USP 22. Mesmo com as primeiras experiências acadêmicas entre os anos 1970 e 1980, ainda não era possível afirmar que esse campo de conhecimento havia se estruturado nas ciências humanas. As publicações são tratadas como um marco nesse processo, principalmente a Revista USP, que legitima o objeto e o equipara a outros temas de editoriais passados, como a Revolução Francesa, na primeira edição da revista, a União Soviética, no número 10, o Liberalismo, no número 17, dentre outros. A segunda parte do capítulo apresenta uma descrição aprofundada da metodologia desta dissertação, pois trata do levantamento e da catalogação das obras acadêmicas defendidas nas universidades públicas de São Paulo e Rio de Janeiro entre os anos 1970 e 2016. Com os dados organizados em mãos, tratamos das características deste conjunto bibliográfico, construindo uma rede onde é possível verificar quem são os produtores deste conhecimento, quem são seus orientadores, quais as áreas das humanidades onde se estuda o futebol e quais são as universidades onde são defendidos e publicados os trabalhos. Por fim, tomando como base a catalogação e o estudo sobre as obras acadêmicas e apresentamos uma proposta de categorização destes documentos em quatro conjuntos distintos, um sistema que nasce a partir da análise do conteúdo das dissertações e teses levantadas.

2.1. Pioneirismos e a legitimação do futebol enquanto objeto das ciências humanas.

O início dos anos 1990 no Brasil é rodeado por uma série de frustrações políticas, sociais e esportivas. Após 20 anos de Ditadura Militar, o país se reencontrava com a democracia, porém seu primeiro presidente eleito, Fernando Collor de Mello, é afastado do cargo por corrupção e seu sucessor, Itamar Franco, não consegue conter a crise econômica e a inflação. No futebol, a seleção brasileira que vai a Copa do Mundo de 1990 é eliminada pela rival Argentina nas oitavas de final. Mesmo tendo se classificado em primeiro lugar no grupo, a equipe comandada por Sebastião Lazaroni não apresentava um bom futebol, sendo taxada de pragmática e muito burocrática.

Poucos meses antes do início deste mundial, o sociólogo Mauricio Murad funda o Núcleo Permanente de Estudos de Sociologia do Futebol, no Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UERJ. Motivado pelo advento da Copa do Mundo, o núcleo buscava analisar o futebol de maneira transdisciplinar, através do diálogo entre as ciências sociais e outras áreas do conhecimento, sendo a primeira experiência desse tipo em ambiente acadêmico brasileiro.

Idéia antiga, pensada e conversada desde muito tempo, foi materializada naquele momento histórico facilitador. Definido institucionalmente como atividade do Departamento de Ciências Sociais, o Núcleo é aberto a docentes e discentes de qualquer unidade acadêmica, na medida em que é um centro transdisciplinar de estudos e pesquisas em torno das problematizações plurais, multissignificativas, emergentes do futebol [...] Núcleo permanente, este o seu caráter pioneiro. Até onde sabemos, até onde conseguimos obter informações, somos o único centro permanente de investigação em nosso meio acadêmico (e da América Latina) acerca da sociologia do futebol.¹⁴⁴

¹⁴⁴ MURAD, M. Núcleo de Sociologia do Futebol – UERJ. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n.23, p.207. 1999.

O Núcleo iniciou suas atividades organizando artigos relacionados ao futebol que eram publicados em jornais e revistas da época e posteriormente ampliou seu escopo para outros tipos de documentos como vídeos, áudios, livros e objetos dos mais variados tipos. Os primeiros resultados das pesquisas feitas pelo Núcleo buscavam mostrar o futebol como um patrimônio cultural, elemento central da formação da identidade nacional e um fenômeno de massas.¹⁴⁵

Com o amadurecimento nesta área de pesquisa, Murad elabora um conteúdo programático para ministrar a primeira disciplina totalmente dedicada ao futebol na universidade. Denominada Sociologia do Futebol, a matéria recebeu sua primeira turma no segundo semestre de 1994, poucos meses depois da Copa do Mundo e seguiu reeditando edições esporádicas através dos anos.

No primeiro semestre, começamos a elaborar o conteúdo programático e a planejar a disciplina eletiva, denominada Sociologia do futebol, que foi ministrada experimentalmente no segundo semestre do mesmo ano e reeditada no primeiro semestre de 1995, para uma segunda turma. Essa disciplina eletiva, que até onde sabemos é a única, com esse caráter, no sistema universitário latino-americano, é aberta a todos os estudantes (e professores), de todo e qualquer curso de qualquer universidade, além da própria UERJ, valendo os créditos estabelecidos. O conteúdo programático está dividido em três unidades interligadas, a saber: a) o lugar teórico da Sociologia do futebol; b) história social do futebol — no mundo, nas Américas e no Brasil, e c) futebol e cultura brasileira. A bibliografia especializada é comentada ampla e detidamente no transcorrer do curso. Na presente data, segundo semestre de 1998, estamos concluindo a nona turma, somando um total de mais de trezentos alunos, em sua maioria mulheres.¹⁴⁶

¹⁴⁵ MURAD, M. Entrevista. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/mauricio-murad-parte-1>> Acesso em: 26 de fevereiro de 2019.

¹⁴⁶ Ibidem., 1999. p.208.

Ainda, em junho de 1994, é publicada a edição zero da revista *Pesquisa de Campo* (1994-1997), intitulado *Futebol, 100 Anos de Paixão Brasileira*. Em caráter experimental, essa edição trazia a transcrição de trechos das falas apresentadas em um painel organizado pelo Núcleo em homenagem a João Saldanha, falecido um mês antes. Com periodicidade semestral, nas edições seguintes são publicados artigos com propostas de pesquisa e ensaios de autores ligados ao meio acadêmico do futebol. Destacados alguns desses a seguir.

Na edição de número 1, intitulado *Brasil: futebol tetracampeão do mundo* (1995), ressaltamos o artigo *O salvador da pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994*, de Simoni Lahud Guedes, que debate a importância do atacante brasileiro na conquista do quarto título mundial, a partir de seu retorno a seleção nas eliminatórias. Na edição de número 2, *Futebol e Cultura Brasileira* (1995), *As Invenções do Cotidiano* do antropólogo Everardo Rocha, discute algumas ideias sobre a cultura brasileira, a partir de uma comparação entre o descobrimento do Brasil e a conquista do tetracampeonato de futebol, considerados dois momentos que formam o imaginário brasileiro contemporâneo. No número 3/4, *Futebol: Síntese da Vida Brasileira* (1996), o sociólogo e jornalista Héris Arnt, apresenta o artigo *Uma leitura simbólica do futebol*, onde propõe uma análise da adesão popular a eventos como a Copa do Mundo de Futebol, a partir do cruzamento das teorias de Michel Maffesoli e Roger Callois. Por fim, na edição número 5, *Futebol e Cidadania* (1997), Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisolo publicam *O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos*, onde fazem uma releitura de contexto e de conteúdo sobre a frase polêmica do autor literário, escrita em 1921. Segundo Soares e Lovisolo, o futebol para Graciliano Ramos é visto como um mero instrumento retórico, uma maneira de expor suas críticas à cidade e ao comportamento político brasileiro, do coronel do sertão ao presidente da república. Esse foi o último artigo publicado, após a sexta edição, considerando o número zero, a revista *Pesquisa de Campo* é cancelada. Murad explica que essa decisão deveu-se a falta de financiamento ao periódico

e não qualquer desinteresse pelo tema, ou impedimento por parte da Departamento de Cultura da UERJ.¹⁴⁷

Durante eliminatórias para a Copa do Mundo de 1994, a seleção brasileira, agora comandado por Carlos Alberto Parreira, tem dificuldade para se classificar, garantindo a vaga na última rodada, em um confronto direto contra o Uruguai. Apesar de todo o pessimismo voltado a essa geração de jogadores, a seleção que vai aos Estados Unidos conquista o tetracampeonato.

A Copa teve um grande significado simbólico, ajudando a melhorar a autoestima da população brasileira. Lógico que nenhum dos problemas e contradições do País foram resolvidos com a conquista, mas não se pode ignorar sua importância. O Brasil encerrou um jejum de 24 anos sem títulos – a busca pelo tetra virara um trauma e obsessão para os boleiros – e o título veio após uma série de frustrações, a exemplo da “década perdida” como ficaram conhecidos os anos 80 e seus problemas), do governo Collor de Mello (o primeiro presidente eleito pelo voto direto após o fim da ditadura e afastado), das hesitações da presidências Itamar Franco, etc. A conquista da Copa do Mundo em 94, a estabilidade econômica advinda com o plano Real e a eleição de Fernando Henrique Cardoso para presidente pareciam anunciar novos tempos par ao Brasil.¹⁴⁸

Poucos meses após a vitória no mundial, é publicado o Dossiê Futebol, dentro da Revista USP. A motivação para que esse tema fosse destacado no periódico é explicado no texto editorial.

Do ponto de vista daqui, de hoje, um dossiê Futebol é quase óbvio. Mas no fim do ano passado, quando o tema era uma margem num futuro ainda nebuloso, ele foi descartado como um duplo maneirismo. À medida que 94 avançou, entretanto, e os preparativos para a Copa dos EUA se concretizavam, a palavra futebol começou a empolgar.¹⁴⁹

¹⁴⁷ Ibidem, 2010. s/p.

¹⁴⁸ FARIAS, A., 2014. p.132.

¹⁴⁹ COSTA, F. Editorial. Revista Usp. São Paulo, n.22, p.5. 1994.

No mesmo sentindo, José Carlos Bruni, professor do Departamento de Sociologia, aponta o mundial como a oportunidade para a realização da revista, mas seu principal objetivo é tratar o futebol como objeto de pesquisa, seguindo os passos iniciados por Roberto DaMatta.

Foi pensando na inegável importância do futebol dentro da sociedade brasileira (mas não só) que surgiu a ideia de um dossiê sobre esse tema. Contribuir para uma interpretação crítica do futebol, alicerçada no tipo de conhecimento cultivado no interior da universidade, foi o fio condutor dos textos aqui coligidos, aproveitando a oportunidade aberta com a Copa do Mundo, quando o fenômeno do futebol se torna mais visível, empolgante e rico do que ordinariamente.¹⁵⁰

O próprio DaMatta é convidado a escrever um artigo para a revista. Intitulado *Antropologia do óbvio*, o texto, que se tornou uma referência para os estudos sobre esse tema nas ciências humanas, é uma continuidade de suas reflexões anteriores, presentes principalmente em *Universo do Futebol* (1982). Pesquisadores consagrados em suas respectivas áreas contribuem com reflexões, como é o caso de *Futebol, metrópoles e desatinos*, do historiador Nicolau Sevcenko, *Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro*, *Transgressão e violência entre torcedores de futebol*, do antropólogo Luiz Henrique de Toledo, *A bola na ponta da caneta* do jornalista Francisco Costa, *A vitória do futebol que incorporou a pelada* e *O futebol nas fábricas*, dos sociólogos Waldenyr Caldas, José Sérgio Leite Lopes e Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes. Além dos textos baseados em pesquisas acadêmicas, a revista abriu espaço para obras artísticas, das áreas de literatura e artes plásticas. Foram publicados poemas de Antonio Medina Rodrigues, narrativas de Decio Almeida Prados e ilustrações do artista plástico Antonio Lizárraga, misturadas a poemas de Haroldo de Campos e Júlio Plaza.

¹⁵⁰ BRUNI, J. C. Apresentação. Revista USP. São Paulo, n.22, 1994. p.7.

Fazer uma reflexão historiográfica relativa ao futebol nos conduz aos “estudos clássicos”, quer pelo seu pioneirismo e pelas primeiras contribuições ao campo de pesquisa, ou pela influência que exercem nos debates das décadas posteriores. Como dito anteriormente, os anos 1970 e 1980 marcam o nascimento de importantes referências para os pesquisadores que viriam a lidar com esse objeto nas próximas décadas. Neste período, configuram-se algumas discussões sobre o futebol enquanto objeto das ciências humanas e emergem as primeiras linhas de pesquisa e interpretação sobre o futebol.

Nos anos 1990 ocorre a legitimação deste objeto de estudo nas ciências humanas, tornando-se relevante na produção acadêmica relativa a área de História, como também na Antropologia, na Sociologia, nas Letras, na Educação e na Geografia. Durante a consulta aos periódicos, procuramos observar as questões mais recorrentes entre os autores e selecionamos textos cuja as reflexões evidenciam tais tendências. Podemos destacar alguns dos temas apontados, que mais tarde se convertem em linhas de pesquisa, são eles os estudos sobre o racismo e a participação do negro no futebol, a violência, as torcidas organizadas, as relações de gênero, a composição linguística no futebol, a história do futebol e suas conquistas e as diferentes versões do futebol, praticado em diferentes civilizações e períodos históricos. Embora a Revista USP tenha cedido um espaço extraordinário para o futebol dentro da academia, é preciso destacar o Núcleo de Sociologia do Futebol que, alguns anos antes, cria experimentos de ensino, pesquisa e difusão de conhecimento. A literatura existente sobre futebol até aquele momento era bastante limitada, porém o intercâmbio de ideias e a circulação dos trabalhos parecia mais estabelecido. Além dos clássicos, os autores convidados para escrever no periódico Pesquisa de Campo, citam artigos de colegas que haviam participado da edição do Dossiê Futebol, como é o caso de Simoni Guedes, ao referenciar Fatima Antunes em seu artigo da primeira edição.

A consolidação do campo de estudos acadêmicos sobre o futebol resulta em uma ampliação do número de dissertações e teses defendidos. Tratamos a seguir desse vasto conjunto documental, analisando à produção a partir do seu local, de seus autores, orientadores e características intrínsecas.

2.2. Ferramenta de Pesquisa e Preparação dos Dados.

O princípio metodológico desta dissertação foi construído com base em estudos de pós-graduação ligados a produção de conhecimento nas humanidades que tem como objeto de pesquisa o futebol. O critério de seleção das teses e dissertações analisadas são aquelas que foram defendidas nos programas de pós-graduação das universidades públicas brasileiras no período de 1970 até 2016, de acordo sua disponibilidade para consulta em bases de dados online ou nos setores de guarda destes documentos nas instituições de ensino. A fundamentação teórica da dissertação parte da análise de outros artigos, teses e dissertações que tiveram como objetivo estudar a produção de conhecimento sobre futebol na área de humanidades. Como foi salientado anteriormente, os trabalhos de SPAGGIARI, S. S. & GIGLIO, E. (2010), TOLEDO, L. H. (2001) e HELAL, R. (2011) serviram para delimitar o escopo metodológico desta dissertação e apontaram os caminhos para verificar as lacunas e as referências mais utilizadas. A pesquisa foi dividida em quatro etapas, sendo elas: 1) Mapeamento das Instituições acadêmicas do Rio de Janeiro e de São Paulo; 2) Mapeamento da produção acadêmica em cada Instituição selecionada; 3) Desenvolvimento de um sistema de catalogação para guarda dos documentos; 4) Análise da produção acadêmica e organização em categorias qualitativas e quantitativa.

No primeiro capítulo, buscou-se conhecer como se deu o processo de construção do campo de conhecimento sobre o futebol, anterior as pesquisas acadêmicas iniciadas na década de 1970. Essa etapa serviu para elaborar a fundamentação teórico-metodológica e para problematizar o objeto abordado. Neste segundo capítulo, não utilizamos o conceito de *trajetória* para descrever cada um dos pesquisadores e seus trabalhos. A disponibilidade de tempo para a conclusão do trabalho em relação a amplitude da massa documental não permitiria um estudo tão aprofundado. Na ausência de tais informações, a opção metodológica foi inventariar e catalogar as obras acadêmicas abrange tacitamente o potencial do futebol como documento histórico, verificando o uso que é feito deste tipo de fonte primária nas diversas áreas das humanidades. O levantamento quantitativo permite mapear os núcleos de estudo - organizados

ou independentes - e os pesquisadores interessados nesse tipo de documento, porém esse conjunto exige uma qualificação do seu conteúdo, que nasce a partir de todo material recolhido. Trata-se, neste caso, de compor uma teia onde os fios são as *trajetórias* dos produtores de conhecimentos e as intersecções são os pontos de contato e de propagação, ao mesmo tempo que aumentam a sustentação e segurança de toda uma estrutura.

A análise qualitativa se baseou na leitura das 186 dissertações e teses levantadas, sendo feita de duas maneiras:

1) Leitura integral, de acordo com uma amostragem, referente à 20% do total de teses e dissertações catalogados. Destacamos as teses e dissertações foram analisadas ao longo da pesquisa: ANTUNES, F. M. A. (1999), FRANZINI, F. (2000), JUNIOR GONÇALVES, R. D. (2008), SILVA, D. M. M. (2013), SILVA, G. C. (2015), SPAGGIARI, E. (2009), STREAPCO, J. P. F. (2011), GAMBETA, W. R. (2013), TOLEDO, L. H. (2000), CALDAS, W. (1988), CARRATA, C. C. (2014), VIANA, R. S. (2008), SILVA, E. J. (2004), GIGLIO, S. S. (2007), LIRA NETO, J. F. (2009), GASTALDO, E. L. (2000), ALFREDO, J. C. (1996), MAIA, P. R. A. (2006), ZAGO, V. L. (2002), MEGID, C. M. (2008), PEREIRA, L. A. F. (1998), RIGO, L. C. (2001), LUCENA, R. F. (2000), FRANCISCHINI, S. L. M. (2005), PECENIN, M. F. (2007), COSTA, L. M. (2008), MELLO, F. F. (2014), BRINATI, F. A. (2015), SILVA, N. L. R. (2006), SILVA, A. P. (2014), CABO, A. V. G. T. P. (2016), ALMEIDA, A. T. S. (2009), GARCIA, P. L. (2013), FERREIRA, L. C. (2007), BOTELHO, A. R. M. (2012), ANTUNES, L. P. (2016), CHAGAS, L. S. (2010), ALMEIDA, R. S. (2014).

2) Leitura parcial dos trabalhos, referente a 80% do total de teses e dissertações restantes, observando os objetivos e justificativas dos trabalhos, as referências teórico-metodológicas, os principais argumentos e a conclusão. A leitura de resumos possibilita identificar rapidamente aquilo que caracteriza o estudo, com a função de localizar rapidamente as dissertações e teses que cabem ao recorte proposto. Esse montante pode ser visto no capítulo Anexo desta dissertação.

O objetivo foi compreender o estado do conhecimento sobre o futebol no Brasil, quem são os principais agentes desta produção, quais instituições universitárias que legitimam a pesquisa sobre esse objeto de estudo e em quais momentos se desenvolvem as pesquisas sobre este esporte no ambiente acadêmico brasileiro. Em seguida, analisamos as teses e dissertações, investigando as principais linhas de estudos, os principais locais de produção de conhecimento e as áreas de estudo que mais se defende trabalhos acadêmicos. Além disso, identificamos os problemas que atingem esse tipo de pesquisa. A primeira etapa consistiu em um mapeamento de todas as universidades públicas municipais, estaduais e federais de São Paulo e do Rio de Janeiro, delimitando nosso recorte espacial para pesquisa. Foram selecionadas 13 universidades que respondiam as características citadas, sendo 6 em São Paulo e 7 no Rio de Janeiro, a saber:

SÃO PAULO	
SIGLA	NOME
USP	Universidade de São Paulo
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNESP	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNIFESP	Universidade Federal de São Carlos
UFABC	Universidade Federal do ABC

Tabela 1 – Universidades Públicas do Estado de São Paulo

RIO DE JANEIRO	
SIGLA	NOME
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UFRRJ	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UENF	Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
UEZO	Centro Universitário Estadual da Zona Oeste

Tabela 2 – Universidades Públicas do Estado do Rio de Janeiro

Definida a listagem das universidades e identificado o local de guarda das teses e dissertações, partimos para o levantamento de trabalhos com temática voltada ao futebol em cada instituição. O foco de pesquisa foram as bases de dados das bibliotecas universitárias, as bases de dados autônomas de teses e dissertações e os acervos de núcleos de estudo especializados. Definimos alguns critérios para pesquisa preliminar.

Em cada sistema informatizado, utilizamos preferencialmente as ferramentas de “Busca Avançada” ou “Busca Composta”, permitindo o cruzamento de dados e filtragem dos resultados. A busca foi realizada através das palavras-chave “futebol”, “football”, “esporte” e/ou “sport”, com objetivo de recuperar todos os estudos realizados sobre esse objeto, sem limitar inicialmente as áreas de conhecimentos onde são produzidos. A utilização dos termos “esporte” e “sport” foram necessárias, pois alguns trabalhos não possuíam o futebol como palavra-chave ou não foram apresentados resultados nas bases de pesquisas sem a utilização deste termo.

As teses e dissertações foram selecionadas após confirmar o futebol como objeto de estudo, seja através da leitura do título, resumo e/ou introdução dos trabalhos. A lista preliminar, sem qualquer restrição específica, somou um número superior a 900 estudos, entre teses, dissertações e monografias. Para verificar se essa quantidade era verossímil, comparamos o levantamento ao número de trabalhos de pós-graduação disponíveis no banco de teses do portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando os mesmos critérios de busca. Foram encontrados 1591 trabalhos indexados nessa base, que se refere a produção de conhecimento em todo o Brasil. Com essa amostragem, definimos os primeiros critérios de exclusão e partimos para um segundo levantamento. Observando a primeira amostragem de trabalhos acadêmicos reunidos, foi decidido o corte de trabalhos monográficos de graduação, os trabalhos de conclusão de curso (TCC) e similares. Grande parte desses estudos não apresentou conhecimento inédito e poucos pesquisadores deram continuidade as pesquisas iniciadas em projetos de conclusão de curso na graduação. Para uma análise apurada dessa produção, seria necessário mapear quais autores seguem com as pesquisas em outros níveis acadêmicos, em quais instituições, e qual a relação

estabelecida entre os estudos monográficos e a pós-graduação. Além de identificar quais trabalhos, de fato, produziam conteúdo inédito com uso de fontes primárias e afins.

O segundo critério de exclusão, aplicado para responder as necessidades desta dissertação foi manter apenas os trabalhos produzidos nas áreas de conhecimento das humanidades, como a Antropologia, a Educação, a História, a Geografia, a Letras, a Sociologia, a Filosofia e a Comunicação. Foi feita uma exceção quando os trabalhos apresentassem bases teóricas e metodológicas interdisciplinares, ou que tivesse como objetivo apresentar um estudo com elementos ligado as humanas. Esse critério visou abarcar, principalmente, as pesquisas nas áreas de Educação Física e Esporte, que demonstraram um potencial na produção de conhecimento interdisciplinar. Pudemos observar, mesmo que superficialmente, o tipo de conhecimento que é produzido nessas duas áreas irmãs e justificamos sua exclusão por se voltar a um tipo de estudo que podemos classificar como técnico ou especializado, como a biodinâmica do movimento humano, a pedagogia do movimento humano, desempenho esportivo, nutrição e genética do esporte. Como citado anteriormente, alguns autores como RIBEIRO, L. C. (2010), SILVA, R. (1990), SOUZA, J. P. M. (2011), SANTOS, J.D. (2012) e SACARDO, M. S. (2012), publicaram estudos bibliográficos analisando essa produção em específico. O mesmo critério foi aplicado as áreas afins, como a Administração, a Economia e a Publicidade, o Marketing, o Direito e a Psicologia, quando produzem conhecimentos específicos mais próximos as áreas de biológicas e exatas. O último critério de exclusão refere-se aos trabalhos que citam o futebol em seu conteúdo e/ou resumo, mas não se apropriam desses como um objeto de estudo, ou, citam esse esporte apenas como um elemento comparativo a outro tema ou elemento principal.

Seguindo os critérios citados acima, foram selecionados 186 estudos, entre teses e dissertações, que possuem o futebol como objeto até o ano de 2016. Vale ressaltar que esse número aumentou no decorrer do desenvolvimento desta dissertação, durante a pesquisa, alguns trabalhos estavam em processo de conclusão, defesa e liberação para consulta pública.

Considerou-se suficiente a amostragem até a data citada, tendo como marco a Copa do Mundo de 2014 e as pesquisas imediatas “pré” e “pós” mundial.

A segunda etapa da pesquisa tratou da catalogação dos estudos, visando uma identificação similar a todos a teses e dissertações levantadas e que permitiria uma posterior qualificação do material. Atribuímos destacada importância ao sistema de catalogação e seus campos de indexação, assim como na seleção da base onde os dados seriam registrados. Para definir os caminhos, foram avaliadas as metodologias de catalogação propostas pela arquivística e a biblioteconomia, observando qual delas iria prover uma melhor recuperação das informações e qual permite uma melhor tabulação de dados. Por finalidade, optamos pela apropriação da teoria dos arquivos, vez que responde a “acumulação ordenada dos documentos, em sua maioria textuais, criados por uma instituição ou pessoa, no curso de sua atividade, e preservados para a consecução de seus objetivos, visando à utilidades que poderão oferecer no futuro”.¹⁵¹ Além disso, através desta forma de organização de dados, é possível cruzar e analisar relações entre os campos, como por exemplo, o número de dissertações em relação a teses publicados na Universidade de São Paulo. Serviram de apoio os trabalhos de SCHELLENBERG, T. R. (2010), PAES, M. L. (2014), DELMAS, B. (2010), CAMARGO, A. M. A. (2007) e BELLOTO, H. L. (2006).

Para a definição dos campos de catalogação, fizemos uma comparação das informações latentes e comuns a todas as bases de dados pesquisadas. Selecionamos aquelas que permitiriam recuperar de forma dinâmica os trabalhos catalogados e que não reproduziam algum conteúdo presente no interior do documento. Foi criado um campo que responde a distribuição dos estudos por área de conhecimento, um tipo de informação atribuída de acordo com a linha de pesquisa do trabalho ou a instituição onde foi defendido. A seguir apresentamos os campos criados especialmente para inserção de dados, além de uma breve descrição do seu conteúdo e a forma que os dados são dispostos. A catalogação completa está disponível no capítulo anexos desta dissertação, permitindo testes e consultas rápidas sobre essa base de dados.

¹⁵¹ PAES, M. L. Arquivo: Teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004. p.16.

NOME DO CAMPO	DESCRIÇÃO
AUTOR	Nome do(s) autor(es) da dissertação ou tese. O modo de inserção segue o modelo proposto pela ABNT, sendo “SOBRENOME, Nome”. O sobrenome deve ser inserido todo em caixa alta e o nome apenas com as iniciais.
TÍTULO	Título completo da dissertação ou tese. O modo de inserção respeita a grafia e a formatação apresentada pelo autor na ficha catalográfica do trabalho.
ANO	Ano de defesa da dissertação ou tese. O dado inserido respeita a informação disposta no corpo da dissertação. Essa definição responde a uma série de discrepâncias entre a data citada pelo autor e a data indexada nas bases de dados de teses e dissertações.
Nº DE PÁGINAS	Número total de páginas das dissertações ou teses. Não incluímos nesse número a capa e contracapa dos trabalhos, apenas a paginação do corpo do texto, bibliografia e anexos.
ÁREA DE CONHECIMENTO	A área de conhecimento sobre a qual é produzido a dissertação ou tese.
UNIVERSIDADE	Nome e sigla da Instituição universitária onde a dissertação ou tese foi produzida, defendida e guardada. O formato de inserção desta informação segue o padrão “Nome completo e por extenso (Sigla)”.
DEPARTAMENTO/ INSTITUTO	Nome completo do Instituto ou Departamento dentro da Universidade, onde foi produzida, defendida e guardada a dissertação ou tese. O formato de inserção desta informação segue o padrão “Nome completo e por extenso (Sigla)”.
ORIENTADOR	Nome completo e por extenso do orientador da dissertação ou tese.
CO-ORIENTADOR	Nome completo e por extenso do co-orientador, quando existente, da dissertação ou tese.
GRADUAÇÃO	Definição do nível de graduação do trabalho: Dissertação (Mestrado), Tese (Doutorado), Tese (Livre-docência).

Tabela 3 – Campos de catalogação da base de dissertações e teses

Selecionamos o software Microsoft Excel como ferramenta para executar essa etapa, tratando o programa como uma plataforma de inserção e recuperação de dados, ou um sistema de gestão do conjunto documental. A escolha desta ferramenta justifica-se pela facilidade de acesso ao software e conhecimento prévio sobre manuseio de um sistema de planilhas, que permite elaboração de gráficos, tabelas, fórmulas e tabulações. Além disso, a estrutura das planilhas Excel se assemelha a estrutura de softwares de banco de dados e de sistemas de catalogação de arquivos e bibliotecas, característica que permite a migração dos dados para outras plataformas no futuro.

Durante a captação de informações sobre os estudos acadêmicos nas bases de dados, foram recolhidas cópias digitais das teses e dissertações nos formatos Portable Document Format (.pdf) ou Document (.doc). Esses arquivos foram renomeados no padrão “SOBRENOME, Nome. Título” e organizados em um sistema de pastas digitais do Microsoft Windows. A organização desse material foi definida de acordo com a lógica estabelecida no sistema de catalogação. Desta forma, criamos uma estrutura hierárquica de pastas. Os arquivos são guardados de acordo com a região a qual pertence, seguido da instituição onde foi defendido e o nível de graduação. Esse tipo de organização visou manter uma organização intelectual que permita rápida recuperação dos arquivos no ambiente virtual, além de garantir uma visualização macro dos trabalhos acadêmicos, utilizados como fonte primária desta dissertação.

O levantamento completo de dissertações e teses está disponível no anexo deste trabalho. Esse conjunto se refere a a produção acadêmica sobre futebol nas ciências humanas até o ano de 2016 e consta de todos os campos de descrição preenchidos. O panorama da produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado apresentado a seguir é totalmente baseado nos dados catalogados neste anexo.

2.3. Panorama dos indicadores das dissertações e teses sobre futebol no Brasil.

Desde o início, uma das motivações que levaram a essa pesquisa foi compreender se é verdadeira a afirmação que a produção acadêmica sobre futebol é escassa. Uma vez catalogadas, as dissertações e teses servem como fonte de pesquisa e nos remetem a diversos indicadores que caracterizam a produção nas ciências humanas a partir dos anos 1970. Embora nosso recorte esteja definido, optamos por apresentar dados de algumas outras regiões do Brasil e de áreas de conhecimento a parte das ciências humanas, como forma de comparar e melhor compreender como se caracteriza essa produção.

O objetivo é inferir sobre esses dados e compreender o tipo e a extensão da produção acadêmica sobre futebol no Rio de Janeiro e São Paulo. Sem um foco específico sobre os autores, mesmo tratando desses sujeitos em certo momento, podemos verificar a rede de produção de conhecimento e como se configurou após a legitimação deste objeto em meados dos anos 1990.

É válido ressaltar que os critérios escolhidos para esse estudo apresentam um horizonte de características, sem a intenção de limitar outras análises que possam surgir no futuro. Entendemos que os balanços historiográficos e bibliográficos servem como um ponto de partida para um debate maior, um termômetro dos olhares lançados e um compêndio dos temas e fontes abordadas até então.

Por fim, é importante citar que a interpretação dos dados não partiu de uma fundamentação teórica específica. Essa etapa do estudo partiu do princípio de que texto e resultado foram construídos com base nos dados e nas categorias da análise, ou seja, o texto final é produto das informações e das categorias.

Gráfico 1 – Distribuição de dissertações e teses por região (Brasil)

A distribuição das pesquisas de pós-graduação pelas regiões do Brasil é um ponto que deve ser observado. Segundo dados apresentados por Alex Fensterseifer, até 2016 a região Sudeste produziu 64,22% dos trabalhos acadêmicos sobre futebol no Brasil, enquanto a Sul representa 21,46% dos estudos. As regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte seguem com 8,82%, 4,45% e 1,03%, respectivamente. Como podemos observar, a maior parcela da produção nacional está acumulada na região Sudeste, mesmo somando os trabalhos de todas as outras regiões, o número de teses e dissertações ainda será menor que a Sudeste. Segundo o autor, essa discrepância é um reflexo das desigualdades econômicas, sociais e educacionais entre as regiões brasileira, as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste contam com um número reduzido de programas de mestrado e doutorado, se comparadas as regiões Sudeste e Sul.¹⁵² A distância da produção entre as regiões é maior quando observamos distribuição das dissertações e das teses em específico por região.

¹⁵² FENSTERSEIFER, A. Produção científica sobre futebol: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina. 2016. p.111.

Gráfico 2 – Distribuição de dissertações por regiões (Brasil)

Gráfico 3 – Distribuição de teses por regiões (Brasil)

Separados os estudos, é possível observar uma repetição e, no caso dos doutorados, um agravamento da predominância dos estudos nas regiões Sul e Sudeste.

Como visto no Gráfico 2, a porcentagem de mestrados produzidos é muito semelhante à média de trabalhos de pós-graduação como um todo. Porém, no Gráfico 3 percebe-se uma concentração de doutorados no Sudeste e uma queda proporcional em todas as outras regiões. A concentração de mestres e doutores no Sul e Sudeste motiva os demais pesquisadores a migrarem para essas regiões, em busca de programas de pós-graduação, orientadores e linhas de pesquisa mais desenvolvidas. Em consequência, os autores se afastam mais dos temas e problemas de suas regiões, se adaptando a linhas de pesquisa e objetos distantes de suas realidades. Esse dado está diretamente ligado a destinação de recursos para cada região, uma vez que o número de mestres e doutores em relação ao número habitantes, fora do Sul e Sudeste, é cada vez menor. Desta maneira, investimento na educação é reduzido e esse problema impacta no sistema de pós-graduação das universidades públicas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.¹⁵³

Em outra análise, podemos estabelecer uma relação entre a produção acadêmica e o futebol profissional consumido nas regiões. Desde o surgimento do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais em 1922, até a edição mais recente do Campeonato Brasileiro de primeira divisão, verificamos um quadro onde as regiões Sudeste e Sul dominam tecnicamente os torneios e detém o maior número de títulos nacionais.

No primeiro torneio citado, as seleções do Sudeste conquistaram 29 títulos, divididos entre Rio de Janeiro, com 15, São Paulo, com 13 e Minas Gerais, com 1. A seleção da Bahia foi a única que conseguiu vencer uma edição do torneio, em 1934. No segundo torneio, o quadro é um pouco mais diverso, mas não divergente. Dos 62 títulos disputados até 2018, 52 foram vencidos por times do Sudeste, sendo 32 deles por times paulistas, 15 cariocas e 5 mineiros. No Sul do país, 7 títulos foram conquistados, sendo 5 por times do Rio Grande do Sul e 2 do Paraná. Os outros 3 ficam no Nordeste, com 2 na

¹⁵³ Ibidem, 2016. p.113-114.

Bahia e 1 em Pernambuco. Os demais Estados nunca conquistaram títulos nacionais e os times das regiões apresentam dificuldades para se manter na primeira divisão do campeonato.¹⁵⁴

Em número de participações na primeira divisão, a relação entre a produção acadêmica e os times mais recorrentes no torneio fica ainda mais aparente. Os times do Sudeste estiveram 807 vezes na primeira divisão, sendo 355 participações de São Paulo, 267 do Rio de Janeiro, 145 de Minas Gerais e apenas 31 do Espírito Santo. O Nordeste é a segunda região com mais participações, com 420, sendo 100 times de Pernambuco, 97 da Bahia, 49 do Ceará, 33 do Rio Grande do Norte, 32 de Alagoas, 29 da Paraíba, 28 de Sergipe, 27 do Maranhão e 25 do Piauí. A região Sul é a terceira em participações com 332 vezes, sendo 140 do Rio Grande do Sul, 124 do Paraná e 68 de Santa Catarina. O Centro-Oeste é a quarta região com 126 participações, sendo 68 de Goiás, 26 do Distrito Federal, 17 do Mato Grosso do Sul e 15 do Mato Grosso. A região Norte conta com 74 participações e a única com Estados a nunca participar. O Pará conta com 47 participações e o Amazonas com 27. Acre, Amapá, Rondônia, Roraima e Tocantins possuem 0 participações.¹⁵⁵

A partir desses dados, é possível verificar a existência de uma relação entre o consumo e prática do futebol e a produção de conhecimento sobre futebol nas regiões. Sem a intenção de desviar o foco desta dissertação, apontamos tais dados e argumentos como um tema de estudo futuro. Para tal, seria necessário ampliar o escopo do levantamento de trabalhos acadêmicos para um nível nacional e comparar os objetos de estudo aos problemas locais. Assim como, observar a partir de outras regiões, quem não os pesquisadores que migram e quais as suas preocupações quando iniciam uma pesquisa de pós-graduação.

¹⁵⁴ REC.SPORT.SOCCER STATISTICS FOUNDATION BRASIL. Lista de campeões do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/tablesae/brselcamp.htm>>. Acesso em: 05 de março de 2019.

¹⁵⁵ Idem. Lista de campeões do Campeonato Brasileiro Série A. Disponível em: <<https://rsssfbrasil.com/tablesae/brcamp.htm>>. Acesso em 05 de março de 2019.

Gráfico 4 - Distribuição de dissertações e teses por região (Sudeste)

Ao analisar a produção acadêmica na região Sudeste, é possível verificar que também há uma desigualdade na distribuição das dissertações e teses entre os estados. No Gráfico 4, os dados demonstram uma concentração dos estudos nas universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que somados representam 88% da produção desta região. Ainda assim, a diferença entre esses dois estados é enorme. O Rio de Janeiro conta com 60 estudos, menos da metade que São Paulo, com 126 deles. Antes de nos voltar a essa parcela da produção, cabe fazer alguns apontamentos breves sobre Minas Gerais e Espírito Santo.

Apenas três das doze universidades mineiras tiveram trabalhos sobre futebol defendidos nos programas de pós-graduação das universidades públicas. Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), encontramos 13 estudos, com destaque para Marcelino Rodrigues da Silva com a dissertação, *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*, mestrado defendido em 1997, e *Mil e uma noites de futebol; o Brasil moderno de Mário Filho*, doutorado de 2003. Na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mais 6 pesquisas resultaram em trabalhos de pós-graduação. Como exemplo, temos Bianca Alvin de Andrade Silveira defende em 2010 a dissertação *A materialização midiática da brasilidade: a cobertura do Jornal Nacional sobre*

a Seleção de Futebol e a narrativa da identidade brasileira. Por fim, *Futebol, Arte e Discursos à Parte: Exame discursivo de três diferentes jornais a seus respectivos contratos e estratégias na cobertura da Copa de 2010 em um país de Terceiro Mundo*, de Fernando França Medanha, é a única dissertação defendida na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), até o ano de 2012.

O Espírito Santo é o estado com menos estudos sobre futebol na região Sudeste, sendo três dissertações defendidas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES): *Derrotas da seleção brasileira: futebol e identidade nas crônicas de Tostão*, de Felipe Rodrigues da Costa, *O beijo no campo: futebol e literatura a partir de Nelson Rodrigues*, de Luciano de Andrade da Silva, e *Amor à camisa: conciliando razão e paixão no ambiente do futebol profissional*, de Fábio Padilha Alves. O foco dos estudos são temáticas voltadas a identidade nacional e seleção brasileira, a presença do futebol na literatura de Nelson Rodrigues e a investigação das tensões criadas pela transferência de jogadores. Nos estudos acadêmicos, encontramos apenas o artigo *O Espírito Santo no cenário do futebol brasileiro: 1980 a 2009*, que se propõe a tratar do esporte nesse estado.¹⁵⁶ O artigo reforça a hipótese que a falta de resultados expressivos do futebol capixaba é responsável pela lacuna de estudos sobre esse esporte. Apenas quatro clubes disputaram a primeira divisão do campeonato brasileiro desde sua criação de 1971. O primeiro deles foi o Vitória do Espírito Santo, que participou da edição de 1977 e reaparece na Série B em 1981. Na sequência, o Colatina jogou a Série A em 1979, reaparecendo na Série C em 1981. O Rio Branco disputou a edição 1986 e em 1987 participou do Módulo Amarelo da Copa União e garante seu acesso a Série A. Por fim, a Deportiva Ferroviária jogou a edição de 1993 e é eliminado pelo Goiás na classificatória de 1994. Ao mesmo tempo que pesquisadores não se interessaram em compreender o contexto socioeconômico do esporte no estado, que tem o torneio regional, o Campeonato Capixaba, acontecendo anualmente desde 1917.

¹⁵⁶ COSTA, F. R.; ALVES, F. P.; RIBEIRO, L. P. O Espírito Santo no cenário do futebol brasileiro: 1980 a 2009. *Pensar a Prática*. Goiânia, v.14, n.1, p.1-9, jan/abr. 2011.

Gráfico 5 - Distribuição de dissertações e teses nas universidades (Rio de Janeiro)

Na distribuição de dissertações e teses nas universidades do Rio de Janeiro, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) detém 40 trabalhos publicados, correspondendo a 66% da produção total desse estado. Em seguida a Universidade Estadual do Rio Janeiro aparece com 12 trabalhos, representando 20% de toda a produção. Em menor escala, a Universidade Federal Fluminense corresponde a 8,5% da produção, com 5 trabalhos de pós-graduação e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), 5,5%, com apenas 3 trabalhos.

Como dito anteriormente, o Rio de Janeiro é o primeiro estado brasileiro a receber estudos acadêmicos de pós-graduação sobre futebol. Por um longo período, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi a única universidade pública carioca que fomentou a pesquisa sobre esse esporte. Simoni Lahud Guedes torna-se a pesquisadora pioneira nesse campo de conhecimento quando defende a dissertação *O futebol brasileiro: Instituição zero* ainda em 1977. Na década seguinte, três outras dissertações são publicadas, *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão* (1980), de Ricardo Benzaquen, *Política de esportes no Brasil* (1985), de Eduardo

Manhães e *Poder e racismo, ideologia de Maracanã, adeus*, de Edilberto Coutinho (1988), de Pedro Jorge Salvador.

Nos anos 1990, o número de trabalhos de pós-graduação sobe para oito e Pedro Jorge Salvador defende a primeira tese de doutorado sobre futebol, intitulada *O jogo mágico do Brasil no Maracanã* (1995), o autor é também o primeiro pesquisador a dar continuidade na carreira acadêmica desenvolvendo pesquisas sobre futebol no mestrado e no doutorado. Ainda, Rosana da Câmara Teixeira publica *Os Perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas* (1998), um dos primeiros trabalhos acadêmicos a dar continuidade nas reflexões sobre representações e práticas que envolvem o cotidiano das torcidas organizadas.

Apenas nos anos 2000 foram localizados estudos sobre futebol desenvolvidos em outras universidades públicas. A dissertação *Sobre a disciplina no Futebol brasileiro: uma abordagem pela Justiça*, de André Gil Ribeiro de Andrade foi defendida em 2006, no Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 2008, três trabalhos são apresentados na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), *A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo*, de Leda Maria da Costa, *Pelé e o complexo de “vira-latas”: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*, de Ana Paula da Silva e *Teatro anarquista, futebol e propaganda: tensões e contradições no âmbito do lazer e Futebol*, de Michelle Nascimento Cabral. Por fim, no ano de 2009 é defendido *Imprensa e futebol feminino no Brasil: a memória discursiva em campo*, de Rosângela de Sena Almeirda, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Nessa década, o número de dissertações e teses publicadas chega a quarenta e nove.

Nas demais universidades públicas do Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF) e Centro Universitário Estadual da Zona Oeste (UEZO) não foram encontradas pesquisas nas ciências humanas que resultaram em trabalhos de pós-graduação sobre futebol.

Gráfico 6 – Distribuição de dissertações e teses nas universidades (São Paulo)

Em São Paulo, a maior concentração de estudos acadêmicos está dividida entre a Universidade de São Paulo (USP), com 54 registros, e a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com 50, que juntas representam 82,5% dos trabalhos de pós graduação desse estado. Em seguida, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) aparece com 12% dos estudos, referente a 15 pesquisas, e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com os 5,5%, com os 7 estudos restantes.

Na década de 1980, duas dissertações são defendidas nas Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), *Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo*, de Benedito Tadeu César, estudo com forte apelo marxista, voltado a análise dos torcedores de futebol, e *A narração de futebol no Brasil um estudo fonoestilístico* (1989), de Zaldo Antonio Barbosa Rocha Filho. No mesmo período, na Universidade de São Paulo, são defendidas as teses, *O pontapé inicial: contribuição à memória do futebol brasileiro (1894-1933)* (1988), de Waldenyr Caldas e *Pelé, o gol contra: um discurso de poder*, de Ouhydes João Augusto da Fonseca.

A partir de 1990, outros dezessete trabalhos de pós-graduação são publicados, sendo dez na UNICAMP e sete na USP. Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes defende a dissertação *Futebol de fábrica em São Paulo* (1992), pesquisa que tinha como referência os trabalhos de Simoni Guedes, e a tese *Com brasileiro, não há quem possa: crônicas de futebol e identidade nacional* (1999). Luis Henrique de Toledo apresenta *Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole* (1994), uma pesquisa essencial para os estudos sobre torcidas organizadas. Outros trabalhos que merecem destaque são *Características sociais do jogador de futebol profissional da primeira divisão do estado de São Paulo* (1990) e *Aspectos socioculturais do futebolista: o caso do Estado de São Paulo*, de Walter Gama e *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938* (1998), de Leonardo Affonso de Miranda.

Apenas nos anos 2000, a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) recebe sua primeira pesquisa de pós-graduação voltada ao futebol, a tese *A Seleção Brasileira de Futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional* (2004), de Eliazar João da Silva, que explora a construção de uma identidade nacional a partir das Copas do Mundo de 1930 e 1958. No ano seguinte é a vez da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) estreitar, com a dissertação *Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional 1971-1979* (2005), de Sandro Luis Montanheiro Francischini. No total, 106 trabalhos de pós-graduação são publicados no estado de São Paulo nas duas primeiras décadas dos anos 2000, marcado a consolidação deste campo de pesquisa nas humanidades.

Apesar da criação de cursos de graduação ligados as ciências humanas na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), a busca nas bases de dados não retornou qualquer trabalho de pós-graduação nessas áreas, até 2016 as linhas de pesquisa sobre esporte tinham um enfoque em estudos voltados a área de saúde e aprimoramento fisiológico. Fundada em 2015, a Universidade Federal do ABC ainda não havia estruturado seu programa de pós-graduação durante a pesquisa.

Gráfico 10 – Frequência das dissertações e teses por ano de defesa (Geral)

Gráfico 11 – Frequência das dissertações e teses por ano de defesa
(Rio de Janeiro e São Paulo)

Gráfico 7 – Distribuição de dissertações e teses por nível de graduação (Geral)

Quanto a distribuição de trabalhos em diferentes níveis de qualificação, é possível verificar a predominância de dissertações de mestrado frente ao número de teses de doutorado e livre-docência. Entre 1970 e 2016, foram defendidas 123 dissertações de mestrado, correspondentes a 66% da produção total, 61 teses de doutorado, sendo 32,5%, e apenas 2 teses de livre-docência, os 1,5% restantes.

Especificamente nas universidades públicas do estado do Rio de Janeiro, dos 60 trabalhos acadêmicos publicados, 41 são dissertações de mestrado, correspondentes a 68,5% da produção total e os outros 31,5% se referem a 19 teses de doutorado.

Em São Paulo, foram produzidos 126 trabalhos de pós-graduação no total, sendo 82 dissertações de mestrado, referente a 65% do total, 42 teses de doutorado, que correspondem a 33% e apenas duas teses de livre docências, que completam os 1,5% restantes.

Gráfico 8 – Distribuição de dissertações e teses por nível de graduação (Rio de Janeiro)

Gráfico 9 – Distribuição de dissertações e teses por nível de graduação (São Paulo)

Os valores seguem uma tendência do tipo de produção acadêmica como um todo. Com a expansão dos cursos de pós-graduação entre as décadas de 1970 e 1980, as universidades passam a receber mais pesquisadores interessados em desenvolver estudos no mestrado. Esse movimento gera um aumento considerável de dissertações contra um número reduzido de teses.

Os doutorados passam a ganhar mais espaço na produção científica quando a profundidade das pesquisas de mestrado não dão conta de responder questões complexas sobre seus objetos. Há de se considerar que nem sempre existe interesse dos pesquisadores por uma continuidade na carreira acadêmica, a feitura de um mestrado não garante que o pesquisador vá seguir a um doutorado. Ainda, alguns pesquisadores podem optar por novos caminhos na transição entre as graduações, criando discrepâncias quando a análise é feita sobre um tema ou objeto específico.¹⁵⁷

Na pós-graduação como um todo, a diferença entre a produção de dissertações e teses tem diminuído nas últimas décadas. Tomando como base as estatísticas disponibilizadas pelo banco de teses e dissertações da Universidade de São Paulo (USP), um total de 48.387 (58,5%) dissertações de mestrado foram defendidas em todas as faculdades desta instituição até 2019, enquanto teses de doutorado somam 33.524 (40%) e teses de livre-docência apenas 626 (2,5%).¹⁵⁸

Esses números tendem a variar de acordo com a região que analisarmos, mas a relação entre os níveis de graduação se mantém.¹⁵⁹ Ainda muito jovem, o campo de pesquisa sobre futebol nas humanidades deve levar mais algumas décadas, para diminuir a diferença entre pesquisas de mestrado e doutorado.

¹⁵⁷ CADAMURO, L. História da Educação no Brasil: Um estudo bibliométrico de teses e dissertações. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Área de Fundamentos da Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP. 2011. p.22-25.

¹⁵⁸ Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/index.php>> Acesso em: 09 de março de 2019.

¹⁵⁹ Ibidem, 2011. p. 25-28.

A partir de nosso levantamento, é possível identificar apenas 17 pesquisadores que deram continuidade em sua pesquisa de mestrado para o doutorado e, em nenhum caso, houve prosseguimento para livre-docências. Observando a Tabela 4, constatamos que os estudos que seguiram entre níveis de graduação são, em sua maioria, datados nos anos 2000, com algumas experiências alocadas entre 1989 e 1999. Podemos inferir que, com a consolidação do campo de pesquisa em meados de 1990, há um amadurecimento dos estudos voltados ao esporte dentro das universidades públicas.

Esse dado se torna ainda mais relevante se retornarmos aos primeiros trabalhos de pós-graduação sobre futebol, para observar a transição de seus autores entre as áreas do conhecimento. Simoni Lahud Guedes, pioneira nos estudos sobre futebol, ingressa no programa de pós-graduação do Museu Nacional, com o objetivo de estudar a relação do futebol com os operários da Fábrica Bangu. Na transição para o doutorado, a pesquisadora abandona a abordagem sobre o futebol e foca em estudo etnográfico que busca entender a construção social dos trabalhos urbanos.¹⁶⁰ Assim como Ricardo Benzaquen, que se mantém na área de antropologia social, mas estudando a obra de Gilberto Freyre.¹⁶¹

Ainda, sobre a continuidade, é necessário considerar que alguns pesquisadores podem ter dado continuidade nos estudos sobre futebol entre o mestrado e o doutorado, mas passando de uma universidade privada para uma pública. Ou, ter iniciado sua pesquisa no Brasil e posteriormente migrado para o exterior. Devido ao nosso recorte, esses movimentos não são contabilizados em na pesquisa, ficando como um apontamento para estudos futuros.

¹⁶⁰ GUEDES, S. L. Jogo de Corpo: um estudo da construção social de trabalhadores. 1992. 355 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1992.

¹⁶¹ BENZAQUEN, R. Guerra e Paz: Casa Grande e Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30. 1993. 255 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1993.

AUTOR	TÍTULO	GRADUAÇÃO	ANO
ALMEIDA, R. S.	Imprensa e futebol feminino no Brasil: a memória discursiva em campo	Dissertação (Mestrado)	2009
ALMEIDA, R. S.	De copa a copa: memórias do estádio de futebol do Maracanã	Tese (Doutorado)	2014
ANTUNES, F. M. R. F.	Futebol de fábrica em São Paulo	Dissertação (Mestrado)	1992
ANTUNES, F. M. R. F.	Com brasileiro, não há quem possa: crônicas de futebol e identidade nacional	Tese (Doutorado)	1999
CRUZ, A. H. O.	A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros	Dissertação (Mestrado)	2005
CRUZ, A. H. O.	A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma copa do mundo	Tese (Doutorado)	2010
GAMA, W.	Características sociais do jogador de futebol profissional da primeira divisão do estado de São Paulo	Dissertação (Mestrado)	1990
GAMA, W.	Aspectos socioculturais do futebolista: o caso do Estado de São Paulo	Tese (Doutorado)	1996
GIGLIO, S. S.	Futebol: mitos, ídolos e heróis	Dissertação (Mestrado)	2007
GIGLIO, S. S.	COI x FIFA: a história política do futebol nos jogos olímpicos	Tese (Doutorado)	2013
GONÇALVES, G. R.	A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha	Dissertação (Mestrado)	2011
GONÇALVES, G. R.	A produção espetacular do espaço: as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014	Tese (Doutorado)	2015

GUERRA, M. O.	Você, ouvinte, é a nossa meta: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol	Dissertação (Mestrado)	2000
GUERRA, M. O.	Rádio X TV: o jogo na narração, a imaginação entra em campo e seduz o torcedor	Tese (Doutorado)	2006
MARTINS, M. Z.	Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores	Dissertação (Mestrado)	2012
MARTINS, M. Z.	Aperfeiçoando o imperfeito: a ação sindical dos jogadores de futebol no período pós-Lei Pelé	Tese (Doutorado)	2016
MATUDA, S.	A fraseologia do futebol: um estudo bilíngue português-inglês direcionado pelo corpus	Dissertação (Mestrado)	2011
MATUDA, S.	Futebóis: uma análise do texto léxico do futebol em português brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da linguística de Corpus	Tese (Doutorado)	2015
PALMIÉRI, J. C. J.	Quanto vale um talento? Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo	Dissertação (Mestrado)	2009
PALMIÉRI, J. C. J.	Um mundo em vários movimentos: uma etnografia sobre futebolistas de base	Tese (Doutorado)	2015
ROCHA FILHO, Z. A. B.	A narração de futebol no Brasil um estudo fonoestilístico	Dissertação (Mestrado)	1989
ROCHA FILHO, Z. A. B.	Som e ação na narração de futebol do Brasil	Tese (Doutorado)	1997
SALVADOR, P. J.	Poder e racismo, ideologia de Maracanã, adeus, de Edilberto Coutinho	Dissertação (Mestrado)	1988

SALVADOR, P. J.	O jogo mágico do Brasil no Maracanã	Tese (Doutorado)	1995
SANTOS, R. P.	Futebol e história: uma jogada da modernidade: uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)	Dissertação (Mestrado)	2008
SANTOS, R. P.	Futebol fora do eixo: uma história comparada entre o futebol de Porto Alegre e Salvador – 1889-1912	Tese (Doutorado)	2014
SCAGLIA, A. J.	O futebol que se aprende e o futebol que se ensina	Dissertação (Mestrado)	1999
SCAGLIA, A. J.	O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés	Tese (Doutorado)	2003
SPAGGIARI, E.	Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico	Dissertação (Mestrado)	2009
SPAGGIARI, E.	Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana	Tese (Doutorado)	2014
TOLEDO, L. H.	Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole.	Dissertação (Mestrado)	1994
TOLEDO, L. H.	Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional	Tese (Doutorado)	2000
TONINI, M. D.	Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)	Dissertação (Mestrado)	2011
TONINI, M. D.	Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu	Tese (Doutorado)	2016

Tabela 4 – Continuidade de pesquisa entre mestrado e doutorado

Por fim, com objetivo de identificar quem são os docentes responsáveis por orientar trabalhos de mestrado e doutorados, fizemos a leitura e a conferência de todas as fichas técnicas dos trabalhos, separando os nomes dos orientadores e a quantidade de orientações feitas nos últimos anos.

Foram identificados 121 professores universitários com orientações de trabalhos sobre futebol nos programas de pós-graduação nas universidades públicas desde 1970. No topo da lista aparece Heloisa Helena Baldy dos Reis, da Faculdade de Educação Física (UNICAMP), com onze orientações, sendo dez dissertações e duas teses, que representam 9% de toda produção acadêmica sobre futebol. Em seguida, aparece Victor Andrade de Melo, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ), com sete orientações sendo três mestrados e quatro doutorados, referente a 5,7% da produção acadêmica. Os professores Flávio de Campos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), José Carlos Marques, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (UNESP) e Ronaldo Helal, da Faculdade de Comunicação Social (UERJ), aparecem na lista com cinco orientações cada, representando 4,1% da produção. Luiz Henrique de Toledo, do Centro de Educação e Ciências Humanas (UFSCar) atuou em quatro orientações, ou 3,3% de toda a produção.

Com três orientações, representando 2,4% da produção cada, aparecem os docentes Pedro José Winterstein, Silvia Cristina Franco Amaral, Maria Beatriz Rocha Ferreira e João Batista Freire, da Faculdade de Educação Física (UNICAMP), Odette Carvalho de Lima Seabra, José Guilherme Cantor Magnani, José Carlos Sebe Bom Meihy e José Geraldo Vinci de Moraes, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP). Com duas orientações, referente a 1,6% da produção cada, aparecem Ademir Gebara, Antonio Carlos de Moraes e Nelson Carvalho Marcellino, da Faculdade de Educação Física (UNICAMP), Etienne Samain, do Instituto de Artes (UNICAMP), Francisco Carlos Teixeira e Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ), Heitor Frúgoli Jr., Stella Esther Ortweiler Tagnin e Vera da Silva Telles, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), José Sergio Leite Lopes, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (UFRJ), Lucia Maria Alves Ferreira, do Centro de Ciências Humanas (UNIRIO), Luiz Edmundo Bouças Coutinho, da Faculdade de Letras (UFRJ), Olga Rodrigues de Moraes von Simson, da Faculdade de Educação (UNICAMP) e

Waldenyr Caldas, da Escola de Comunicação e Arte (USP). Os outros 92 orientadores listados, que representam 76% da produção total, orientaram apenas um trabalho cada.

Ao comparar os dados levantados com aqueles obtidos por GIGLIO & SPAGGIARI (2010), podemos inferir que, entre 2010 e 2016, houve uma mudança significativa na distribuição dos orientadores de mestrado e doutorado. Na ocasião, apenas Heloisa Baldy e Henrique Toledo eram citados entre os docentes de universidades públicas. Os autores afirmavam que, embora a USP possuísse o maior número de trabalhos produzidos, nenhum professor dessa instituição aparecia entre os primeiros da lista. As contribuições recentes de Flavio de Campos, José Carlos Sebe e José Geraldo Vinci, alteram esse quadro, apontando para um crescimento gradual desses números.¹⁶²

ORIENTADORES	ORIENTAÇÕES
Heloisa Helena Baldy dos Reis	11
Victor Andrade de Melo	7
Flávio de Campos	5
José Carlos Marques	5
Ronaldo George Helal	5
Luiz Henrique de Toledo	4
João Batista Freire	3
José Carlos Sebe Bom Meihy	3
José Geraldo Vinci de Moraes	3
José Guilherme Cantor Magnani	3
Kátia Rubio	3

¹⁶² Ibidem, 2010. p.311-312.

Maria Beatriz Rocha Ferreira	3
Odette Carvalho de Lima Seabra	3
Pedro José Winterstein	3
Silvia Cristina Franco Amaral	3
Ademir Gebara	2
Antonio Carlos de Moraes	2
Etienne Samain	2
Francisco Carlos Teixeira	2
Heitor Frúgoli Jr.	2
José Sergio Leite Lopes	2
Lucia Maria Alves Ferreira	2
Luiz Edmundo Bouças Coutinho	2
Nelson Carvalho Marcellino	2
Olga Rodrigues de Moraes von Simson	2
Stella Esther Ortweiler Tagnin	2
Vera da Silva Telles	2
Waldenyr Caldas	2
Yvonne Maggie de Leers Costa Ribeiro	2
Adrian Gurza Lavalle	1
Adrián Pablo Fanjul	1
Amós Coelho da Silva	1
André Roberto Martin	1
Andréa Lopes da Costa Vieira	1
Anizildo Vasconcelos da Silva	1

Arnaldo Daraya Contier	1
Beatriz Jaguaribe	1
Beatriz Resente	1
Berta Waldman	1
Bruno Sciberras de Carvalho	1
Carlos Alberto Messeder Pereira	1
Carlos Fico	1
Carlos José Napolitano	1
Cláudio Bertolli Filho	1
Dênis de Moraes	1
Diana Pinto	1
Elaine Prodócimo	1
Eleonora Cavalcante Albano	1
Elonora Cavalcante Albano	1
Elson Luciano Silva Pires	1
Esmeralda Blanco	1
Ester Kosovski	1
Evani de Carvalho Viotti	1
Flávia Arlanch Martins de Oliveira	1
Flávia da Cunha Bastos	1
Francisco Galdêncio Torquato do Rego	1
Gabriel de Santis Feltran	1
Gaudêncio Frigotto	1
Gilberto Velho	1

Guillermo Francisco Giucci Schmidt	1
Helena Altmann	1
Heloísa Pezza Cintrão	1
Heloisa Rodrigues Fernandes	1
Hilário Franco Júnior	1
Hugo Rogelio Suppo	1
Isabel Aparecida Pinto Alvarez	1
Isaura Rocha Figueiredo Guimarães	1
Izidoro Blikstein	1
João Manuel Casquinha Malaia	1
Jocimar Daolio	1
José Luiz Proença	1
Juliano Maurício de Carvalho	1
Lamartine Pereira DaCosta	1
Liana Cardoso	1
Lino Castellani Filho	1
Luciano Victor Barros Maluly	1
Luiz de Castro Faria	1
Luiz Osório Cruz Portela	1
Madel Therezinha Luz	1
Manoel José Gomes Tubino	1
Manoel Tosta Berlinck	1
Marcelo Badaró Mattos	1
Marcelo Kischinhevsky	1

Marcelo Magalhães Bulhões	1
Marcos Silva	1
Maria Clementina Pereira Cunha	1
Maria Conceição Pinto de Góes	1
Maria do Socorro Nóbrega	1
Maria Elisa Cevasco	1
Maria Helena Oliva Augusto	1
Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti	1
Maria Ligia de Oliveira Barbosa	1
Maria Rosilene Barbosa Alvim	1
Maria Tereza Sales de Mello Suarez	1
Marieta de Moraes Ferreira	1
Mário de Souza Chagas	1
Martha Rosa Pisani Destro	1
Mauro de Souza Ventura	1
Mauro Wilton de Souza	1
Nei Jorge dos Santos Junior	1
Nicolau Sevcenko	1
Nízia Villaça	1
Nuno César Pereira de Abreu	1
Odilon Helou Fleury Curado	1
Paulo Roberto Gibaldi Vaz	1
Raquel Glezer	1
Raquel Paiva	1

Regina Maria Marteleto	1
Renato Pinto Ortiz	1
Rogel de Souza Samuel	1
Sérgio Miceli	1
Sérgio Stucchi	1
Simone Lahud Guedes	1
Suzy Lagazzi	1
Sydenham Lourenço Neto	1
Tânia Regina Luca	1
Ude Baldan	1
Valdemir Miotello	1
Valdir Jose Barbanti	1
Vanice Maria de Oliveira Sargentini	1
Wagner Pralon Mancuso	1

Gráfico – Distribuição de orientadores de mestrado e doutorado sobre futebol

2.4. Uma proposta para categorização temática das obras acadêmicas.

Enquanto objeto das ciências humanas, o futebol demonstrou um universo de temas e possibilidades de estudo que estão longe de se esgotar. O mapeamento da produção apresentou um panorama dos trabalhos de pós-graduação que fizeram uso do futebol em uma perspectiva acadêmica, ao passo que ao analisar esse conjunto, permitiu identificar grandes grupos temáticos, que utilizam o esporte como fonte, tratam dele de maneiras distintas.

Uma primeira análise do levantamento acadêmicos dividiu as dissertações e teses em quatro categorias temáticas, com objetivo de:

- a) caracterizar as obras, sem determinar ou limitar a amplitude do seu conteúdo;
- b) auxiliar na catalogação e recuperação de dados - compreendida como etapa fundamental na qualificação do levantamento bibliográfico;
- c) facilitar análises estatísticas e comparativas entre os trabalhos acadêmicos e as categorias.

O fato deste trabalho estar alicerçado em um modelo de catalogação não exclui as várias formas de organizar a produção acadêmica e as diferentes interpretações que podem ser feitas sobre cada tese ou dissertação. Sendo esse um modelo experimental de catalogação, optamos por não criar categorias híbridas e definimos a temática principal do trabalho como fator que determina sua classificação. Nossa proposta criar um sistema que otimize a leitura e as análises comparativas que possam ser feitas no futuro. Essa maneira de organizar os trabalhos acadêmicos pode servir de indicador para pesquisadores que queiram explorar áreas inéditas do conhecimento ou se aplicar no desenvolvimento conceitual de teorias e métodos de análise do futebol.

Primeiro Conjunto: História do Futebol

O primeiro conjunto trata da história do futebol, de suas instituições, competições e pessoas. Aqui, a trajetória do objeto de estudo é o tema principal e se destacam os fatos empíricos, a descrição de eventos, dados brutos. Neste grupo incluem-se os trabalhos que apresentam trajetórias temporais e espaciais do esporte, de maneira integral ou parcial, temática ou comparada. Fazem parte desse conjunto as obras que focam em estudos de caso, como as biografias, as análises de momentos históricos específicos, o estudo de competições e as relações com seus respectivos contextos. Alguns exemplos que se encaixam nessa categoria são as dissertações *Canal 100 – a trajetória de um cinejornal*, de Paulo Roberto de Azevedo Maia, *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)*, de Nei Jorge dos Santos Junior, *Futebol fora do eixo: uma história comparada entre o futebol de Porto Alegre e Salvador – 1889-1912*, de Ricardo Pinto dos Santos e *O jogo de bola em terras mineiras: uma comparação entre a institucionalização do futebol em Belo Horizonte e São João del-Rei (1904 - 1921)*, de Alex Witney Lima.

Segundo Conjunto: O Futebol como Significado

O segundo conjunto se refere as obras acadêmicas que estudam o desenvolvimento do futebol enquanto uma estrutura simbólica que passa por transformações através de sua história. Diferente do primeiro conjunto, o enfoque não se baseia em uma estrutura empírica ou descritiva, mas em uma análise dos elementos que circundam e modificam este objeto. Neste grupo estão os trabalhos que tratam da formação de representações e identidades através do futebol, aspectos socioculturais, as dimensões simbólicas do esporte, do desenvolvimento do estilo e da técnica e outros fundamentos que condicionam a prática esportiva. Alguns exemplos que se encaixam nesse grupo são *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*, de Leonardo Affonso de Miranda, *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*, de Luis Henrique de Toledo, *A Seleção Brasileira de Futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional*, de Eliazar João da Silva, *Pelé e o complexo de “vira-latas”: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*, de Ana

Paula da Silva e *Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol*, de Paulo Miranda Favero.

Terceiro Conjunto: Futebol, Teoria e Metodologia

O terceiro conjunto trata dos estudos que buscam desenvolver linhas teóricas e metodológicas a partir do futebol. Incluem-se os trabalhos que exploram o potencial e as formas de uso deste objeto nas diferentes áreas do conhecimento, desenvolvendo reflexões conceituais sobre sua natureza e apropriação como fonte de pesquisa. São exemplos os trabalhos voltados a produção de conhecimento sobre o futebol, balanços bibliográficos, desenvolvimento de métodos de análise em uma subárea de conhecimento e aplicações de métodos específicos para averiguação dos resultados no esporte. Obras acadêmicas que podem ser encaixadas nessas categorias são *A narração de futebol no Brasil um estudo fonoestilístico* e *Som e ação na narração de futebol do Brasil*, de Zaldo Antonio Barbosa Rocha Filho, *O livro como recurso didático no ensino do futebol*, Sergio Carnevale do Carmo e *Vocabulário do futebol na mídia impressa: o glossário da bola*, de João Machado de Queiroz.

Quarto Conjunto: Futebol como Referência

O quarto conjunto trata de obras que se apropriam do futebol de maneira referencial ou secundária, onde o uso deste objeto é meramente auxiliar, servindo para justificar ou ilustrar uma hipótese maior. Alguns trabalhos que se enquadram nessa categoria são *A história social do movimento olímpico brasileiro no início do século XX*, de Luis Rodrigues Lemos, *Política de esportes no Brasil*, de Eduardo Dias Manhães, *Comunicação e transgressão no esporte*, de José Maurício Capinussú, *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*, de Jorge arthur dos Santos, *A produção midiática do corpo esportivo*, de João Paulo Pimentel Alvarenga e *Teatro anarquista, futebol e propaganda: tensões e contradições no âmbito do lazer*, de Michelle Nascimento Cabral.

3. Considerações Finais: Apontamentos para os estudos acadêmicos sobre futebol no Brasil.

O trabalho de inventário e catalogação das obras acadêmicas abrange tacitamente o potencial do futebol como documento histórico, verificando o uso que é feito deste tipo de fonte primária nas diversas áreas das humanidades. O levantamento quantitativo permite mapear os núcleos de estudo – organizados ou independentes - e os pesquisadores interessados nesse tipo de documento, porém esse conjunto exige uma qualificação do seu conteúdo, que nasce a partir de todo material recolhido. Trata-se, neste caso, de compor uma teia onde os fios são as trajetórias dos produtores de conhecimentos e as intersecções são os pontos de contato e de propagação, ao mesmo tempo que aumentam a sustentação e segurança de toda uma estrutura.

Nosso escopo de análise incidiu sobre as obras de autoria nacional, que fizeram uso do futebol em uma perspectiva histórica. Foram tratadas como fontes primárias os trabalhos acadêmicos de universidades públicas, localizadas no Rio de Janeiro e São Paulo, que tenham sido aprovadas dentro de um programa de pós-graduação nas áreas das humanidades. Assim, consideradas de valor, recebendo preservação permanente para fins de referência e de pesquisa. As diferenças deste conjunto para os documentos encontrados em bibliotecas e museus universitários referem-se ao momento e ao modo pelo qual se originam, além do método pelo qual entraram em custódia permanente, hajam sido depositados ou recolhidos. Este recorte se fez necessário para viabilizar uma análise dos contextos de produção, ao mesmo tempo que permitiu apresentar problemas de natureza epistemológica associados ao futebol. A escassez de sistematização e balanço sobre a área de estudo demonstrou a necessidade de um estudo deste porte, visando compreender o “estado da arte” da produção científica que toma o futebol como seu objeto de análise.

Além disso, ao longo da dissertação procurou-se analisar a pesquisa acadêmica sobre o futebol, com objetivo de compreender a conformação deste campo de conhecimento e apresentar um panorama daquilo que foi escrito entre os anos 1970 e 2016. A partir do mapeamento e da sistematização das dissertações e teses, foi possível situar aquilo que foi produzido sobre futebol

nas ciências humanas, assim como identificar as preocupações dos pesquisadores e a abordagem aplicada sobre seus temas. O estudo serviu como uma oportunidade para compreender o campo de pesquisa sobre o futebol, através da análise das produção de trabalhos de pós graduação. Sob um viés qualitativo e quantitativo, a pesquisa mostrou o estado do conhecimento das dissertações e teses, os problemas, a diversidade e os avanços que vem sendo produzido sobre o futebol nas universidades públicas brasileiras.

Os objetivos desta dissertação mudaram consideravelmente desde sua idealização, em formato de projeto de pesquisa, até o resultado final, como uma monografia. Até certo momento, considerou-se que apenas um estudo da produção acadêmica sobre o futebol em todo território nacional daria a clareza quanto ao “estado da arte” sobre campo de conhecimento. O amadurecimento da pesquisa demonstrou que essa perspectiva poderia apresentar problemas relacionados aos contextos de produção e as temáticas relevantes de cada região. Desta maneira, optou-se por um recorte que desse conta dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, onde há uma riqueza de fontes, desde de aquelas produzidas em um momento anterior a conformação do campo de conhecimento acadêmico, até outras, feitas a posteriori.

Os dados apresentados vão contra a ideia de uma escassez de trabalhos acadêmicos sobre futebol. A partir dos anos 1990 a produção vem se desenvolvendo e cresce gradualmente. Porém, faltam estudos que tratem da produção de conhecimento sobre o futebol nas humanidades, um tipo de pesquisa essencial, que quando ausente inviabiliza comparações e a busca por outras interpretações sobre esse tema. Apesar dos artigos citados anteriormente, não encontramos balanços bibliográficos sobre futebol nas pesquisas de pós-graduação e esse pode ser um indicador do estado de maturidade do campo de conhecimento neste momento. O mapeamento e a organização dos estudos indicou que a pesquisa sobre o futebol vem crescendo de maneira constante nos últimos anos e não depende necessariamente de eventos e efemérides para ser desenvolvida.

Os estudos sobre o futebol nas ciências humanas possuem um caráter multi e interdisciplinar, sendo objeto de pesquisa em todas as áreas de

conhecimento nas humanidades. É importante ressaltar a necessidade de um maior diálogo entre as áreas, um intercâmbio de ideias entre os pesquisadores, e uma melhor divulgação das atividades dos grupos de pesquisa consolidados.

Traçamos como meta para este estudo criar um material de referências que que sirva de ponto de partida, mas também apresente propostas de novas investigações sobre o futebol na humanidades. Durante a pesquisa, identificamos lacunas que podem se tornar novas investigações sobre o futebol no Brasil. Desta maneira, apontamos alguns indicadores que podem ser analisados a partir de nosso levantamento e indicamos novos tópicos que podem ser explorados em futuras pesquisas.

O primeiro apontamento, citado anteriormente, toca na questão da proposta de categorização das dissertações e teses. Esse modelo necessita de um amadurecimento, uma vez que a produção acadêmica é heterogênea, interdisciplinar e muitas vezes um trabalho pode ter características transversais a mais de uma categoria. Desta maneira, um estudo ideal passa pela leitura de todos os trabalhos acadêmicos, uma análise detalhada de seus temas, métodos e objetos para, em seguida, aplicar uma ou mais categorias. As próprias categorias merecem uma maior atenção, pois foram criadas a partir de uma análise superficial das dissertações e teses.

Outro estudo possível visa comparar e ampliar a nossa abordagem, com o acréscimo de um mapeamento da produção de artigos científicos. Da mesma maneira, mapear os livros sobre futebol feitos com base em uma metodologia de pesquisa acadêmica, mas que são produzidos fora das universidades. É possível inferir que muito do conhecimento sobre futebol é feito por pesquisadores independentes, que não possuem vínculo direto com o meio acadêmico.

Outra proposta de investigação visa a produção de conhecimento sobre futebol em cada região do Brasil, comparando com o futebol praticado nestes locais. Tal proposta tem a intenção de verificar se realmente há uma ligação direta entre esses dois indicadores, ou se é apenas uma coincidência haver mais trabalhos em regiões onde o futebol adquiriu mais destaque e popularidade através de sua história. Além disso, seria importante mapear os

pesquisadores dessas regiões e verificar os temas de suas pesquisas, investigando quais as motivações para estudar o futebol e seus contextos.

A última proposta visa verificar a produção de conhecimento sobre o futebol brasileiro feita por estrangeiros. Analisando qual o tipo de abordagem é aplicada a esse objeto quando visto de fora. Considera-se importante observar se a produção de conhecimento sobre o futebol em outros países segue os mesmos padrões que a brasileira, buscando compreender os métodos aplicados e as principais teorias utilizadas para analisar o futebol.

Reconhecemos, a partir dos apontamento, algumas limitações de ordem pessoal e do processo de produção de conhecimento nesta dissertação,. Quanto ao levantamento das fontes, encontramos falhas nos bancos de dissertações e teses e nas bases e nas bases da bibliotecas universitárias. Por vezes, os registros dos trabalhos de pós-graduação apresentavam informações divergentes das obras, ou careciam de informações completas, seja por erro ou omissão durante o preenchimento dos dados. Para minimizar os possíveis erros, foi necessário acessar base de dados de outras instituições, como o catálogo de teses e dissertações da CAPES, porém esse sistema possui apenas os trabalhos concluídos a partir do anos de 2012.¹⁶³ Outra limitação que deve ser citada é de ordem tecnológica, alguns dos sistemas online de bibliotecas são instáveis, apresentam lentidão e quedas constantes, sendo necessário acessar o mesmo registro diversas vezes para conseguir visualizar suas informações. A utilização quase que exclusiva de bases online pode ter resultado na exclusão de algumas obras acadêmicas que, por ocasião, não estão catalogadas no sistema, ou por questões de estado de conservação ou raridade, foram deslocadas para bases específicas e dedicadas a esses tipos de obras.

A falta de estudos historiográficos que tratam da produção de conhecimento sobre o futebol nos programas de pós-graduação nas ciências humanas limitam o debate bibliográfico e a comparação com outras maneiras de abordar esse mesmo objeto. Esse tipo de estudo, presente em maior número em outras áreas de conhecimento, fomentam um debate muito rico e

¹⁶³ Catálogo de teses e dissertações da Capes. Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>>. Acesso em 01 de março de 2019.

permitem a contraposição de ideias, a comparação de dados, a diversificação de abordagens e apresentação de novas descobertas.

A necessidade de estabelecer um recorte temporal, encerrado em 2016, exclui um montante de novas pesquisas que surgem entre as Copas do Mundo de 2014 e 2018, momento importante para história do futebol no Brasil, com a realização de um megaevento em território nacional. Considera-se necessário verificar se houve um aquecimento da produção acadêmica sobre o tema nas universidades públicas neste período e quais as características dessa produção.

Analisar apenas as dissertações e teses exclui uma parcela relevante do conhecimento produzido em artigos científicos, ensaios, painéis, mesas de debate, dentre outros. Assim como, analisar apenas as universidades públicas exclui os estudos produzidos em outros centros de excelência, como as universidades privadas, os grupos de estudo independentes, etc. Essa abordagem, apesar de necessária, limita a análise e deixa lacunas abertas para estudos futuros.

A necessidade do cumprimento de outras atividades no decorrer da pesquisa resultou na opção de uma leitura parcial de parte dos trabalhos de pós-graduação levantados. Essa abordagem limita uma análise aprofundada sobre as obras acadêmicas e sobre as diferentes áreas de conhecimento onde estão inseridas.

A partir do amadurecimento desta pesquisa, concluímos que a produção de conhecimento é orgânica e contínua. Considera-se a melhor maneira de acessar seus resultados, além da documentação levantada, através de uma base de dados informatizada, que detenha uma ferramenta de busca e que permita atualizações permanentes. Ao passo que o estudo resultou em um sistema preliminar de catalogação das obras acadêmicas, será necessário encontrar pessoas que detenham o conhecimento técnico para desenvolver esse sistema.

Por fim, essa pesquisa não é vista como um fim em si mesma. Ela é um ponto de partida para um trabalho contínuo de levantamento e análise da produção acadêmica sobre futebol. Uma parcela da contribuição que deve se expandir no futuro, em outro formato e com o auxílio de mais pesquisadores.

4. Referências Bibliográficas

Livros

- ANTUNES, F. Com brasileiro não há quem possa!. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- BAGGIO, L. F. Enciclopédia das Copas do Mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.
- BOURDIEU, P. O senso prático. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- BOURDIEU, P. Por uma ciência das obras. In: Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas-SP: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. Razões práticas: Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus, 2011.
- CALDAS, W. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMPOS, F.; ALFONSI, D. Futebol: Objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.
- CASTRO, R. O anjo pornográfico. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DAMATTA, R. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.
- DUNNING, E.; ELIAS, N. Sociologia do Esporte e os Processos Civilizatórios. São Paulo: Annablume, 2013.
- FARIAS, A. Uma história das Copas do Mundo: Futebol e Sociedade. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014.
- FERNANDES, M. C. L. O. Futebol – fenômeno linguístico, Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.
- FRANCO JUNIOR, H. A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade e Cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREYRE, G. Sobrados e Mocambos. Rio de Janeiro: Global, 2003.
- GAMBETA, W. Primeiros passes: documentos para a história do futebol em São Paulo (1897-1918). São Paulo: Edições Ludens, 2014.

GEFUT. Levantamento da produção acadêmica acerca do futebol nas ciências humanas e sociais de 1980 a 2007. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009.

GIULIANOTTI, R. Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2014.

GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil: Uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

HELAL, R. Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

HELAL, R. et. al. A invenção do país do futebol: Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOLLANDA, B. B. O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

HOLLANDA, B. B. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004.

HOLLANDA, B. B.; MELO, V. A. O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LEVER, J. A Loucura do Futebol. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

LOUREIRO, M. R. Conversas com sociólogos brasileiros: Retórica e Teoria na história do pensamento sociológico do Brasil. São Paulo: Editora 34, 2006.

MARTINS, A. L. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1992). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008.

MEIHY, J. C. B; WITTER, J. S. Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial, 1982.

MURRAY, B. Uma história do Futebol. São Paulo: Hedra, 2000.

MUYLAERTE, R. Barbosa - Um gol silencia o Brasil. São Paulo: Editora Bússola, 2010.

PAES, M. L. Arquivo: Teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.

RIBEIRO, A. Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES FILHO, M. Histórias do Flamengo. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.

RODRIGUES FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

RODRIGUES, J. C. Ensaios em Antropologia do Poder. Rio de Janeiro: Terra e Nova, 1992.

RODRIGUES, N. À sombra das chuteiras imortais. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSENFELD, A. Negro, macumba e futebol. São Paulo, Perspectiva, 1993.

SANDER, R. Sul-Americano de 1919: Quando o Brasil descobriu o futebol. Rio de Janeiro: Maquinária, 2009.

SANTOS, R. P. Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SILVA, R. F. História da historiografia: capítulos para uma história das histórias da historiografia. São Paulo: EDUSC, 2001.

TOLEDO, L. H. Lógicas no futebol. São Paulo: HUCITEC, 2002.

Artigos

BARRETO, T. V. Gilberto Freyre: o futebol-arte. Revista USP, São Paulo, n.62, p.233-238, jun/ago. 2004.

BOURDIEU, Pierre. Elogio da sociologia: discurso de aceitação da medalha de ouro do CNRS. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.28, n.83, p. 25-31, out. 2013.

BRUNI, José C. Apresentação. Revista USP. São Paulo, n.22, p.6-9. 1994.

CALDAS, W. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. Revista USP. São Paulo, n.22, p.40-49. 1994.

CALDAS, W. O futebol no país do futebol. Lua Nova. São Paulo, v.3, n.10, p.24-30, out./dez. 1986.

- CALDAS, W. Os cartolas são inevitáveis? Entrevista de Walter Casagrande a Waldenyr Caldas. *Lua Nova*. São Paulo, v. 3, n. 10, p.20-23, out./dez. 1986.
- CAPRARO, A. M. Mario Filho e a “Invenção” do Jornalismo Esportivo Profissional. *Movimento*, Porto Alegre, v.17, n.02, p.213-224, abr/jun. 2011.
- CAPRARO, A. M. O futebol na obra de um ensaísta: Gilberto Freyre e o Ideal da integração racial. *Revista da Educação Física/UEM*. Maringá. v.22, n.1, p.139-149. 2011.
- COCK, J. C. A. et al. Operando com conceitos de Bourdieu. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.44, p.1-19, out. 2018.
- COSTA, F. A bola na ponta da caneta. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, p. 84-91, 1994.
- COSTA, F. R.; ALVES, F. P.; RIBEIRO, L. P. O Espírito Santo no cenário do futebol brasileiro: 1980 a 2009. *Pensar a Prática*. Goiânia, v.14, n.1, p.1-9, jan/abr. 2011.
- COSTA, L. M. As pegadas douradas do sensacionalismo no esporte: Mário Filho e a cobertura da Copa de 1930 por *Crítica*. *FuLiA/UFMG*, Minas Gerais, v.2, n.3, p.60-75, set/dez. 2017.
- COUTO, C. P. P. Encontros com a Civilização Brasileira (1978-1982): resistência cultural e prenúncio de uma nostalgia. *Revista Dimensões*, Rio Grande do Sul, v.29, p.351-373. 2012.
- DAMATTA, R. Antropologia do óbvio. *Revista USP*. São Paulo, n. 22, p. 10-17. 1994.
- DAMATTA, R. Brasil: futebol tetracampeão do mundo. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 7-12. 1995.
- DAMATTA, R. Futebol: Ópio do Povo x Drama de Justiça Social. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, v.1, n.4, p.54-60. 1982.
- DAMATTA, R. Recordações de como me deparei e tentei compreender o espaço por meio de uma sociologia. São Paulo. *Tempo Social*, v.25, n.2, p.35-48. 2013.
- FREYRE, G. Foot-ball Mulato. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 17 de julho.1938. s/p

GARCIA, S. G. Folclore e sociologia em Florestan Fernandes. *Tempo Social*. São Paulo, n.13, p.143-167, nov. 2001.

GIGLIO, S. S., SPAGGIARI, E. A produção das Ciências Humanas sobre futebol: Um panorama (1990-2009). *Revista de História*, São Paulo, n.163, p.293-350. 2010.

GUEDES, Simoni L. O salvador da pátria: considerações em torno da imagem do jogador Romário na Copa do Mundo de 1994. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, n. 1, p. 23-41. 1995.

HAAG, F. R. Mario Filho e O negro no futebol brasileiro: uma análise histórica sobre a produção do livro. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, ano 9, n.23, p.1-23, mar, 2014.

HELAL, R. Comunicação e Nação: a trajetória do campo acadêmico. *Revista Comunicação*, São Paulo, Mídia e Consumo, v.8, n.21, p.11-37, mar. 2011.

JÚNIOR, W. M; SOUZA, J. Por uma reconstrução teórica do futebol a partir do referencial sociológico de Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, n.2, p.221-232, abr./jun. 2014.

KLINTOWITZ, J. A implantação de um modelo alienígena exótico e outras questões pertinentes: a Seleção Brasileira de Futebol – 1978. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n.5, p.113-118, nov. 1978.

MENESES, U. T. B. A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na Espanha: sugestões para um estudo histórico. *Revista Tempo*. Rio de Janeiro, n.14, p.131-151, jan/jun, 2002.

MENESES, U. T. B. A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, v. 34, p. 9-24. 1992.

MENESES, U. T. B. A problemática do imaginário urbano: reflexões para um tempo de globalização. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*. São Paulo, v.55, p.11-20, jan/dez. 1997.

MONTAGNER, M. A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, n.17, p.240-264, jan/jun. 2007.

MURAD, M. Considerações possíveis de uma resposta necessária. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 24, p.431-446. 1999b.

MURAD, M. Futebol e violência no Brasil. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n.3, p.89-103. 1996.

MURAD, M. Núcleo de Sociologia do Futebol – UERJ. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.1, n.23, p.207-208. 1999a.

MURAD, M. Saldanha, uma saudade. Pesquisa de Campo. Rio de Janeiro, n.0, p. 7-25. 1994.

RIBEIRO, L. C. História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes. EFDeportes Revista Digital. Buenos Aires, ano 15, n.149, out. 2010.

ROSA, M. M. O papel da magia no futebol. Sociologia, São Paulo, v.6, n.4, p.295-304. 1944.

ROSA, M. M. O papel da magia no futebol. Sociologia, São Paulo, vol. 6, n. 4, 1944.

SALVINI, L; FERREIRA, A. L. P.; MARCHI JÚNIOR, W.. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990-2010). Pensar a Prática, Goiânia, v.17, n.4, p.1-14, out. 2014.

SANTOS, J. R. Na CBD até o papagaio bate continência. Encontros com a Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, n.5, p.119-129, nov. 1978.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. Revista USP, São Paulo, n.22, p.30-37. 1994.

TOLEDO, L. H. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. São Paulo, n.52, p.133-165. 2001.

Dissertações e Teses

AGUILERA TORO, C. O espectador como espetáculo: notícias das Torcidas Organizadas na Folha de S. Paulo (1970-2004). 2004. 150 f. Dissertação

(Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ALFREDO, J. C. Futebol futeboleres: uma representação do esporte na literatura brasileira nas décadas de 1910 e 1920. 1996. 88 f. Dissertação (Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ALMEIDA, A. T. S. O regime militar em festa: a comemoração do sesquicentenário da independência brasileira (1972). 301 f. 2009. Tese (História) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ALMEIDA, P. A. C. Esportes e lazer como instrumentos políticos da “Era Vargas” e governo Lula: aproximações e particularidades. 199 f. 2013. Tese (Políticas Públicas) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2013.

ALMEIDA, R. G. M. Análise da descontinuidade do patrocínio esportivo em clubes de futebol no Brasil. 2009. 144 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ALMEIDA, R. S. De copa a copa: memórias do estádio de futebol do Maracanã. 2014. 284 f. Dissertação (História) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ALMEIDA, R. S. Imprensa e futebol feminino no Brasil: a memória discursiva em campo. 2009. 116 f. Dissertação (História) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ALVARENGA, J. P. P. A produção midiática do corpo esportivo. 95 f. 2004. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

ALVES, U. S. Imigrantes bolivianos em São Paulo: a Praça Kantuta e o futebol. 2011. 180 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

AMARAL, G. G. O estádio contemporâneo: uma arquitetura regeneradora de seu tecido urbano. 2013. 198 f. Dissertação (Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

AMORIM, J. G. B. O valor da marca de patrocinadores de clubes de futebol: um estudo exploratório na perspectiva do fã. 278 f. 2013. Dissertação (Marketing) - Instituto COPPEAD de Administração, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

AMPARO, L. P. Representações sociais do futebol entre atletas das categorias de base. 111 f. 2012. Tese (Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ANDRADE, A. G. R. Sobre a disciplina no Futebol brasileiro: uma abordagem pela Justiça Desportiva brasileira. 134 f. 2006. Dissertação (Antropologia) Departamento de Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2006.

ANDRADE, A. G. S. Estádios de futebol: das arenas aos circos. 2007. 239 f. Tese (Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ANGELO, L. F. Gestão de carreira esportiva: uma história a ser contada no futebol. 2014. 147 f. Tese (Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ANJOS, E. A. A dupla face da bola: as estratégias de comunicação do Portal da Copa 2014 e o site De olho no cofre do portal UOL. 2013. 167 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2013.

ANTUNES, F. M. R. F. Com brasileiro, não há quem possa: crônicas de futebol e identidade nacional. 1999. 250 f. Tese (Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

ANTUNES, F. M. R. F. Futebol de fábrica em São Paulo. 1992. 225 f. Dissertação (Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

ANTUNES, L. P. Do campo de batalha ao campo de futebol: futebol e nacionalismo no pós-divisão (1947-1990) e no pós-reunificação (1990 – 2014) da República Federal da Alemanha. 186 f. 2016. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ARAGÃO, C. O. M. Torcendo as torcidas: cartografias e representações sociais de torcedores no Rio de Janeiro. 200 f. 2013. Tese (Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ARAUJO, J. R. C. Imigração e futebol: o caso Palestra Itália. 1996. 185 f. Dissertação (Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

ARAUJO, M. D. A. Profissionalismo e transformação institucional na administração do futebol brasileiro. 141 f. 2012. Dissertação (Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

ARAÚJO, R. B. Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão. 90 f. 1980. Dissertação (Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

ARROYO, G. A repercussão midiática das mensagens na camisa do Corinthians nos sites esportivos Lance Net, Globo Esporte e ESPN. 2014. 173 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014.

BANDEIRA, T. B. Esporte competitivo: contribuições psicanalíticas e suas implicações para uma compreensão da angústia. 2012. 122 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

BARADÃO, J. C. A Copa FIFA 2014 para além da política esportiva: estudo do dissenso entre os interesses da 'cidade empresarial' e os dos cidadãos, através da análise da ação dos movimentos sociais. 2014. 294 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

BARROS, J. A. F. Estrutura organizacional e das tomadas de decisão em clubes socioesportivos de São Paulo. 2016. 148 f. Dissertação (Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BASTOS, A. S. Os megaeventos esportivos na revista Piauí. 2016. 138 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

BELAN, B. B. A cobertura da mídia impressa na Copa das Confederações 2013 e Copa do Mundo 2014: a liberdade de expressão nas manifestações sociais. 2016. 136 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2016.

BELMAR, T. H. Grupos de interesse e o processo de modernização do futebol brasileiro: da redemocratização ao Bom Senso Futebol Clube. 2015. 145 f. Dissertação (Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BISCARDI, C. H. G. O campo político do futebol brasileiro: tensões, imaginários e contradições. 150 f. 2010. Dissertação (Ciência Política) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BOMBONATO, P. G. O. Carnavalização e linguagem: o futebol como dramatização da sociedade brasileira. 2013. 90 f. Dissertação (Letras) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

BOTELHO, A. R. M. Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894-1919). 101 f. 2005. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BRAGA, H. P. A doce recordação do que eu não vivi: a construção da identidade nacional no futebol (1938-1950). 2015. 184 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

BRINATI, F. A. Maracanazo e Mineirätzen: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. 260 f. 2015. Tese (Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015.

BRITO, J. G. M. Copa pra quem?: estado de exceção e resistências em torno da Copa do Mundo FIFA 2014. 2015. 164 f. Dissertação (Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BRONDANI, R. F. Glória e tragédia: a dualidade da prestação de contas do Sport Club Corinthians Paulista em seus relatórios de sustentabilidade. 2015. 105 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015.

BRUHNS, H. T. Futebol, carnaval e capoeira: a transição entre os grupos sociais. 1998. 154 f. Tese (Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BUSSO, G. L. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização. 2009. 151 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

CABO, A. V. G. T. P. Imagens nacionais: representações do campeonato mundial de 1978 em veículos do Brasil e Argentina. 234 f. 2016. Tese (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CABRAL, M. N. Teatro anarquista, futebol e propaganda: tensões e contradições no âmbito do lazer. 127 f. 2008. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CACHENSKI, B. J. M. Agressão no futebol. 1986. Dissertação (Psicologia) - Instituto Superior de Estudos e Pesquisas Psicossociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1986.

CAMPOS, P. A. F. As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma. 2016. 313 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

CANALE, V. S. Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: diversidades e normativas do torcer. 2012. 120 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CARMO, S. C. O livro como recurso didático no ensino do futebol. 1999. 173 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

CARRARA, C. C. As copas do mundo de futebol de 1934 e 1938 por meio dos jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. 2014. 168 f. Dissertação (História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2014.

CARVALHO, B. T. Tudo nos une, nada nos separa, exceto o futebol: um olhar sobre as relações exteriores entre Brasil e Argentina (1978-2002). 182 f. 2012. Dissertação (Política Internacional) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.

CASTELLANI, R. M. Em jogo a relação entre pesquisador e clube: futebol e processos grupais. 2010. 138 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CHAGAS, L. S. Brasil: modelo 70 - futebol e política no discurso da revista Veja em 1970. 2010. 293 f. Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CHAIM, A. R. M. A bola e o chumbo: futebol e política nos anos de chumbo da ditadura militar brasileira. 2014. 163 f. Dissertação (Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CHIQUELTO, R. V. A cidade do futebol. Etnografia sobre a prática futebolística na metrópole manauara. 2014. 209 f. Dissertação (Antropologia) - Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CINTRA SOBRINHO, D. Alma do espetáculo ou público pagante?: uma análise culturológica sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa. 2005. 234 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2005.

CORAÇÃO, C. R. Repórter-cronista: jornalismo e literatura na interface de João Antônio com Lima Barreto. 2009. 191 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2009.

COSTA, L. M. A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo. 159 f. 2008. Tese (Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, M. S. D. Nações em jogo: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955). 130 f. 2007. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

COUTO, A. A. G. A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

CRUZ, A. H. O. A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros. 114 f. 2005. Dissertação (Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CRUZ, A. H. O. A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma copa do mundo. 228 f. 2010. Tese (Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DALCASTAGNE, G. A produção de dissertações em Educação Física no estado de Santa Catarina: concepções de iniciação esportiva e saúde e sua

inter-relação. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau, Blumenau. 2012.

DANTAS, M. M. Futebol de base e produção de subjetividade: o psicólogo do esporte e a construção do atleta contemporâneo. 109 f. 2011. Dissertação (Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.

DARN, T. Reflexões sobre o território do futebol e a Copa do Mundo FIFA 2014 no Brasil. 2011. 200 f. Tese (Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2011.

DURO, A. B. C. G. Decisões feitas com base na emoção: um estudo sobre como a paixão por futebol pode influenciar a tomada de decisão, mesmo em situações que não envolvam o esporte. 64 f. 2011. Tese (Administração) - Instituto COPPEAD de Administração. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ELMOR, M. G. Masculinidade em jogo. 2002. 102 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

EMRICH, V. Trabalho, greves e futebol: luta, identidade e sociabilidade na formação da classe trabalhadora friburguense (1911-1933). 153 f. 2007. Dissertação (História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2007.

ESCHER, T. A. Futebol (tel)espetaculo como lazer : um exame sobre as manifestações do futebol brasileiro. 2007. 115 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

EZABELLA, F. L. O agente FIFA à luz do direito civil brasileiro. 2009. 148 f. Tese (Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FASSHEBER, J. R. M. Etno Desporto indígena: contribuições da antropologia social a partir da experiência entre os Kaingang. 2006. 172 f. Tese (Educação

Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FAVERO, P. M. Os donos do campo e os donos da bola: alguns aspectos da globalização do futebol. 2010. 118 f. Dissertação (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERNANDES, A. L. R. Futebol, Cultura e Utopia: uma leitura de À procura de Eric, de Ken Loach. 2016. 156 f. Dissertação (Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

FERREIRA, L. C. Um personagem chamado Lima Barreto. 147 f. 2007. Dissertação (Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

FILHO, Z. A. B. R. A narração de futebol no Brasil um estudo fonostilístico. 1989. 122 f. Dissertação (Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

FONSECA, O. J. A. Pelé, o gol contra: um discurso de poder. 1988. 168 f. Tese (Sociologia) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

FRANCISCHINI, S. L. M. Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979). 2005. 144 f. Dissertação (Antropologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

FRANZINI, F. À sombra das palmeiras. A coleção Documentos Brasileiros e as transformações da historiografia nacional (1936-1959). São Paulo. 2006. 220 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006

FRANZINI, F. As Raízes do País do Futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira. 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

GAMA, W. Aspectos socioculturais do futebolista: o caso do Estado de São Paulo. 1996. 150 f. Tese (Sociologia) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GAMA, W. Características sociais do jogador de futebol profissional da primeira divisão do estado de São Paulo. 1990. 70 f. Dissertação (Educação Física e Esporte) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

GAMBETA, W. R. A bola rolou: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol (1895/1916). 2013. 408 f. Tese (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GARCIA, P. L. O jogo dos possíveis: acaso, narrativa e identidade no futebol. 95 f. 2013. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GASTALDO, E. L. A nação e o anúncio: a representação do "brasileiro" na publicidade da copa do mundo. 2000. 354 f. Tese (Multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

GIACOMELLO, S. L. Sintonizando emoções: o futebol e o rádio: uma viagem nas ondas da mídia radiofônica. 2008. 89 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

GIANOLI, M. G. M. Torcedor de futebol e o espetáculo da arquibancada: características da participação de torcedores brasileiros em jogos de futebol. 1996. 206 f. Dissertação (Sociologia) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

GIGLIO, S. S. COI x FIFA: a história política do futebol nos jogos olímpicos. 2013. 518 f. Tese (Pedagogia do Movimento Humano) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GIGLIO, S. S. Futebol: mitos, ídolos e heróis. 2007. 142 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GOMES, E. S. O futebol vira profissão: tensões e efeitos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). 147 f. 2016. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

GONÇALVES, G. R. A crise da cidade em jogo: o futebol na contramão em ruas da Penha. 2011. 170 f. Dissertação (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

GONÇALVES, G. R. A produção espetacular do espaço: as cidades como cenário da Copa do Mundo de 2014. 2015. 577 f. Tese (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

GROSS, M. V. O. B. Direito desportivo: aspectos civis do clube como empresa e dos direitos da personalidade dos atletas. 2006. 131 f. Dissertação (Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

GUEDES, S. L. O futebol brasileiro: instituição zero. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). 1977, 179 f. Museu Nacional/PPGAS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

GUERRA, M. O. Rádio X TV: o jogo na narração, a imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 246 f. 2006. Tese (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GUERRA, M. O. Você, ouvinte, é a nossa meta: a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. 74 f. 2000. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

HIRATA, D. V. O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo. 2005. 155 f. Dissertação (Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

HOLLANDA, B. B. B. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. 2003. 218 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

HRYNIEWICZ, R. R. Torcida de futebol: adesão, alienação e violência. 2008. 167 f. Dissertação (Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

IORIO, F. M. Rastros do cotidiano: futebol em versiprosa de Carlos Drummond de Andrade. 342 f. 2006. Tese (Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

JESUS, G. M. A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul. 2001. 268 f. Tese (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

JUNIOR GONÇALVES, R. D. Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole. 2008. 146 f. Dissertação (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

JÚNIOR, O. M. S. Futebol como projeto profissional de mulheres: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 314 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

KISCHINHEVSKY, M. Mídia, futebol e identidade: do lábaro que ostentas estrelado. 225 f. 2004. Tese (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

KNIJNIK, J. D. Femininos e masculinos no futebol brasileiro. 2006. 475 f. Tese (Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LEITÃO, R. A. A. O jogo de futebol: investigação de sua estrutura, de seus modelos e da inteligência de jogo, do ponto de vista da complexidade. 2009. 230 f. Tese (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LE MOS, D. L. R. A história social do movimento olímpico brasileiro no início do século XX. 2008. 88 f. Dissertação (Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, A. W. O jogo de bola em terras mineiras: uma comparação entre a institucionalização do futebol em Belo Horizonte e São João del-Rei (1904 – 1921). 126 f. 2014. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

LIMA, N. Dizendo no pé: performances de brasilidade: Carmen Miranda e Pelé. 144 f. 2001. Tese (Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LIRA NETO, J. F. Futebol, ideologia e educação = uma abordagem historico-critica. 2009. 129 f. Dissertação (Educação) – Faculdade de Educação Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LISBOA, F. A. Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira. 134 f. 2016. Dissertação (Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016.

LOPES, F. T. P. Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 590 f. Tese (Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

LOURENÇO, M. A. D. Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933). 2013. 118 f. Dissertação (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LUCENA, R. F. O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro. 2000. 140 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

MACHADO, M. A. O êxtase no futebol: a comunicação ritual e suas experiências sensoriais. 2005. 289 f. Tese (Multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MACHADO, T. R. A medicalização no futebol brasileiro: discursos, saberes e práticas (1950-1966). 2014. 296 f. Dissertação (História) - Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MADRID, R. L. Descrição de aspectos linguísticos em uma narração de futebol transmitida por rádio. 2016. 147 f. Dissertação (Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

MADUREIRA, P. S. J. Panorama da narração radiofônica de futebol na Região Metropolitana do Rio de Janeiro no início do século XXI. 131 f. 2016. Dissertação (Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2016.

MAIA, P. R. A. Canal 100: a trajetória de um cinejornal. 2006. 142 f. Dissertação (Multimeios) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MANHÃES, E. D. Política de esportes no Brasil. 1985. 143 f. Dissertação (Políticas Públicas) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.

MARQUES, D. S. P. Administração de clubes de futebol profissional: proposta de um modelo específico de governança para o setor. 2014. 147 f. Tese (Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

MARQUES, J. C. O futebol ao rés-do-chão: a coluna e a crônica em tempos de Copa do Mundo. 2003. 279 f. Tese (Comunicação) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

MARTINS, M. Z. Democracia Corinthiana: sentidos e significados da participação dos jogadores. 2012. 202 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

MATOS, G. C. G. Práticas socioculturais, poder e diferenciação em Bico, Cuimucu e Canela-Fina - comunidades amazônicas. 2008. 280 f. Tese (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MATTOS, B. J. A abordagem centrada na pessoa e a psicologia do esporte: vivência de um psicólogo com jogadores e a comissão técnica de uma equipe durante os períodos de preparação e disputa da Copa São Paulo de Futebol Júnior. 2010. 146 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MATTOS, C. Quatro ases e um curinga: Uma mitologia carioca no futebol. 104 f. 1996. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

MATUDA, S. A fraseologia do futebol: um estudo bilíngue português-inglês direcionado pelo corpus. 2011. 335 f. Dissertação (Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MATUDA, S. Futebóis: uma análise do texto léxico do futebol em português brasileiro e inglês britânico sob a perspectiva da linguística de Corpus. 2015. 332 f. Tese (Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MEGID, C. M. Eleições Presidências e Copa do Mundo: os processos de identificação nacional no discurso jornalístico brasileiro. 2008. 145 f. Tese (Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

MELLO, F. F. Futebol e cultura de massa em “Maracanã, adeus: onze contos de futebol”: sociedade brasileira pós-64. 76 f. 2014. Dissertação (Letras) – Instituto de Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2014.

MENEZES, I. T. Entre a fúria e a loucura: análise de duas formas de torcer pelo Botafogo de Futebol e Regatas. 2010. 161 f. Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MIGUEL, R. S. A escola recebe a Copa do Mundo no Brasil. 2015. 177 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MILLIET FILHO, R. Cenários e personagens de uma arte popular: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil. 2009. 443 f. Tese (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MOSTARO, F. F. R. Futebol, Identidade Nacional e Construções Midiáticas: o futebol-arte na imprensa nacional quando vence e quando perde. 187 f. 2014. Dissertação (Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2014.

MOURA, E. J. L. As relações entre lazer, futebol e gênero. 2003. 125 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURA, G. A. O Rio corre para o Maracanã: um estudo sobre o futebol e a identidade nacional. 1998. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

MOURA, R. C. B. Se vencer o Palestra, vence a "bella" e "legendária" pátria italiana: uma história comparada dos Palestras Itália de São Paulo e de Belo Horizonte (1914- 1933). 213 f. 2016. Tese (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MOURA, R. O negro e o futebol brasileiro. 124 f. 1979. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

MOURÃO, E. L. Porque a nossa é uma torcida diferente: uma etnografia do Movimento Popular Loucos pelo Botafogo. 187 f. 2012. Dissertação (Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

NAKATA, L. E. A transição de carreira do ex-atleta de alto rendimento. 2014. 227 f. Tese (Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NEGREIROS, P. L. A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40. 1998. 341 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1998.

OITICICA, R. B. R. Nelson Rodrigues: o bobo da corte de Médici. 1988. Dissertação (Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

OLIVEIRA, F. C. Jornal 'Coração', o porta-voz da torcida corintiana: uma aventura na imprensa esportiva paulista (1976/1977). 2014. 297 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014.

PADEIRO, C. H. S. O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro. 2016. 127 f. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PALMIÉRI, J. C. J. Quanto vale um talento? Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo. 2009. 145 f. Dissertação (Antropologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

PARDINI, M. N. M. A narrativa da ordem e a voz da multidão: o futebol na imprensa durante o Estado Novo (1937-1945). 2010. 236 f. Dissertação (História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PECENIN, M. F. Discurso e do sobre o futebol brasileiro: o poder midiático na regulação das identidades. 2007. 186 f. Dissertação (Letras) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

PENARIOL, J. C. Copa do mundo de futebol de 1950: critérios de noticiabilidade e análise de conteúdo da cobertura realizada pelo jornalismo de revista brasileiro. 2015. 190 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015.

PEREIRA, C. A. A. Guerreiros não abandonam a batalha: publicidade e identidade do herói nacional no Mundial de Futebol de 2010. 156 f. 2012. Dissertação (Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.

PEREIRA, L. A. M. Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. p.173 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. 1998.

PESSOA, F. M. L. Humor, futebol, política e sociedade nas charges do Jornal dos Sports: um estudo comparativo entre as obras de Lorenzo Molas (1944-1947) e Henfil (1968-1973). 195 f. 2013. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

PIEPER, M. A. O retorno do herói - Ronaldo fenômeno no cerne da constituição mítica e do comportamento midiático. 2010. 163 f. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

POSTIGO, E. L. G. A bola da vez: gestão e resistência no cotidiano de uma favela carioca em contexto de pacificação. 2014. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Dissertação (Antropologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

PROENÇA, I. C. A literatura no futebol, atalho para o real ou: “brinco nas onze, né moço?”. 1979. Tese (Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

PRONI, M. W. Esporte espetáculo e futebol-empresa. 1998. 270 f. Tese (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

QUEIROZ, J. M. Vocabulário do futebol na mídia impressa: o glossário da bola. 2005. 4 v. Tese (Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005.

REIS, H. H. B. Futebol e sociedade: as manifestações da torcida. 2001. 134 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

RIBEIRO, S. D. N. Crenças e representações nos ritos de iniciação ao futebol: um estudo psicossocial. 2005. 196 f. Dissertação (Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

RIGO, L. C. Memórias de um futebol de fronteira. 2001. 245 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

ROCHA FILHO, Z. A. B. A narração de futebol no Brasil: um estudo fonoestilístico. 1989. 122 f. Dissertação (Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

ROCHA FILHO, Z. A. B. Som e ação na narração de futebol do Brasil. 1997. 275 f. Tese (Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

ROCHA, M. F. N. Em busca do feitiço perdido: a revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984). 2013. 225 f. Dissertação (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

RUSSO, M. E. A voz do torcedor e do hinja na narração de gol no futebol do Brasil e da Argentina. 2013. 143 f. Dissertação (Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SACARDO, M. S. Estudo bibliométrico e epistemológico da produção científica em Educação Física na região Centro-Oeste do Brasil. 2012. 255 f. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012

SALUN, A. O. Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente? 2008. 227 f. Tese (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SALVADOR, P. J. O jogo mágico do Brasil no Maracanã. 216 f. 1995. Tese (Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

SALVADOR, P. J. Poder e racismo, ideologia de Maracanã, adeus, de Edilberto Coutinho. 89 f. 1988. Dissertação (Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

SANT'ANA, L. C. R. O futebol nas telas: um estudo sobre as relações entre filmes que tematizaram o futebol, duas ditaduras e promessas de modernidade, no Brasil e na Espanha – 1964/1975. 295 f. 2013. Tese (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SANTANA, W. C. A pedagogia do esporte e a moralidade infantil. 2003. 171 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SANTOS JUNIOR, N. J. A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923). 126 f. 2012. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, J. A. Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947). 2000. 277 f. Dissertação (História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, J. D. de Souza. A produção do conhecimento em Educação Física: análise epistemológica das dissertações e teses dos 269 programas de pós-graduação nas universidades públicas da região sul do Brasil (2000-2010). 2012. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SANTOS, J. M. C. M. Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. 501 f. Tese (História Econômica) - Faculdade de

Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, L. T. Futebol empresa e a democracia corinthiana: uma administração que deu dribling na crise. 1990. 175 f. Dissertação (Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

SANTOS, M. L. Juventude, exclusão e violência: o futebol como uma nova dimensão socializadora no universo da favela. 1999. 229 f. Dissertação (Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1999.

SANTOS, R. P. Futebol e história: uma jogada da modernidade: uma história comparada entre o desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924). 170 f. 2008. Dissertação (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, R. P. Futebol fora do eixo: uma história comparada entre o futebol de Porto Alegre e Salvador – 1889-1912. 192 f. 2014. Tese (História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, T. C. Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol. 1998. 143 f. Dissertação (Sociologia do Esporte / Jornalismo Esportivo) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SANTOS, W. J. F. Franquias em campo: uma leitura geográfica da mercantilização do futebol. 2015. 89 f. Dissertação (Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SCAGLIA, A. J. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés. 2003. 178 f. Tese (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCAGLIA, A. J. O futebol que se aprende e o futebol que se ensina. 1999. 255 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCHMITZ FILHO, A. G. Jornalismo esportivo na copa de 1998: uma tentativa de análise crítica das críticas. 179 f. 1999. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SCHWARTZ, C. L. M. Futebol em tradução: Narrativas impressas como tradução do acontecimento futebolístico e imaginação do estilo em comunidades locais e nacionais. 2014. 188 f. Tese (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SEDA, D. M. POR QUE VOCÊ NÃO OLHA PRA MIM?: Invisibilidade social de jovens em situação de vulnerabilidade e o futebol como luta por reconhecimento. 169 f. 2012. Dissertação (Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.

SEEMANN, P. A. A. A construção de um glossário bilíngue de futebol com o apoio da Linguística de Corpus. 2012. 230 f. Dissertação (Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SETTE, G. M. Canal SPORTV: uma análise sobre o processo de gestão da produção dos programas esportivos na digitalização da televisão por assinatura. 2010. 112 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2010.

SILVA, A. P. Pelé e o complexo de “vira-latas”: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. 232 f. 2008. Tese (Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, D. M. M. A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950). 2013. 210 f. Dissertação (História Social) -

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, D. S. A Copa do Mundo da FIFA 2014 veio ao Brasil: a gestão do estado de São Paulo como sede. 2016. 197 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SILVA, E. J. A Seleção Brasileira de Futebol nos jogos da Copa do Mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional. 2004. 335 f. Tese (História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004.

SILVA, G. C. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983). 2015. 144 f. Dissertação (História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, N. L. R. A farsa sincera: o tragicômico na crônica rodrigueana. 169 f. 2006. Tese (Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, R. Mestrados em Educação Física no Brasil: pesquisando suas pesquisas. 1990. 236 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1990.

SILVA, R. S. Tua imensa torcida e bem feliz... da relação torcedor com o clube. 2001. 142 f. Tese (Educação Física) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SOUSA, E. R. O que há de “Novo” nas pesquisas em Educação Física. 1999. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1999.

SOUTO, S. M. Mercado e tradição: os colunistas esportivos e a construção da identidade da seleção brasileira de futebol na Copa de 2002. 192 f. 2009. Tese (Comunicação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, F. A. P. Um estudo sobre a demanda por jogos de futebol nos estádios brasileiros. 2004. 117 f. Dissertação (Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SOUZA, J. M. C. Comunicação e transgressão no esporte. 228 f. 1994. Tese (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

SOUZA, J. P. M. Epistemologia da Educação Física: análise da produção científica do programa de pós-graduação da de educação física da UNICAMP (1991-2008). 2011. 220 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SPAGGIARI, E. Família joga bola. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2014. 470 f. Tese (Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SPAGGIARI, E. Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico. 2009. 265 f. Dissertação (Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

STAHLBERG, L. T. Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol. 2011. 127 f. Dissertação (Antropologia) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

STREAPCO, J. P. F. Cego é aquele que só vê a bola. O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S.C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942). 2011. 228 f. Dissertação (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

STYCER, M. J. História do lance: projeto e prática de jornalismo esportivo. 2007. 254 f. Dissertação (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

TADEU, C. B. Os gaviões da fiel e a águia do capitalismo ou o duelo. 1981. Dissertação (Sociologia do Esporte) – Universidade Federal de Campinas, Campinas, São Paulo, 1981.

TEIXEIRA, C. E. S. Da pobreza à riqueza: a ascensão social de jogadores de futebol profissional. 116 f. 2012. Dissertação (Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2012.

TEIXEIRA, L. A. C. Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989). 119 f. 2014. Dissertação (História) - Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2014.

TEIXEIRA, R. C. Os Perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas. 222 f. 1998. Dissertação (Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

TEIXEIRA, J. P. V. 1923: investigação sobre a existência de racismo no noticiário esportivo carioca. 167 f. 2011. Dissertação (Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2011.

TERRA, R. B. Megaeventos esportivos e políticas públicas: Jogos Pan-Americanos 2007 e suas relações com a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. 127 f. 2015. Tese (Esporte) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2015.

TOLEDO, L. H. Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional. 2000. 322 f. Tese (Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

TOLEDO, L. H. Torcidas organizadas de futebol: lazer e estilo de vida na metrópole. 1994. 263 f. Dissertação (Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

TONINI, M. D. Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). 2011. 432 f. Dissertação (História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TONINI, M. D. Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. 2016. 480 f. Tese

(História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

USHINOHAMA, T. Z. A narrativa audiovisual da transmissão direta e ao vivo da copa do mundo da FIFA: comparação entre a televisão analógica e a digital. 2014. 126 f. Dissertação (Comunicação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2014.

VASCONCELLOS, P. J. L. D.O futebol pela visão dos grafites : os casos de Buenos Aires e Rio de Janeiro. 2014. 147 f. Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

VENDITE, C. C. Sistema, estratégia e tática de jogo: uma análise dos profissionais que atuam no futebol. 2006. 78 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

VERNA, O. M. A bola feita mundo ou a produção de informação cultural na imprensa sobre futebol: o caso do jornal Lance!. 161 f. 1999. Dissertação (Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

VIANA, A. E. S. As relações de gênero em uma escola de futebol: quando o jogo é possível?. 2012. 132 f. Dissertação (Educação Física e Sociedade) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VIANA, R. S. Crônica de futebol: o drible entre a literatura e o jornalismo. 2008. 94 f. Dissertação (Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.

VIANNA, F. L. B. A bola e as toras: futebol para índios Xavantes. 2001. 254 f. Dissertação (Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

VIEIRA, V. Sentidos que norteiam a participação das torcedoras nos estádios de futebol. 280 f. 2010. Tese (Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

WILLIAMS, A. C. T. Locução de futebol no Brasil e na França, na XVI copa do mundo: um cruzamento lingüístico-cultural de um evento discursivo. 2002. 317f. Tese (Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ZAGO, V. L. O. Futebol em Campinas: a história e evolução do derbi campineiro, na sociedade e imprensa de Campinas: O espetáculo de gala do futebol campineiro. 2002. 376 f. Dissertação (Multimeios). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ZANDONADI, L. Sociologia da linguagem ao nível da crônica esportiva contemporânea. 1974. Dissertação (Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 1974.

CADAMURO, L. História da Educação no Brasil: Um estudo bibliométrico de teses e dissertações. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Área de Fundamentos da Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP. 2011.

Sites

GUEDES, S. L. Entrevista, 2013. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/simoni-lahud-guedes/>>

MEIHY, J. C. S. B. Entrevista, 2012. Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/entrevistas/jose-carlos-sebe-bom-meihy/>>

MURAD, Maurício. Entrevista com Mauricio Murad. Ludopédio, online. São Paulo, 2010. Disponível: <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/184>.

SOUZA, D. A. As origens de “O futebol é o ópio do povo”, 2018. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/as-origens-de-o-futebol-e-o-opio-do-povo/#_ednref2>.

SOUZA, D. A. O “futebol mulato” de Gilberto Freyre. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/gilberto-freyre/#_ednref3>.

REC.SPORT.SOCCER STATISTICS FOUNDATION BRASIL. Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/tablesae/brselcamp.htm>>.

Joel Rufino dos Santos – Biografia. Disponível em:<<http://joelrufinodossantos.com.br/paginas/biografia.asp>>.

Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Disponível em:<<http://www.teses.usp.br/index.php>>.

Catálogo de teses e dissertações da Capes. Disponível em:<<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>>.